FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

TERÇA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1967

ANO 47.º — NÚMERO 16048

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA—TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Nota do dia

INFLAÇÃO E OPTIMISMO

Um telegrama de Madrid distribuido por uma agência inglesa deixa supor que se acastelam algumas nuvens sobre a economia espanhola. Segundo esse telegrama, que se louva na opinião de peritos insuspeitos, a economia do país vizinho «apresenta os clássicos sintomas de inflação acompanhados pela estagnação da indústria pesada, um grande saldo negativo no comércio externo, diminuição dos investimentos particulares e um problema severo na balança de pagamentos». Se as coisas se passam como as pinta o correspondente inglês, o quadro não é, na verdade, animador. Não é essa, porém, a versão oficial dos factos, cujo optimismo se traduz num discurso recente do ministro do Comércio, sr. Garcia Moncó. Claro que a opinião pública de alguns países está sempre de sobreaviso contra declarações mais ou menos optimistas de entidades oficiais que contrariam muitas vezes a dolorosa realidade. Seja como for, os números não se podem iludir e o ministro espanhol do Comércio, «mau grado as dificuldades e as preocupações da hora presente», citou algumas cifras que justificam plenamente o seu optimismo. Basta dizer que, em dez anos, as exportações espanholas triplicaram. No sector industrial, o aumento foi de quatrocentos por cento, o que de certo modo desmente a suposta estagnação da indústria pesada. E' certo que o ministro se mostrou ainda preocupado com o «deficit» da balança comercial, «centro nevrálgico das dificuldades», mas apressou-se a informar que, mesmo nesse capítulo, as coisas têm melhorado sensivelmente e citou numeros que abonam a sua afirmação. Quanto ás flutuações da balança de pagamentos, outro problema grave da economia espanhola, como de todas as economias que não gozam de boa saúde, garantiu que, se as coisas correrem como até aqui, em princípios de Outubro se encontrará equilibrada. «Não há, portanto, motivo para pessimismo — concluiu. O Mundo abriu-nos as portas. Acredita em nós e não podemos defraudá-lo». Esta é a voz da Espanha que suportou orgulhosamente um longo período de isolamento económico e político e que hoje desfruta de uma invejável situação económica, sejam quais forem as dificuldades momentâneas em que se debate, e de uma posição de incontestável prestígio internacional, sejam quais forem as reservas que em alguns países se opõem ás instituições por que se rege.

O eng.º Cunha Leal que faz hoje 79 anos concluiu o 3.º volume das suas memórias

O sr. eng.º Cunha Leal ao completar 79 anos

No ambiente de carinhosa simpatia que caracteriza a sua vida familiar, rodeado da enternecedora ternura dos entes mais queridos, festeja hoje o seu 79.º aniversário

(Continua na página seguinte)

Um grupo de estudantes universitários estrangeiros, instalado num campo de trabalho em Monserrate, dedica todas as manhãs à tarefa de remover o que resta das árvores queimadas, há pouco mais de um ano, na serra de Sintra

(Ler na página central)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

DEMORA JUSTIFICADA

O chanceler Kiesinger, ao contrário dos seus antecessores, visitou Washington nove meses depois de formar o Governo de coligação de cristãos-democratas e socialistas. O dr. Adenauer atravessava, com frequência, o Atlântico e o dr. Erhard mostrou-se sempre pressuroso no cumprimento desse ritual. Era o tempo dos laços especiais que o primeiro estabeleceu e o ultimo desfez, sob a pressão dos acontecimentos. A demora em o fazer custou-lhe o cargo que ocupava e uma carreira politica coroada de êxitos. A visita do actual chanceler estava prevista para os primeiros dias de Julho, altura em que a crise do Médio Oriente fazia recear uma conflagração geral. Nas suas diatribes Nasser identificou os Estados Unidos e a Alemanha, acusando os dois países de auxiliarem os israelitas na luta. A acusação não tinha fundamento, mas os alemães, na sua esmagadora maioria, apoiaram a causa de Israel. No seio do Governo e nos meios parlamentares de Bonn estava inconcluso o debate sobre a redução dos efectivos da Bundeswehr.

Os americanos, que tinham reduzido os seus próprios efectivos na Europa de quarenta e cinco mil homens para ocorrer ás exigências da guerra do Vietnam, indignaram-se com a notícia de que os alemães fariam o mesmo, reduzindo de sessenta mil homens o seu Exército. Na estratégia das represálias graduadas, o Exército alemão tem o principal papel e assim se compreende a inquietação que se espalhou na capital americana. Finalmente, apesar da resistência do ministro alemão da Defesa, dr. Schroeder, foi a redução fixada em quinze mil homens, e mais cem mil do pessoal civil do seu ministério. Os americanos, apesar disso, reagiram enérgicamente e o chanceler não pôde adiar a visita. Esta realizou-se no signo de uma dupla incompreensão. Não podiam ser piores os seus auspícios. Um texano e um suábio dificilmente se entendem. Mas o presidente Johnson não está em condições de aumentar o rol das suas preocupações e o chanceler é obrigado a fazer boa cara a ruim tempo.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pedro Moreira venceu isolado a tirada mais longa da prova

(Do nosso enviado especial **FERNANDO SOROMENHO**)

CASTELO DE VIDE, 22 — Para a mais longa tirada desta «Volta» (218 quilómetros), os corredores abalaram de Beja ás 10 e 12, e pouca gente acudiu a despedir-se deles. O calor, era inevitável, começava já a apertar.

Às cerimónias habituais do envergar das camisolas amarela, verde e azul foram convidados a colaborar, respectivamente, o eng.º Sá e Sousa, representante do governador civil de Lisboa; Covas de Lima, delegado da D. G. D., e dr. Viana Barreto, médico da D. G. D., que acompanhou esta tirada como observador, com vista a alterações futuras na regulamentação da «Vol-

(Continua na última página)

O Egipto decidiu manter o Canal de Suez encerrado

(Ler na página 19)

32 PÁGINAS

JUVENIL
QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

GUIA TURÍSTICO
VIDA CIENTÍFICA

VISADO PELA CENSURA

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

A FEIRA DO ARTESANATO

A iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol com a Feira do Artesanato Português, este ano em quarta edição, tem obtido assinalado êxito e são muitos os milhares de pessoas que lá têm ido e valiosas as aquisições. Entre os visitantes e maiores apreciadores e até dos compradores mais entusiastas, contam-se os turistas estrangeiros que ora inçam a nossa primeira estância turística, enchendo por completo hoteis e pensões. Ontem a Feira do Artesanato Português, com seu enorme galo de Barcelos, a crista muito vermelha, a plumagem toda muito garrida, á entrada, foi á noite visitada pelo sr. Presidente da Republica, que era acompanhado de sua esposa e filha, D. Natália Thomaz. Foi recebido por várias personalidades e funcionários superiores ligados ao turismo e pelo presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. J. M. de Serra e Moura. O sr. Presidente da Republica percorreu todo o recinto, manifestando o maior interesse por muitos dos artigos expostos em que transparece a originalidade da arte popular portuguesa. Ao sr. Presidente da Republica e familiares foram oferecidas várias prendas por muitos dos expositores.

OS QUE FOGEM

Na estrada de Alcoentre-Aveiras de Cima, ao começo da noite, um carro deitou por terra o sr. António Marques, de 55 anos, casado, trabalhador rural, natural de Alcoentre. Caminhava na berma da estrada quando o carro o apanhou. Era ao começo da noite, mas o automobilista julgou que poderia penetrar na escuridade para sempre e seguiu o seu caminho. No local ficou estendido o pobre homem que, com fractura do braço direito e lesões internas veio para Santa Maria, ali ficando internado; e junto dele a muleta do fecho da porta direita do carro. A Polícia procurou e tornou a procurar o carro, encontrando-o depois no Cartaxo na altura do acidente era guiado pelo sr. Luís Filipe Oliveira Matos Coelho, de 20 anos, que fora passar o dia com uns amigos á Nazaré. Foi entregue ao tribunal do Cartaxo.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, ontem, os srs. dr. José Delfim Borges de Pinho, prof. dr. Pinto Barbosa, acompanhado do rev. padre Alberto Neto Simões Dias, e dr. Soares da Fonseca, almirante Filipe Castela e comandante Raul Sampaio Vieira, do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação, e dr. Luís de Lacerda, da administração dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

NO CENTRO DE SINTRA

Foi de madrugada que a encantada e adormecida Sintra foi sobressaltada com três tiros, no largo do centro da vila. Partiram as detonações de junto do chafariz em frente dos Bombeiros. As poucas pessoas que por ali vagueavam, correram para lá. E estava morto, com dois tiros no peito e um na cabeça, o sr. José Augusto Neto, de 60 anos, 1.º sargento da Guarda Fiscal, aposentado, natural do Sabugal e morador em Almada. Na mão inerme tinha a pistola. Foi chamado o subdelegado de Saude que apenas verificou o óbito e o corpo recolheu á casa mortuária do cemitério de S. Marçal.

A MOTORIZADA E O CAMIÃO

No lugar da Beirada, Salir, um camião e uma motorizada chocaram violentamente. A motorizada era conduzida pelo sr. Artur dos Santos, de 28 anos, pedreiro, ali morador, e o camião que ia na sua mão era conduzido pelo sr. Joaquim Maria Lobo, seguia com um carregamento de tomates para Silves.

A FURGONETA CONTRA A MOTORIZADA

No lugar das Arcas, freguesia de Geraz, concelho da Póvoa de Lanhoso, ia o sr. Luís da Silva Fernandes, o «Luisinho Conde», de 58 anos, como era mais conhecido em toda a região, na sua motorizada. Foi chocar com uma furgoneta, guiada pela sr.ª D. Maria Emília Gomes Moreira, de 35 anos, e foi depois morrer ao hospital daquela vila.

Deve ter fugido para Lisboa
o cadastrado que feriu a tiro um guarda da P. S. P. em Mafra

MAFRA, 22 — O cadastrado que ontem alvejou a tiro um guarda da P.S.P. nos calabouços desta vila, conseguindo escapar-se seguidamente para a Tapada Nacional, continua a ser procurado em toda a região por patrulhas da G.N.R. e da P.S.P., de colaboração com um piquete da Escola Prática de Infantaria.

As autoridades de Mafra recolheram, durante todo o dia de ontem, várias informações de populares que teriam lobrigado, de longe ou de perto, o criminoso Mário Francisco. Recortadas essas informações, pôde reconstituir-se o trajecto inicial da fuga, feita em direcção á foz do rio Lisandro, com passagem episódica pela povoação de Igreja Nova.

Avolumam-se as suspeitas de que o «fora da lei» contaria, na emergência, com o auxílio de quaisquer cumplices. Um dos testemunhos localiza-o em plena estrada de Sintra, falando com um automobilista. Mas a circunstância de o Mário Francisco estar armado fez com que, pelo menos até agora, vários populares se limitassem a observá-lo a considerável distância.

O destino do cadastrado parece ser, em ultima análise, a própria capital, onde poderá refugiar-se em lugar de confiança.

Entretanto, o guarda Francisco Inácio Carlos, operado de urgência, no Hospital de S. José, continua em estado melindroso, receando-se que possa vir a ficar inutilizado.

AUTORIDADES administrativas

Foram reconduzidos nos cargos de presidentes dos Municípios de Montemor-o-Novo, Castanheira de Pera e Vimioso, respectivamente, os srs. António Lopes de Andrade Junior, José Francisco Dinis e dr. Sidónio Augusto Fernandes.

Explosão de uma bomba num hotel de Hong-Kong

HONG-KONG, 22 — (R.) — Uma bomba abalou hoje o luxuoso hotel Hilton, de Hong-Kong, quando se aproxima do seu termo o prazo concedido pelo ultimato da China para que a Grã-Bretanha liberte jornalistas comunistas que se encontram presos.

Cinco funcionários de jornais de Hong-Kong foram ontem julgados por acusações diversas, incluindo sedição. O julgamento continua hoje, e não há qualquer indício de que a Grã-Bretanha tenha aceitado ou sequer tomado em consideração a ameaça oficial da China.

Na segunda-feira, a China estabeleceu o prazo de 40 horas para que o Governo de Hing-Kong levantasse uma ordem de suspensão relativa a três jornais pró-Pequim, libertasse todos os jornalistas comunistas, retirasse as acções ilegais iniciadas contra outros jornais comunistas e permitisse que as publicações pró-Pequim continuassem a sair normal e regularmente.

A próxima publicação
do 3.º volume das memórias do eng.º Cunha Leal

(Continuação da página anterior)

natalício o sr. eng.º Cunha Leal. Sem desejarem perturbar esse ambiente tão grato ao seu coração sensível, não quiseram, todavia, os seus amigos mais dedicados deixar de lhe fazer chegar também nesta data o testemunho da sua sincera estima e da sua profunda admiração, numa manifestação singela, mas bem significativa.

Nos cumprimentos que lhe levaram, pessoalmente ou por telegrama, quiseram homenagear o homem que constituí, efectivamente, o exemplo raro de uma longa existência dedicada aos problemas do País, quer como participante activo em valiosas tentativas de soluções indispensáveis, quer como espectador consciente, mas tantas vezes impotente, de decisivos eventos.

Começando pelo labor profissional, em que logo confirmou, como engenheiro dos caminhos de ferro no Ultramar, as qualidades que, com brilho excepcional, revelara em estudante, quis o destino que muito cedo se ampliassem os horizontes do seu interesse pelos grandes problemas nacionais. Chamado á política numa época particularmente difícil, assinalada por numerosos e frequentes acontecimentos, desenvolveu o sr. eng.º Cunha Leal uma acção marcada pelo vigor do esforço com que procurava encontrar as soluções mais adequadas ás circunstancias.

Nem sempre as suas intenções foram interpretadas no seu verdadeiro alcance, nem os pesados sacrifícios que lhe têm custado as posições firmes que tem tomado mereceram geral compreensão, mas quem serenamente se debruçar sobre as páginas da história do regime republicano em Portugal lá encontrará, com frequência, a presença indelével dessa acção, quer na Metrópole, quer nos territórios de além-mar, quer, até, em terras estranhas, revolvidas pelo fragor da metralha, quando vestindo a farda e incorporado no C. E. P., sentia que defendia, igualmente, o futuro da sua Pátria, numa luta que não mais deixaria de travar.

No Parlamento, no Governo, na vida privada ou em qualquer situação que se lhe haja deparado, até em circunstâncias episódicas, como foram as que o levaram á reitoria da Universidade de Coimbra, onde o seu nome ficou sempre recordado pelo bom senso e pela inteligência da sua actuação, o sr. eng.º Cunha Leal tem sido o mesmo batalhador infatigável, capaz das mais apaixonadas e arrebatadoras atitudes em defesa do que, corajosamente, tem apontado como o caminho do interesse nacional e o mesmo homem de espírito lucido que sabe analisar os problemas e desassombradamente os apresenta. Violento nos seus ataques, nunca deixou de revelar a mais impressionante generosidade pelos seus próprios adversários, numa galhardia invulgar. É bem conhecida a sua acção por ocasião do tenebroso movimento do 19 de Outubro, em que teve a vida por um fio.

É este homem notável, a quem os parentes hoje rodeiam de carinhos numa sádia festa familiar e os amigos saudam, numa homenagem sem exteriorizações formais, que se mantém com impressionante vigor, ao completar 79 anos de idade. Autor de uma obra vasta, que fica a documentar algumas fases cruciais da nossa história contemporânea, entregou-se, nos ultimos anos, á tarefa meritória de escrever as memórias. Além do interesse que sempre empresta a tudo quanto escreve, na sua prosa inconfundível, tem esta obra um altíssimo valor pela visão objectiva que nos proporciona dos acontecimentos em que o sr. eng.º Cunha Leal participou directamente ou de que foi o observador arguto que melhor nos pode ajudar a compreendê-los. Estão publicados dois volumes de «As Minhas Memórias», o último dos quais abrange o período que vai de 1 de Janeiro de 1917 a 28 de Maio de 1926. Aos amigos que o foram agora cumprimentar pela passagem do seu aniversário deu o sr. eng.º Cunha Leal a grata notícia de ter concluído o terceiro volume, que abrange alguns anos mais da sua existência. Factos que presenciou, personalidades com quem contactou ou que viu passar pela cena política, atitudes que tomou e que muitos não compreenderam mesmo na altura própria, vão surgir agora, neste novo volume, relatadas com a mesma clareza e com a mesma franqueza que constituem características essenciais deste precioso depoimento que dificilmente poderia ser feito por outra pessoa que não fosse o sr. eng.º Cunha Leal. A obra, cujo aparecimento assim espera trazer, de novo e próximamente, a publico, como as outras que puderam ser lidas com incontestável avidez e verdadeiro proveito por todos que se interessam pelo estudo da nossa época — amigos ou adversários — constitui, sem dúvida, um acontecimento que nos apraz registar no dia do seu aniversário.

O «Manuel da Fruta»
(desde logo indigitado criminoso) confessou-se autor da morte do septuagenário de Olival Basto

Nove dias após o aparecimento, em Olival Basto, do cadáver do septuagenário José Cardoso, assassinado á paulada, como largamente nos referimos, a Polícia Judiciária dá por concluídas, nos seus aspectos essenciais, as averiguações que imediatamente iniciou para o esclarecimento das causas e das circunstâncias em que o crime foi praticado.

Como, então, se disse, foi ao local uma brigada daquela corporação e os peritos do Instituto de Medicina Legal, que ali procederam a cuidadoso exame e também do cadáver, para a eventual recolha de elementos que permitissem orientar a investigação. Da conjugação dos mesmos com os que foram fornecidos por aqueles peritos, pôde concluir-se que o corpo do septuagenário apresentava, além de fracturas do antebraço esquerdo e do maxilar inferior, lesões traumáticas do encéfalo que determinaram a morte, denunciando hipótese homicida.

Outros elementos entretanto recolhidos e que, de algum modo, o comprometiam, fundamentaram a captura de Manuel Nunes Mendes, conhecido por «Manuel da Fruta», vendedor ambulante, casado, de 42 anos, natural de Alvaiázere — São Pedro Rego da Marta.

O desenvolvimento da investigação, sem abandonar outras possíveis hipóteses, veio permitir a recolha de uma série de indícios, os quais, a pouco e pouco, fizeram avolumar as suspeitas que inicialmente recaíam sobre aquele. Além de outras, averiguaram os investigadores que, já anteriormente á sua captura, o arguido se ocultara aos investigadores quando procurado em sua casa.

Além disso, a omissão, por parte daquele, de factos posteriormente averiguados e as contradições que a investigação lançou pondo a descoberto levaram-no, em face de elementos de vária ordem que foi possível recolher, á confissão pormenorizada do crime.

A versão do arguido

Sabe-se, assim, que na madrugada de 12 do corrente o Mendes se dirigiu, como habitualmente, para o mercado de Olival Basto. Quando procedia ao transporte do vazilhame da fruta para o local onde, mais tarde, seria carregado em camioneta, destinado aos mercados de Lisboa, notou um ruído anormal junto dos caixotes e cabazes com fruta.

Ao proceder á contagem dos últimos, como desse pela falta de quatro, foi á parte detrás da barraca junto da qual costumava guardar aqueles utensílios, depois do que verificou que, a poucos metros do local — onde, mais tarde, veio a aparecer o cadáver —, seguia um desconhecido que levava os quatro cabazes.

O «Manuel da Fruta», que, desde há muito, verificava constantes desvios do seu vazilhame, resolveu perseguir o desconhecido, ao mesmo tempo que lhe pedia para abandonar o que furtara. Ao aproximar-se do homem, lançou-se sobre ele, derrubando-o, enquanto — segundo afirma era por aquele ameaçado com uma navalha, que, todavia, não chegou a ver. Após breve troca de palavras mais exaltadas, o arguido, que, entretanto, se apoderara do próprio pau que a vítima utilizava no transporte dos cabazes subtraídos, vibrou-lhe com esse instrumento os golpes que lhe causariam a morte.

O respectivo processo está a ser ultimado e, em breve, será remetido a juízo.

XI FESTIVAL INTERNACIONAL DE SINTRA

HOJE, ÀS 21.30 HORAS

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

EXTRAORDINÁRIO

CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA

com obras de **Coperario, Dowland, Handel** e **Purcell**

THE ANGLIAN CHAMBER SOLOISTS (LONDON)

Amanhã, no Teatro «Carlos Manuel», **Concerto Sinfónico** de Música Portuguesa e Brasileira com a Orquestra Sinfónica da E. N. dirigida por MANUEL IVO CRUZ, tendo como solista, ao piano, **DINORAH LEITÃO.** Serão executadas obras de Guarnieri, Ivo Cruz e Joly Braga Santos.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Os algarvios

— Já alguma vez comeu caracóis?

● *O jovem Paulo José Calvão Mesquita de Almeida, tipógrafo, disse-nos que sim com ar satisfeitíssimo. «Sou apreciador». E explicou como e porquê:*

— O caracol é muito saboroso. Se tiver todos os temperos, claro, porque sem eles não me agrada. Há diversos tamanhos — mas prefiro a caracoleta (caracol grande). Como sempre mais de um prato. Onde? Num «snack-bar» da Rua da Conceição. Ou em Caxias, no Clube Recreativo do Lagoal. E não percebo como há gente que acha nojento o caracol. Cobra, sim, era capaz de me enjoar. Agora este bichinho inofensivo...

● *Duas respostas afirmativas puxaram uma terceira, esta do sr. Jaime Baptista Coelho, vendedor de jornais:*

— Se alguma vez comi caracóis? Olha a pergunta! Ainda ontem, meu amigo, ali na Travessa dos Inglesinhos. Ao sábado e ao domingo estou sempre lá calhado. Como normalmente dois pratinhos, de 1$50 cada, com umas cervejas a acompanhar.

Um amigo diz ao lado:

— Sabe qual é o prato preferido do Coelho?

Vamos responder que são os caracóis, mas o amigo sabe melhor:

— É... coelho!

● *Uma dona de casa, a sr.ª D. Adelaide Sofia da Costa Silvestre, revelou também (contra toda a expectativa) um apetite certo por caracóis. Há muitos anos que os come. Contou mais:*

— Não os sei arranjar, confesso, mas compro muitas vezes para levar para casa, já cozinhados. Toda a gente gosta: a minha mãe, o meu marido, os meus filhos. Sirvo-os como aperitivo. O pior é que somos todos muitos gulosos... e o caracol já não está nenhuma barateza.

Um camião de peixe atropelou mortalmente uma mulher e deixou a mãe com vários ferimentos

ÍLHAVO, 22 — Um camião de peixe da casa Carlos Manuel Conceição Serafim, de Matosinhos, por motivos que as autoridades procuram esclarecer, embateu numa carroça, na qual seguiam Maria de Lurdes Estrela Pereira, solteira, de 24 anos, e sua mãe, Albertina Domingues Estrela, casada, de 50 anos, as quais caíram no solo a sangrar.

Conduzidas ao hospital desta vila, a primeira não resistiu aos ferimentos e faleceu momentos depois, sendo o seu cadáver removido para a casa mortuária; a segunda, depois de tratada, foi para casa. São ambas naturais de Cabeço de Mira.

A posição em que ficou a camioneta

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

A «Maria Rapaz» não tinha dinheiro mas queria dormir num quarto particular...

Inesperadamente, veio a publico nova aventura da famosa «Maria Rapaz», que há uns trinta e tal anos se tornou célebre. Primeiro porque, para arranjar emprego, adoptara o trajo masculino, fazendo-se passar por homem. Depois, porque enveredara pelo crime, transformando-se numa hábil sovaqueira. Após inumeras prisões, conseguiu, por volta de 1950, partir para o Brasil, onde parece ter vivido até agora.

Ontem soube-se que estava de novo em Lisboa, ao ser presa quando tentava roubar uma cliente da casa Brás & Brás, na Travessa Nova de S. Domingos. Na esquadra do Teatro Nacional, declarou a sua identidade: Aurora de Sousa, de 72 anos, natural do Bonfim, Porto, e actualmente residente na Rua de S. Domingos de Benfica. (A «Maria Rapaz» usou variados nomes. Será esta a sua verdadeira identidade?)

Na esquadra foram-lhe apreendidas 40 000 liras, 47 500 cruzeiros e 2650 escudos. Transferida para o Governo Civil, pediu para dormir num quarto particular. Como a mulher-polícia que lhe tinha revistado as roupas estranhasse o pedido — visto que a «Maria Rapaz» declarara não ter mais dinheiro — resolveu proceder a nova revista, encontrando-lhe, junto ao corpo, mais 1100$00.

A presa, com o dinheiro apreendido, vai ser remetida á Polícia Judiciária, para organização do respectivo processo.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P.S.P. (Governo Civil): uma caixa de papelão com garrafões; um sobrescrito endereçado á sr.ª D. Maria Luísa Paulo; uma caixa de pergamóide com um livro; um par de pantufas; uma carteira com livros de cheques; um porta-moedas com dinheiro; uma *gelatina* com documentos em nome de Merz Hans Rudolf; uma carteira com documentos do sr. Luís Silva Sequeira; os bilhetes de identidade da sr.ª D. Maria Leonor Louro Caldeira, dos srs. Manuel Hipólito Rodrigues e Joaquim Marques de Matos e da sr.ª D. Bernardina da Silva Lopes; a cédula pessoal do sr. Mário Manuel de Almeida Teixeira; o cartão sindical do sr. José Francisco Almeida Ribeiro; a certidão de casamento do sr. Alfredo Ferreira; um saco de rede com um casaco; um sapato de senhora; um tampão de roda de automóvel; um pedal de velocípede; um porta-chaves e argolas com chaves.

QUEM ACHOU?

Um empregado de seguros perdeu, ontem, á tarde, na estação do metropolitano do Rossio uma pasta com documentos importantes. Agradece a quem a achou o favor de lhe comunicar pelos telefones 842109 ou 344141.

UMA CAMIONETA CAIU AO RIO MAS SEM GENTE DENTRO

Esta manhã, no cais da Ribeira Nova — local onde se faze a descarga do peixe miudo — deu-se um acidente que só por um feliz acaso não provocou vítimas.

Eram 11 e 30. Uma camioneta encontrava-se estacionada junto a um depósito de peixe e a carregar. O seu proprietário e motorista, pouco antes abandonara a cabina, a fim de ir á procura de umas grades suas para condução de peixe.

O veículo começou então a deslisar pela rua, que é inclinada para o lado do rio e bastante escorregadia. Houve gritaria e o veículo foi aumentando de velocidade e, galgando o cais, entrou no rio ficando em parte submerso.

Felizmente apenas passou de raspão junto de uma senhora, a qual nada aconteceu, além do susto.

O guarda da P. S. P. em serviço no porto de Lisboa, Antero Cardoso de Sousa, imediatamente participou o acidente para a Central dos Sapadores Bombeiros, cujo material não se fez esperar.

Sob a direcção dos chefes ajudante Casimiro e Lourinho, os Sapadores com o auxílio de um potente pronto-socorro-grua, retiraram a camioneta.

A REUNIÃO DO ROTARY

A reunião habitual do Rotary Club de Lisboa — dedicada hoje ao companheirismo — presidiu o sr. dr. Carlos Elias da Costa.

Assistiram dezenas de rotários, entre os quais se notavam muitos estrangeiros.

Aberta a sessão, o presidente saudou a bandeira nacional, acto que foi acompanhado pela assistência de pé e com calorosa salva de palmas.

O director do protocolo, sr. Alberto Nunes de Carvalho, procedeu á apresentação dos convidados e rotários visitantes, tendo para todos palavras de muita simpatia.

O secretário adjunto, dr. António Nunes de Oliveira, deu conta do expediente e referiu-se á presença de sócios noutros clubes.

Seguidamente o presidente disse que a reunião era dedicada a companheirismo e salientou a importância do seu desenvolvimento como elemento capaz de proporcionar oportunidades de servir.

Afirmou ser um sector fundamental de Rotary, pois as avenidas, de serviço, Acção Interna, Acção Profissional, Acção Publica e Acção Internacional sómente poderão ser plenamente percorridas quando houver sólido e completo companheirismo entre todos, e lembrou que começando nas reuniões, continua no trabalho em comum onde se manifesta, afinal, o melhor tipo de Companheirismo.

A reunião prosseguiu depois em animado ambiente, demonstrativo do grande interesse destas sessões.

Regressou a Lisboa o prof. Carvalho Fernandes

Regressou a Lisboa, vindo de Lourenço Marques, o prof. eng.º Carvalho Fernandes, administrador-delegado da Standard Eléctrica, que se deslocara a Angola e Moçambique em visita de estudo, cuja finalidade é a instalação ali de unidades industriais especializadas em electronica e telecomunicações.

Vem ao Tejo a quinta esquadra da Armada holandesa

Sob o comando do comodoro J. Doorenbos, chega no próximo dia 1 de Setembro ao Tejo, em visita de rotina, a quinta esquadra da Armada Real dos Países Baixos, que permanecerá alguns dias no porto de Lisboa.

A esquadra é constituída pelos seguintes navios de guerra: porta-aviões «Karel Doorman», tendo a bordo duas esquadrilhas de aviões; fragata «Van Nes»; caça-submarinos «Limburg», «Drenthe», «Zeeland» e «Noord-Brabant»; e submarinos «Walrus» e «Potvis».

Durante a permanência dos navios no Tejo, os membros das tripulações visitarão diversos locais de interesse turístico nos arredores da capital e farão excursões a Fátima e Mafra.

Nos dias 2 e 3, os quatro caça-submarinos, atracados na doca da Marinha, estarão patentes ao publico, das 16 até ás 18 horas.

Perguntar por perguntar

● **A «Zona Azul», em boa hora criada nas artérias de grande movimento, tendo em vista a utilização dos locais de estacionamento por maior numero de automobilistas, não tem servido convenientemente os seus propósitos. De facto, a «Zona Azul» está a constituir um escândalo: de conivência com guardas de certos parques, os utentes dos carros estacionam-nos para além do limite estabelecido, n alguns casos mesmo durante todo o dia. A um guarda de certo parque, bem próximo do comando distrital da P. S. P., é vulgar ouvi-lo perguntar aos automobilistas: «Chega-lhe esse tempo?...». Claro que não chega. Só se fosse ingénuo...**

● **Assim a «Zona Azul» está a pedir uma vigilancia muito aturada, uma repressão policial que se faz sentir em todo o lado, mas não chega a certos locais. Com efeito, quando se pára (ou estaciona por cinco minutos), num local proibido, aparece imediatamente um polícia: Parece-nos, porém, que a repressão, para ter efeitos válidos, tem de ser de cima para baixo:**

● **Assim como estão as coisas, isso não. A «Zona Azul» não é, afinal, para todos. Uns são privilegiados. Outros largam os veículos e pouco se importam. Outros ainda (caso de motorizadas) ocupam grandes espaços durante horas consecutivas, também sem respeito pelas disposições. Não seria possivel uma brigada policial permanente, em vigilância no Chiado e nalgumas ruas da Baixa, para reprimir tão escandalosos abusos?**

Proibido na Grécia partir pratos em restaurantes

ATENAS, 22 — (R.) — Na Grécia, os fabricantes de louças têm os armazéns a abarrotar porque a Polícia proibiu que fossem partidos pratos nos restaurantes e botequins, pelos clientes amigos da diversão.

Calcula-se que desta maneira eram partidos todos os meses uma média de cem mil pratos. A proibição faz parte de uma das muitas disposições tomadas pelo Governo para forçar o povo a tomar a sério responsabilidades.

A diversão de partir pratos tornou-se conhecida na Grécia durante as filmagens da película «Never on Sunday», rodado em 1959. Uma das suas cenas requeria que a actriz Melina Mercouri partisse pratos num botequim. O realizador Jules Dassin, partidário da perfeição, fez com que a cena fosse repetida diversas vezes, e o resultado veio a cifrar-se num montão de louça partida.

Subitamente os gregos acharam que partir pratos era um válvula de escape emocional, e, em 1963, três grandes fábricas de loiças e perto de cem pequenas oficinas lutavam por prover á nova necessidade.

Raul Solnado voltou do Ultramar

Regressou esta manhã a Lisboa, vindo de Lourenço Marques, o popular actor cómico Raul Solnado, que fez uma digressão de duas semanas, por aquela província.

Escola de Enfermagem Artur Ravara

Na Escola de Enfermagem Artur Ravara estão abertas, até 30 do corrente, as inscrições para os Cursos de Enfermagem Geral e de Auxiliares de Enfermagem.

A secretaria da Escola, que funciona das 9 ás 12 e das 14 ás 17 e 30, com excepção dos sábados, em que está aberta das 9 ás 12 e 30, presta todos os esclarecimentos.

EM TRÊS LINHAS

Foi fixado o início do prazo estabelecido para apresentação do novo projecto de regulamento para a classificação dos cafés portugueses.

///

Publicou-se hoje em suplemento ao «Diário do Governo» o Regulamento da Caça, ao qual há dias nos referimos.

Novo produto para deixar de fumar

As drageias «Fumano» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço de propaganda: 375$00. Pedir o produto à cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zemig Departamento Distribuidor — Rua de S. Dinis, 594 — Porto.

DUAS LETRAS, UM BRASÃO AO SERVIÇO DA NAÇÃO

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

A comédia «O fusível»

Somente até ao dia 31 do corrente, estará em cena, no moderno e confortável Teatro Villaret, com ar refrigerado, a alegre e divertida comédia «O fusível», com os não menos alegres e divertidos Humberto Madeira, Barroso, Fernando Borsatti, Henriqueta Maya, Pinhão, Manuela de Freitas e, no protagonista, Canto e Castro. Todas as noites há duas sessões, ás 21 e ás 23 horas. Aos domingos, além das sessões nocturnas, há «matinée», ás 16 horas.

MONUMENTAL

Um bom espectáculo

Uma comédia engraçadíssima e de muito bom gosto está no cartaz do Monumental, já há sete semanas. Trata-se da famosa comédia francesa «A flor do cacto», em que Laura Alves, mais uma vez, põe á prova os seu vastos recursos de comediante, interpretando a figura de uma enfermeira empregada num consultório de dentista e apaixonada pelo patrão, sem que este se aperceba. Paulo Renato, na figura principal masculina, tem também um excelente desempenho. Actuam ainda, com grande relevo, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Rui Mendes, Alexandre Vieira e Alda Pinto.

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» esta a venda na CASA PEDRO ALVES. SUC. RUA DO BATALHOZ.

A B C

A nova temporada

Charles, um dos mais conhecidos e competentes coreógrafos portugueses, encontra-se, pela primeira vez, contratado pelo empresário José Miguel. Serão, pois, da autoria deste técnico, os bailados a apresentar na revista «Mulheres á vela», em ensaios no Teatro ABC. Charles, trabalhador competente e aplicado á sua profissão, autor de muitos êxitos, prepara com natural cuidado a coreografia para o espectáculo que, neste princípio de temporada, fará a reabertura do ABC. Valioso é o elenco, em que se destacam os nomes de Humberto Madeira, Ivone Silva e Aida Baptista, como actriz convidada. Valioso será, também, o poema, escrito por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha. De maior valia, da maior actualidade e inspiração, será a musica, composta pelos maestros João Nobre e João de Vasconcelos. Por todos estes motivos, é aguardada, com lógica expectativa, a estreia da nova revista «Mulheres á vela».

IMPÉRIO

A sessão clássica de amanhã

«Rebecca» foi considerado, pela Academia de Hollywood, como o melhor filme do seu ano e teve, também, outro óscar — o da melhor fotografia. Baseado no romance de Daphne Du Maurier, «Rebecca» reune, em interpretações notáveis, os nomes de Joan Fontaine, «sir» Laurence Olivier e George Sanders. Agora em cópia novo, «Rebecca» vai ser o magnífico programa da 542.ª sessão clássica do Império, a realizar amanhã, ás 18 e 30.

Caterine Valente é a 5.ª geração de uma dinastia do circo

por KATJA VON LEHN

Consta que certo dia o «rei» do cinema japonês, Watanabe, declarou com tristeza: «Podemos imitar tudo o que os europeus fazem, á excepção da Valente!» Este suspiro corresponde absolutamente á verdade, pois Caterine Valente, vedeta da Republica Federal da Alemanha no negócio dos «shows», não tem comparação nem precedentes. Nenhuma outra cançonetista de língua alemã, nem sequer Marlene Dietrich, conquistou tantos êxitos internacionais como «Caterine», com os seus 36 anos.

Nas suas veias corre sangue italiano, espanhol e francês. Ainda estava no berço, quando se decidiu que faria um curso de bailado. Pertence á quinta geração da «dinastia do circo» dos Valentes. José Valente conquistou fama sob o pseudónimo «di Zasso», virtuose de acordeão; a mãe de Caterine Valente era considerada «o melhor palhaço musical da sua época». Ao escolher o marido, Caterine manteve-se fiel ao ambiente do circo e do teatro de variedades: seu marido, Eric van Aro, era um conhecido equilibrista, antes de passar a empresário de sua mulher.

O casal Valente levava os filhos para toda a parte. Aos 5 anos entrou pela primeira vez em cena. A família percorreu quase toda a Europa, esteve na União Soviética, e Caterine aproveitou todas as oportunidades para aprender línguas. Hoje esta autêntica «união acustica da Europa Ocidental», como um seu colega a definiu, domina perfeitamente 6 línguas, podendo cantar as suas canções em 13 línguas.

Foi o musico de «jazz» alemão Kurt Edelhagen que em 1953 descobriu a voz desta mulher que «das pontas dos cabelos até ás pontas dos dedos dos pés é um vibrador rítmico», segundo as palavras de um crítico vienense. Caterine penetrara simplesmente no estudio da Rádio de Baden-Baden e cantara perante Edelhagen, que ficou desde logo entusiasmado. Antes disso já tentara uma vez cantar na Rádio Luxemburgo, onde lhe disseram com certa rudeza: «Não tem voz nenhuma!» (Mais tarde verificou-se que Caterine tinha cantado diante de um microfone avariado).

O seu extraordinário talento, aliado a uma energia de ferro, abriu-lhe as portas da maior «industria do entretenimento» do mundo: o «showbusiness» americano. Caterina Valente foi a primeira artista não americana distinguida em 1965 com o «Oscar» da televisão dos jornalistas americanos da especialidade. Desde então, aparece frequentemente na televisão americana, ás vezes com um «show» próprio. Caterine volta sempre á Alemanha, onde começou a sua carreira. «Bon soir, Caterine», foi o título de quatro programas da televisão de grande êxito, em 1965. Acabam de ser rodados mais quatro programas para a televisão alemã, realizados em colaboração com o «regisseur» Michel Pfleghar e a televisão holandesa.

Apesar de todos os seus compromissos, Caterine tem uma vida de família exemplar. «Casa Paraíso» é o nome que deu ao seu domicílio nas margens do Lago de Lugano. Além do marido e de um filho de 9 anos, vivem com ela ainda 3 cães, 2 papagaios e um gato. Quando está em casa, Caterine dedica-se aos seus passatempos preferidos: cozinhar e fazer fotografias.

Pouco antes de partir para os Estados Unidos, onde realizará uma digressão de vários meses, Caterine Valente deu uma prova das suas capacidades no domínio cómico, no aeroporto Reno-Meno, em Francfort. Com uma cabeleira de Beatle e tocando uma guitarra em miniatura, cantou aos jornalistas uma canção de despedida

CASINO ESTORIL

MAYA CASABIANCA

VEDETA INTERNACIONAL DA CANÇÃO FRANCESA

JOAN RHODES

PRODÍGIO DE FORÇA... ...FEMININA

MARIA VALEJO

UMA VOZ PORTUGUESA

LUSKA SHOW

COM JACQUELINE MILLE

E AINDA

THILO'S COMBO

MAIORES DE 17 ANOS

2 HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

NO MONUMENTAL

TEATRO com AR REFRIGERADO

AS 21.45 H. —— (ADULTOS)

PREÇOS DE VERÃO

3.ª BALCÃO. frente, 5$00

DOMINGO, A TARDE, AS 16 H.

LAURA ALVES

mais alegre do que nunca

7.ª SEMANA

2.ª MÊS

na comédia

A FLOR DO CACTO

com Paulo Renato, Carlos J. Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Rui Mendes, Alexandre Vieira, Alda Pinto

encenação de SANTOS CARVALHO

Subsidiado pelo Fundo de Teatro RAUL SOLNADO

apresenta

Bilhetes desde 15$00

2 Sessões ★ Adultos

21 horas e 23 horas

AR REFRIGERADO

Só até 31 de Agosto

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

O FUSÍVEL

a comédia onde tudo é «pusível», com HUMBERTO MADEIRA ★ Barroso ★ Fernanda Borsatti ★ Henriqueta Maya ★ Pinhão ★ Manuela de Freitas e no protagonista Canto e Castro

Pinhão

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

mantém diáriamente e para prazer dos visitantes todas as suas grandes características de atracção

UMA VISITA À FEIRA — UMA NOITE BEM PASSADA

— E O RESTO... O RESTO FARÁ A SORTE, O PASSATEMPO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

OFERECE UM PRÉMIO DIÁRIO

UM VOTO. UM PALPITE. E PODE SER SUA NA ETAPA DE CASTELO DE VIDE-PENHAS DA SAÚDE

UMA ESPLÊNDIDA BATEDEIRA

OFERTA DE MUNDO ELÉCTRICO, LDA.

RUA CONDE DE REDONDO, 1-A

—— ABERTURA ÀS 19 HORAS ——

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — **Noronha Feio foi ao «Momento Desportivo». Minha curiosidade teve um sobressalto. Até porque Artur Agostinho avisou, com suficiente clareza, irmos ouvir coisas sérias. Prepare-se aí quem goste dos pratos fortes e não tema as emoções violentas. Eu cá, se quiserem um voluntário.**

Nada se passou, afinal. Noronha Feio sabe dos palcos e dos bastidores. Abandonou o I. N. E. F. e vai dirigir o departamento da Educação Física em Moçambique. De quem sabe tanto, havia que exigir disse-se alguma coisa. As dificuldades, as perspectivas, ou então nada disso: apenas a situação actual da educação física entre nós.

Noronha Feio nem sequer esboçou um gesto. E a esta distancia, tão breve, que ficou das suas palavras? Que nunca se sentiu dono do I. N. E. F. Que uma escola tem de se renovar constantemente. Que para ele não há homens insubstituíveis. Que, em relação a ele, é chegado o momento de. Em relação á Educação Física em Portugal, é claro que. Mas mesmo assim, fez-se muito. Fez-se bastante, mas ainda não basta...

E eu pergunto. Pergunto se para tanta melancólica banalidade era preciso gastar 12 minutos preciosos na televisão. Doze minutos de lugares-comuns pesam muito. Na TV, á duzia sai sempre mais caro.

Um momento: ainda vou a tempo de me penitenciar de uma injustiça. Foi quando eu disse que Noronha Feio não atacara problemas reais, concretos como o toucinho. Ai isso é que atacou. Atacou sim senhores. Então ele não disse que ao professor de Educação Física falta uma carreira? Eu cá, ignorante por dentro como uma abóbora, pensava que ao professor de Educação Física faltavam elementos essenciais para uma actividade util: consideração social, condições de trabalho pleno, compensação económica, etc. Nada disso. O que lhes falta é «carreira», o que falta é integrar o I. N. E. F. na Universidade Portuguesa. Quando os educadores do físico forem doutores tudo será melhor, oh, muito melhor, aquilo com o dê errezinho vai ser uma alegria no carrocel.

Eu compreendo: há que valorizar o ensino da educação física, há que tratá-la não como parente pobre. Há que lhe dar suficiente grau. Sem duvida. Mas se se universitar a educação física e faltarem ginásios, materiais, horários e condições de ensino e de prática, será que nesse caso a educação física dá um decisivo passo em frente? Serão as vitaminas DR. indispensáveis ao crescimento da educação física?

A perguntas que não se fizeram, respostas que não se deram. A entrevista esperançosa afundou-se no mar das convenções que é pior, muito pior, do que o mar dos sargaços.

POESIA E MOVIMENTO — Sobre Camilo Pessanha escreveu e falou Maria Virgínia Aguiar. Foi muito feliz quem ouviu e percebeu alguma coisa. Por mim, passo. Certo que não ouvi e não gostei. Isso é outra história.

Os versos de Camilo Pessanha passaram pela voz de Norberto Barroca. O recitador teve a arte de transformar a subtileza em monotonia. Aliás, para todos os poetas e para todos os poemas, Barroca utiliza o modelo único. Há que rever processos. Também é verdade que ele ficou muitas vezes soterrado pelas avalanchas de musica. Camilo Pessanha foi a grande vítima, o que não deixa de ser paradoxal: Pessanha, o que era mais do reino da musica do que do reino da palavra. Da palavra gasta, entenda-se.

Da ilustração ballética encarregaram-se alguns jovens bailarinos através de uma coreografia decalcada sobre musica discursiva, musica perfeitamente oposta ao mais significativo, ao mais perene Camilo Pessanha. Trata-se, como ficou patente, de jovens ainda não de posse daquela técnica depurada que permite ao espectador desprender-se da execução para se encantar no movimento. A perfeição técnica não liberta só o bailarino: liberta o espectador. Não liberto, o telespectador via os bailarinos, não a alma deles; via a pedra, não o lume que nela mora. E quem pagou foi ainda o Camilo Pessanha: os telespectadores, pendurados pelos olhos (a televisão inaugurou esta maneira de enforcamento), não ligaram nenhuma ao poeta.

Os próprios versos escolhidos para a rubrica de ontem se tornaram inimigos do poeta, na sua maioria, eles reflectiam aquilo que Pessanha ainda trazia nos ouvidos, em especial Cesário Verde. Mas elementarmente se devia saber que Camilo Pessanha foi o *depois disso*. João Gaspar Simões: «*Nada menos verbalista do que a poesia de Pessanha*». O resultado da recolha arbitrária dos poemas foi, como não podia deixar de ser, barrar o caminho ao melhor, ao mais vivo do poeta.

Tudo, pois, conjugou esforços contra quem se pretendia homenagear. Quando não se ama, há destas ironias que batem todos os «records». Uma rubrica em que musica (havia Debussy, caramba!), «ballet», recitação, deficiência de som e de imagem e os próprios poemas se comprometem a esconder o que pretendiam revelar — uma rubrica que pode tudo isso ao mesmo tempo merece ficar na História. E fica. De qualquer forma, é um documento.

RECITAL — Wilhelm Kempff acabou de oficiar. Por causa destas e de outras é que eu amo a televisão. Por causa destas e de outras é que eu acredito no futuro da Televisão. Bom, acredito mais no seu futuro do que no seu presente, mas quando o seu presente nos dá estas sementes do futuro sinto-me, como é que hei-de dizer... Sinto-me vingado. Esperem: não é bem isso: E' um conforto como quando a gente diz «amo-te», ou não diz e deixa o negócio aos olhos.

A R. T. P. tem de encarar a sério estas extaordinárias sessões de arte, tem de defendê-las ao máximo. Ela atira pela janela fora moedas de oiro de valor incalculável. Quero eu dizer que o facto de se apresentar ao publico português um Wilhelm Kempff é um serviço cultural de notável relevancia em si mesmo. Mas há que não esquecer as realidades. Há que chamar muitas vezes a atenção do publico para os artistas, há que os pôr pelo menos em situação de igualdade com os grandes «cracks» da bola — perdoem se estou a exigir de mais...

Repararam na extrema simplicidade da realização? Repararam na total ausência de exibicionismos, de mundanismo? Nada de publico, a não ser longínquamente as palmas, a não ser as vénias de Kempff. Como que nos encontrávamos, não numa sala de concertos, mas numa cela, num templo de máxima austeridade, teremos talvez de recuar muitos milhares de anos até se encontrar um templo assim, paredes nuas, ou nem isso, apenas o céu, ou nem isso mesmo, sómente os nossos olhos abertos, abertos.

Se eu me governasse a mim próprio segundo os meus direitos, despedia o televisor logo depois de Kempff, vai-te embora, moço, ganhaste o dia, toma lá para uma cerveja.

Mas não pertenço a mim, pertenço ao mundo, o mundo bebe-me o sangue por uma palhinha, ainda há um resto no fundo do copo do meu dia.

POLICIAL — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA — Havia ainda o policial da série «A Rede de Aço». Sólido filme alemão. Longo filme alemão. Chato filme alemão.

Filme também anti-romantico, quase antipolicial, no sentido fantasisto-charadistico da expressão, no sentido poirotécnico. Policial sem cachimbo, sem lupa, sem enigmas no dente da mumia. Mas com a rotina, a teia, os cães-policias. De quando em quando, lá vem um tirinho para acordar a gente, lá vem um morto para dar vida á função. Entretanto a descrição arrasta-se, impessoal e eficaz como a literatura que acompanha os medicamentos ou os aparelhos de televisão.

Passou a meia-noite. Ainda falta a Volta a Portugal em bicicleta. Avalio o esforço deles, também eu me farto de pedalar. O sono quase me vence em cima do selim. Quase. Estou bem arranjado se a minha federação me tira sangue para a análise «antidoping». Lá tenho eu a sorte do Anquetil...

A minha coragem leva-me a dobrar o Cabo Bojador, precisamente lá onde Augusto Cardoso, o vencedor da tirada, dizia:

«*A massa associativa do Benfica mostrou-nos o interesse que tinha em que a gente fizesse alguma coisa, que estava disposta a todos os sacrifícios para nos compensar os nossos esforços e então a gente comovidos pelas palavras da massa associativa é claro resolvemos jogar a nossa cartada, dar tudo por tudo e é claro neste momento sinto-me radiante de ter correspondido aos desejos da massa associativa.*»

Se estão á espera que eu diga alguma coisa a respeito disto, desenganem-se. Incorporo-me no pelotão. — M. C.

HOJE PODE VER...

● **Ás 21 e 55: Noite de cinema** Na sua rubrica «Noite de cinema», a R. T. P. apresenta, esta noite, o filme de grande metragem intitulado «O meu marido é maravilhoso». Trata-se de uma comédia francesa, cuja interpretação está a cargo dos artistas Fernand Gravey e Sophie Desmarets. A realização é de André Hunebelle.

Recital de violino e piano no Festival Internacional de Sintra

As salas do Palácio Nacional de Queluz emprestaram o seu ambiente de luxo bem temperado, com os seus espelhos, os seus cristais e as suas pinturas, ao recital de violino e piano por Antonino David e Katharina Heinz. Uma hora e picos de agradável convívio entre musica e publico, num lugar que só por si bem merece ser visitado uma e mais vezes.

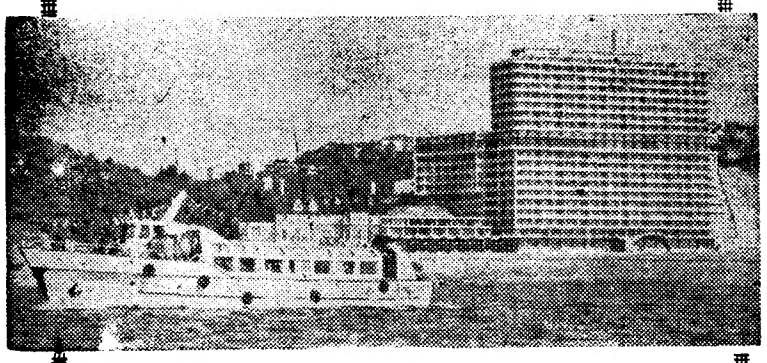
O programa recorreu a obras consagradas que reguereriam uma interpretação excepcional para compensar-nos da falta de novidade (basta uma interpretação ser completa para representar uma excepção) — coisa muitíssimo mais fácil de desejar do que de alcançar. Também o concerto beneficiaria largamente com uma melhor adaptação ás condições do lugar; mas há que contar ainda com as características pessoais dos executantes, o que deve ter contribuído largamente para o insuficiente estilo da obra adorável que melhor quadrava com a moldura, a Sonata em mi bemol maior, de Mozart, K. V. 481. E apesar de Khatharina Heinz ter demonstrado um aturado estudo para aligeirar a sua técnica, não corrige sempre um excesso prejudicial de manobra de dedos. Por seu lado, Antonino David não é sempre suficientemente preciso no pisar da mão esquerda, e admiramo-nos, sobretudo, os pequenos desfalques que faz á justeza rítmica. Qual a parte pela qual é responsável o nervosismo de falta de adaptação a um palco muito mais perigoso do que o palco de teatro ou de sala de concerto vulgar? Julgamos também que por excessiva proximidade do piano e do violino, este é muitas vezes abafado por aquele, apesar da bela largueza de sonoridade que é uma das melhores qualidades de Antonino David. Houve contudo muitas passagens de íntima fusão entre piano e violino, que valorizaram em especial o 1.º andamento da Sonata em lá maior op. 13 de Fauré, e quase toda a grande sonata em ré menor op. 108 de Brahms, que nos pareceu ser uma das obras mais apaixonadamente trabalhadas por Antonino David. E não esquecemos a grande prova que o muito apreciável violinista português nos deu, há alguns anos, com a sua valiosa interpretação do «Concerto á memória de um Anjo», de Alban Berg, sob a direcção do saudoso e insigne maestro português Pedro de Freitas Branco. Um adequado sopro de lirismo serviu também, em muitas passagens do Fauré e do Brahms. Khatarina Heinz, que por outras facetas do seu temperamento deve, de facto, ter sido uma boa intérprete do 2.º Concerto de Schostakowitch, a que se refere a nota biográfica do programa. E congratulamo-nos com o êxito agora obtido pelos dois artistas junto da numerosa e selecta assembleia que compareceu a Queluz.

FRANCINE BENOIT

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

veja MELHOR num KB

PASSEIOS TURÍSTICOS NO BARCO «ESTORIL-SOL»



LISBOA — CASCAIS — LISBOA
DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS - FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 60$00

«UMA HORA NO TEJO»
(LISBOA VISTA DO RIO)
TERÇAS QUINTAS-FEIRAS E SABADOS
10.10 — 11.20 — 14.50 — 16 — 17.10
DOMINGOS QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
14.50 — 16 — 17.10
Partidas do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 25$00
INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 260730

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

A MARAVILHOSA E ROMÂNTICA HISTÓRIA DE UMA JOVEM QUE USA «MÉTODOS CIENTÍFICOS» PARA «CAÇAR» UM MARIDO!

com David NIVEN · Shirley MacLAINE · Gig YOUNG

O QUE ELAS QUEREM É CASAR
(ASK ANY GIRL)
com Rod TAYLOR · Jim BACKUS · Claire KELLY
CINEMASCOPE
METROCOLOR
Argum. de GEORGE WELLS
Realiz. de CHARLES WALTERS · Prod. de JOE PASTERNAK
Basead na novela de WINIFRED WOLFE
Uma produção EUTERPE
Adultos
AMANHÃ UM FILME SENSACIONAL MUNDIAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

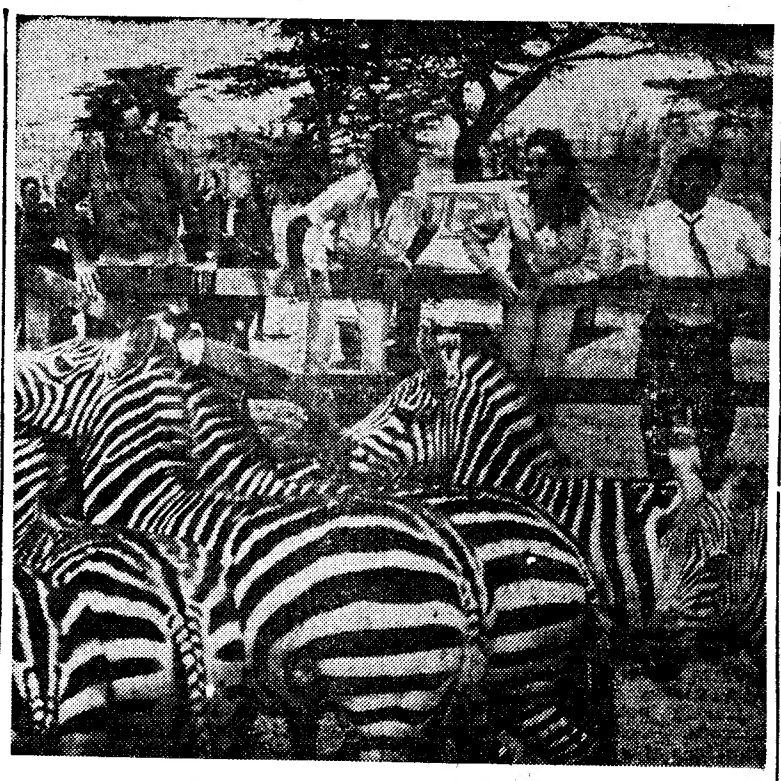
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

POLITEAMA - UM NOVO GRANDE ÊXITO: «OS DISCÍPULOS DO DIABO»

Uma vez mais o publico tem razão para exteriorizar o seu contentamento, pelo ensejo que o Politeama lhe oferece de ver um filme de notável concepção, simultâneamente violento e emocionante — «Os Discípulos do Diabo». Engendrado sobre multiplas e diferentes caracteristicas de interesse passional, que representam uma novidade dentro do estilo «western» e a cujo domínio, sempre subjugante, não é possível fugir — o filme impõe-se pela conjugação, sempre brilhante, de valores artísticos e humanos em processar uma atmosfera de forte intensidade emotiva, na qual a originalidade da intriga, o nível de realismo em que se situa a sequência das imagens, o vigor da realização de William Witney e a grande classe do desempenho revestem o mérito de revelar uma galeria de tipos impregnados de um primitivismo rude que os torna estranhos, agressivos, virulentos e patéticos, em todas as circunstâncias que os acorrentam a exteriorizar os seus bárbaros instintos, sempre que entendem reivindicar, pela violência, direitos de sobrevivência á margem da lei. Daí cada personagem transmitir a sensação de uma verdade de carne e osso, no decorrer de uma densa cadeia de paixões, que o realizador moldou em toda a sua rusticidade com um relevo de expressão dramática que sacode os nervos a cada passo. É o estudo de um punhado de vidas presas a inquietações, anseios de felicidade, alegrias sufocadas, ódios que não desarmam a rivalidades incitando ao crime, que o filme processa através da história de uma rapariga endiabrada, que aparece morta em circunstâncias misteriosas. No desempenho salientam-se Doug McClure, Gary Clark, Charles Beckford, Roberta Shore e James Drury. Fotografia em «eastmancolor».

Festa artística do conjunto musical Sousa Machado

O Conjunto Musical Sousa Machado que na presente época estival está a actuar no Casino do Parque, nas Caldas da Rainha, promove hoje, ás 22 horas, naquela cidade, a sua festa artística, com eleição de «Miss Casino» e «Miss Simpatia». Serão atribuídos valiosos prémios ás concorrentes e distribuídos brindes oferecidos por importantes estabelecimentos do País.



Uma cena do filme «A maior aventura», de Ivan Tors, considerado o sucessor de Walt Disney. Esta película, que foi inteiramente rodada no Kénia, será brevemente exibida em Lisboa

NOTICIAS DOS ESTÚDIOS

- **O actor francês Louis Jourdan passou a fazer parte do elenco do filme «A flea in her ear», em cuja ficha artística já figurava o seu colega inglês Rex Harrison.**
- **Depois de dez anos de interdição, acaba de ser autorizada a projecção do filme de Luis Buñuel, premiado em Cannes, «Os Olvidados», a película está a ser apresentada em dois cinemas de Madrid.**
- **Henri Verneuil continua a rodar em Durango, no México, o seu filme «A Batalha de San Sebastian», de que é protagonista Anthony Quinn. A película, baseada no romance de William Barby Flaherty, é também interpretada por Antonette Comer, Charles Bronson e Ivan Desny.**
- **Anthony Quinn foi o primeiro dos intérpretes escolhidos pelo realizador norte-americano Stanley Kramer para o filme «O Segredo de Santa Vitória», a rodar na Itália em 1968. A película é extraída de um romance de Robert Chritchon e narra as aventuras dos habitantes de uma vila italiana e do administrador do concelho, que conseguem esconder um milhão de garrafas de vermute quando os alemães chegam á região, durante a Segunda Guerra Mundial.**

DE NOVO EM LISBOA!

O TRIUNFO MUNDIAL

FILMES CASTELLO LOPES 50 ANOS apresenta

A SUPERPRODUÇÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER

O FILME DOS 6 "OSCARS"

Produção de CARLO PONTI

Baseado no livro de BORIS PASTERNAK *(PRÊMIO NOBEL)*

O FILME DE DAVID LEAN

A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR NO AMBIENTE DEVASTADOR E ESCALDANTE DA REVOLUÇÃO!

Adultos

DOUTOR JIVAGO

com

GERALDINE CHAPLIN · JULIE CHRISTIE · OMAR SHARIF (Dr. JIVAGO) · ALEC GUINNESS · TOM COURTENAY · ROD STEIGER
SIOBHAN McKENNA · RALPH RICHARDSON · RITA TUSHINGHAM

Argumento de ROBERT BOLT Música de MAURICE JARRE

PANAVISION® 70 m/m METROCOLOR

HOJE EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA 15.ª SEMANA NO ÉCRAN GIGANTE DO MONUMENTAL

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

NOVOS FACTORES DA DELINQUÊNCIA JUVENIL

A Academia de Medicina de Paris ouviu uma comunicação de dois psiquiatras, o professor Huryer e o dr. Rouault de la Vigne, sobre a delinquência juvenil. Em 1955, umas 13 975 crianças passaram diante dos tribunais franceses de menores; em 1965 contavam-se 43 789 e para 1966 o numero, ainda não oficializado, é de 45 000.

As causas da inadaptação que provocam este aumento considerável têm formas multiplas das quais muitas são conhecidas: debilidade mental, perturbações do carácter (inatas ou adquiridas) na escolaridade; dificuldade em se colocar profissionalmente, questões familiares, etc. Mas, certos factores novos cujas consequências pesam sobre as crianças, aparecem por causa da evolução social. Trata-se especialmente de perturbações trazidas á família devido ao trabalho da mãe fora de casa, da perda sensível da autoridade dos pais ou da delinquência, em grupo, favorecida pelos grandes bandos.

Os autores da comunicação afirmam que, se certas disposições já tomadas devem ser reforçadas, seria igualmente desejável dar-lhes uma orientação diferente. Preconizam uma «despistagem psiquiátrica» precoce, na escola, para os débeis leves e os inadaptados, uma organização mais desenvolvida dos ócios e, em particular, uma colaboração de lares e de casas de jovens com os centros de prevenção. Enfim, seria necessário tomar certas disposições legais, por exemplo uma lei de defesa social para os delinquentes mentalmente anormais.

A secção liceal de Espinho deve começar a funcionar no próximo ano lectivo

ESPINHO, 22 — Esteve nesta vila, para escolher um edifício com as condições próprias para a instalação da secção local do Liceu de Vila Nova de Gaia, o sr. dr. J. B. Sabino Costa, director-geral do Ensino Liceal, que foi acompanhado pelos srs. drs. José Vitorino da Costa e Alfredo Gomes Alves, respectivamente, reitor e vice-reitor daquele liceu.

Na companhia dos srs. dr. António Pereira Pinto e arquitecto Jerónimo Reis, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara de Espinho; vereadores, srs. prof. Fernando Lobo e António Ferreira Baptista; tenente João das Dores Salgado, comandante da P. S. P. desta vila, dr. Joaquim Rios, delegado da Câmara junto da Comissão Distrital de Aveiro e Benjamim da Costa Dias, director do jornal «Defesa» de Espinho» e representante do «Diário de Lisboa», depois de observarem diversos edifícios devolutos, optaram pelo Palacete Pena, situado no ângulo das ruas 19 e 26, por ser aquele que melhores condições oferecia.

A referida secção liceal deve começar a funcionar já em Outubro, o que representará um importante melhoramento para este concelho e circunvizinhanças.

AS INSCRIÇÕES PARA O CURSO UNIFICADO DA TELESCOLA

O Curso Unificado da Telescola, que constitui a aplicação no nosso País dos mais modernos processos audiovisuais de ensino, está a atravessar uma fase de acentuado progresso. O grande aumento no número de alunos e de postos de recepção, que se verificará no próximo ano lectivo, alargará consideràvelmente a difusão do ensino em Portugal, permitindo a continuação dos estudos a crianças e adultos que, de outro modo, ficariam limitados à instrução primária.

A inscrição dos alunos que pretendam frequentar o curso, no próximo ano lectivo, abre no dia 1 de Setembro e prolonga-se por quinze dias, podendo fazer-se em qualquer dos postos de recepção da já vasta rede que cobre o País. Para os que se inscrevam pela primeira vez, é necessária a apresentação dos seguintes documentos, além de uma fotografia recente: boletim de matrícula (modelo da Imprensa Nacional), preenchido em duplicado, com um selo fiscal de 30$00, aposto no original; atestado de habilitações escolares; certidão de nascimento; atestado médico comprovativo de que o candidato não sofre de doença contagiosa e de que foi revacinado contra a varíola, dentro do prazo legal. Para aqueles que já frequentaram a Telescola, apenas é preciso o boletim de matrícula.

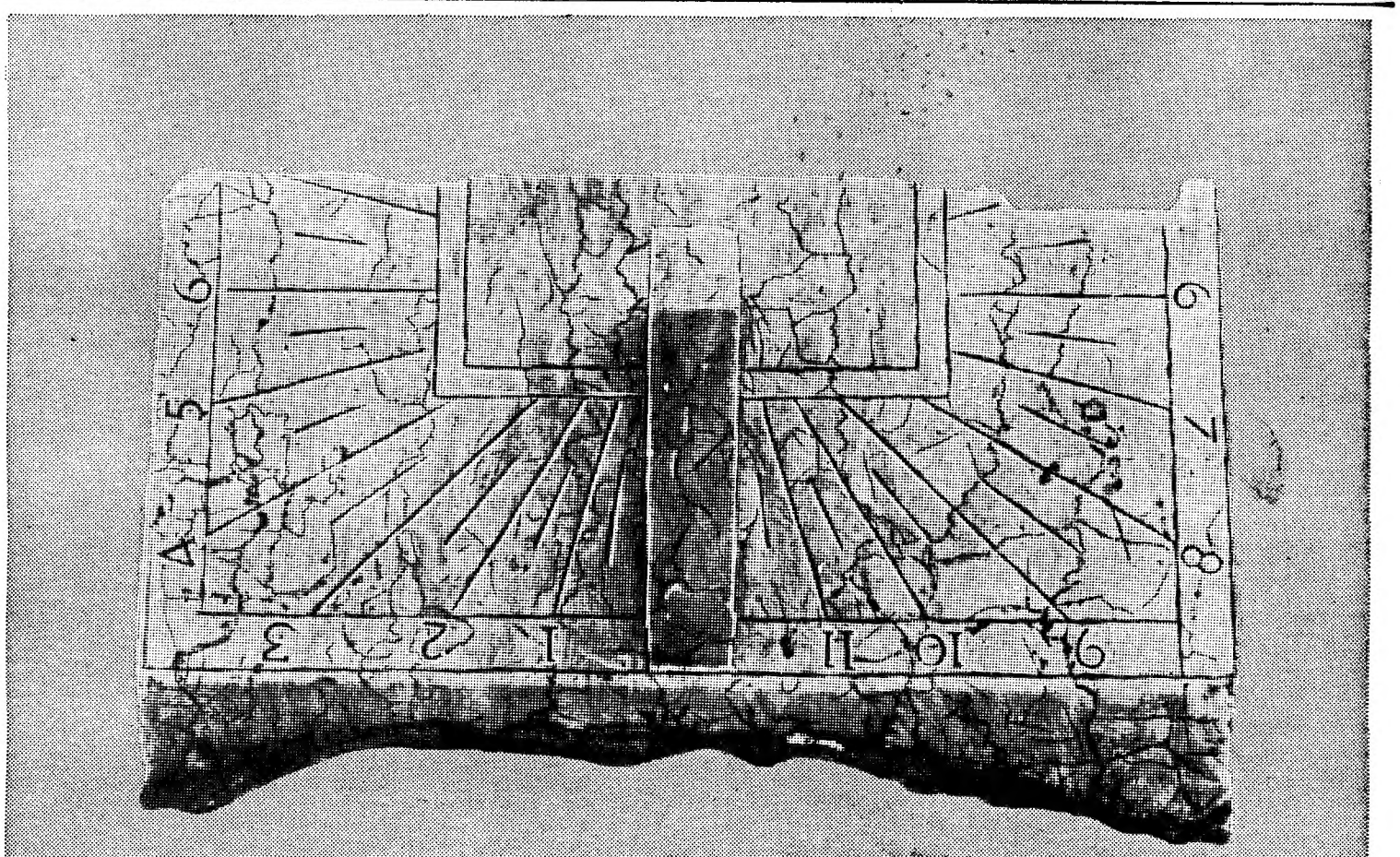
No mês de Setembro, deve, ainda, pagar-se uma propina de matrícula de 50$00, e nos de Outubro a Julho, inclusive, uma mensalidade, cujo montante será estabelecido, tanto quanto possível, de harmonia com a situação económica do respectivo agregado familiar, mas que nunca ultrapassará 200$00.

O ensino pelos métodos audiovisuais

Por iniciativa do Centro de Psicologia Aplicada á Educação, vai realizar-se, de 11 a 29 de Setembro próximo, um estágio de três semanas, sobre o ensino do francês pelos métodos audiovisuais.

O estágio, integrado nos Cursos de Verão para professores que o Centro vem promovendo desde há quatro anos, tem a colaboração do Instituto Francês em Portugal, e a sua orientação pedagógica está a cargo do C. R. E. D. I. F. da Escola Normal de St.-Cloud, de Paris, que, para o efeito, desloca até nós alguns dos seus professores.

As sessões de trabalho decorrerão no Colégio Vasco da Gama, em Meleças (Rio de Mouro), podendo os professores-estagiários obter um diploma equivalente ao dos estágios feitos em França.



O sono do Sol

Enquanto o Sol dorme, este relógio pára. A VARIG porém continua a cruzar o Atlântico em 540 minutos para lhe oferecer a manhã do Rio. São nove horas do tempo VARIG, em que Você pode repousar num espaço minuciosamente confortável.

Nove horas num ambiente pleno de bem-estar e à-vontade como só a VARIG sabe proporcionar.

VARIG, a sua melhor companhia.

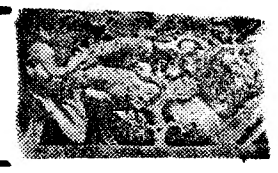
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

VARIG

EM "POOL" COM A TAP

Linhas Aéreas Brasileiras

DIÁRIO DE EVA



A ADOLESCÊNCIA E O NAMORO

A CARTA SÍMBOLO

—CARTA POEMA DO AMOR NASCENTE

«*Recebi esta carta hoje. Pareceu-me tanto uma carta símbolo do amor que os jovens de hoje querem* dar *uns aos outros, que resolvi mandar-lha...*» — estas palavras serviram de introito á carta de amor — pois é uma autêntica carta de amor, embora esta palavra quase não tenha sido escrita — que hoje publicamos e nos foi mandada por um jovem de 24 anos.

Amigo:

Ficaram-me de ti muitas coisas novas e estranhas. E no olhar que trouxe para casa havia alegria, dor, esperança e medo.

Depois apeteceu-me muito guardar-te nos meus braços e tecer tranquilidade. E desejei que me levasses pela mão a descobrir o mundo, destruindo mas construindo muito.

E quis, com muita, muita força, ter de ti uma parcela de toda a tua energia, do teu entusiasmo, do teu poder criador, das tuas esperanças, uma parcela de todas as coisas que tu tens, de todas as coisas que tu sabes.

E pensei que tinha sentido as tuas ideias, sentindo as tuas mãos, sentindo o teu olhar — mas que as ideias, as mãos, o olhar, não eram teus, não eram só teus: mas de todos os jovens do mundo.

Não eras tu, ali — mas o símbolo de uma juventude que me apetecia amar muito e compreender muito. E havia coisas novas em todos os olhares. Promessas de um mundo novo. Esperanças fortes, tão fortes que chegavam a doer.

E havia palavras construindo ideias e resoluções. E a verdade lúcida, dolorosa, dos que se despem e dizem: deponho a minha nudez nas tuas mãos.

Presentes dos próprios seres, em que desembrulhavas as palavras vãs, surgem com uma verdade tão forte que apetece chorar: eu dou-te tudo.

E a angústia das coisas não feitas. E as feridas por sarar das coisas por fazer.

A esperança de tudo o que se crê, e o entusiasmo febril de tudo o que se quer...

E todas as mãos que me tocaram, deixando rastos de simplicidade e de amor, e foram ásperas de dor, e ternas em dádivas, e todas as mãos trementes de energia me transmitiram uma força estranha, igualmente febril, de coisas novas a todos os meus dedos...

E fechei os olhos espantados de tanto por fazer.

E sorvi crenças nos lábios onde pousaram beijos tão puros como crianças.

E num olhar prolongado a todos os rostos, eu disse: quero amar a todos.

E com gestos impensados como gritos, arranquei as minhas roupas e vesti-me de pureza.

Como que me libertei. E senti-me nova, acabada de nascer, senti-me tão pura e tão melhor...

Vieste de muito longe e demoraste tanto a chegar! Passaram muitos anos sem que eu acordasse para a vida nem abrisse os olhos para o mundo. Adormeceram muitas coisas em mim. Outras, foram destruídas. Sentia-me tão frágil.

E, de repente, contigo, veio a força, e as tuas mãos dadas com as minhas fazem-me acordar.

Agarra em mim — e constrói a partir do caos e da ausência de luz que há dentro de mim uma obra boa. Como eu acredito que tu sabes fazer.

É por tudo isto que eu preciso de ti.

*

Até que ponto e por quanto tempo me posso dar a ti? Desejaria que não houvesse barreiras, que existisse tempo. Que tudo fosse ilimitado.

Começar do nada e não estar presa a nada. Mas eu sou a mulher que passa.

E tudo em ti é tão simples e tão sincero que chego a assustar-me. Que doi.

Os outros limitam-me. E eu sou... sim, eu sou a mulher não emancipada. Presa a preconceitos. E de tal maneira os aceito já, que vivo neles.

Por isso estaremos juntos tão pouco tempo. Por isso eu não poderei ser tua companheira. Porque nunca fui nem soube ser a companheira de ninguém e porque, segundo todos os preconceitos estabelecidos, eu devo sê-lo... não de ti, que és todos os jovens, mas de um só jovem.

E eu não saberei libertar-me. E talvez até nem queira.

Queria que entre nós não houvesse o amanhã, mas apenas o hoje. Porque eu cheguei mas qualquer dia vou embora. Porque eu sou a mulher que passa... não fiques triste por isto...

Não sei escrever mais. Há tanta confusão em mim...

Quero ainda dizer-te que não exijo demasiado de ti. Tu és um HOMEM. Ensina-me a ser MULHER.

Perdoa-me a confusão de tudo o que escrevi. Precisava de te dizer tudo isto.

eva

ESPECIAL
NÚMERO DE VERÃO
FALTAM APENAS
8 DIAS
PARA TERMINAR O PRAZO DE PODER CONCORRER AO GRANDE CONCURSO
«FAQUEIRO DE PRATA»
NO QUAL PODE GANHAR UM ESPLÊNDIDO FAQUEIRO DE PRATA NO VALOR DE
30 MIL ESCUDOS
NÃO PERCA TEMPO:
Compre a «EVA» especial de Verão e remeta hoje mesmo o seu postal com o palpite!
À venda em todo o País
12$50

HORÁRIOS DOS COMBOIOS SERVIÇO INTERNACIONAL

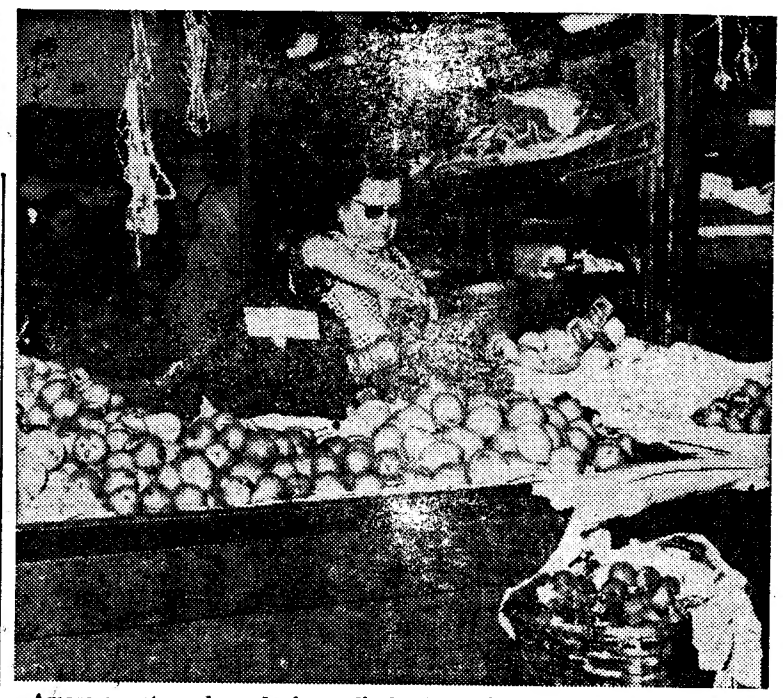
Comunica-nos a C. P. que nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente efectua-se entre Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (Campanhã) a Hendaye, para transporte de passageiros de Serviço Internacional em 2.ª classe, uma circulação com o seguinte horário:

Lisboa (Santa Apolónia)	P.	23.15
Entroncamento	P.	0.55
Fátima	P.	1.20
Pombal	P.	1.51
Coimbra B	P.	2.28
Pampilhosa	C.	2.43
Porto (Campanhã) *(a)*	P.	0.05
Pampilhosa	C.	2.28
Pampilhosa	P.	2.53
Guarda	P.	6.27
Vilar Formoso	C.	7.25
» »	P.	7.57
Fuentes de Oñoro	C.	8.00
» » »	P.	9.10
Hendaye	C.	20.55

(a) — Com transbordo em Pampilhosa.

HORÓSCOPO DA MODA

Se vai fazer uma viagem aérea, este é o género de vestido que deve levar. É, ao mesmo tempo, muito leve, bonito, simples e elegante



Amorosamente a dona do lugar dispõe do melhor jeito as peças de fruta. Há fartura, os preços não são excessivos, mas poderiam estar muito mais em conta se não continuassem a processar-se as já habituais especulações. Os mercados — dizem — desempenham uma função reguladora de preços. No entanto, hoje o melão estava mais caro do que o preço a que se pode comprar em qualquer mercearia e toda a outra fruta se não era mais cara também não registava preços inferiores aos que se verificam nos lugares ou mercearias de bairro. Quem vai á praça deveria comprar afectivamente mais barato

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

As graves e importantes confidências da hora do mercado

Duas senhoras paradas no meio do mercado. Estorvavam a circulação, mas interessadas na conversa uma da outra não davam conta de serem um estorvo. As pessoas tinham que as rodear para passar. Não eram velhas nem com aquele ar característico das «comadres», mas eram comadres. Uma vestia de preto; a outra de tons neutros. Não seriam criadas; apresentavam esse tipo das governantes de casa rica, que também podem ser modestas donas de casa.

Que diriam de tão grave e importante que as absorvesse daquela maneira? Ai as transcendentes confidências de mercado!

Passámos rente a elas. Dizia a de preto:

— Querem por força que ela se vá embora, mas ela só vai quando lhe apetecer!

— Ora essa! Pois havia de ser pau-mandado?! Nã, cada um tem a sua personalidade, não é?

— Ora viva!

Mais duas que iriam chegar-se para um canto e contar a última novidade. Pensámos: o correio da manhã. O almoço que espere. E' questão de se andar depois um bocadinho mais depressa... O patrão não terá de que se queixar. E que se queixe, então a gente não há-de também dar dois dedos de conversa? A senhora não passa horas ao telefone com as amigas ou em frente da mesinha de chá enquanto, com as suas convidadas, mordiscam torradinhas e na pele de uma amiga ausente!

PEIXE

Visitámos hoje o mercado de Campo de Ourique. Principiámos a nossa ronda semanal pelo lugar do peixe. Sofremos os habituais encontrões no exíguo espaço. Adiante e cara alegre.

O quilo da xaputa estava a 7$40; do peixe-espada, a 7$90; do carapau, a 3$50 e 4$00; do pregado, a 22$00; das lulas, a 24$00 e 27$00; das eiroses, a 26$00 e 28$00; das tainhas, a 8$00 e 9$40; dos robalinhos, a 24$00; do linguado, a 28$00 e 39$80; dos rabos de pargo, a 14$20; da pescada, a 30$00 e 34$80; do goraz, a 16$80, 20$00 e 36$00; dos «joaquinzinhos», a 8$90; da pescada congelada, a 16$00; dos bacalhaus, a 4$00; das macacas, a 6$00; dos chocos, a 15$00; dos robalos, a 21$80; do safio, a 16$50; da ameijoa, a 24$00; do berbigão, a 4$50; do camarão, a 14$00; dos lagostins, a 68$00; do cherne, a 38$00; e do polvo, a 9$80.

HORTALIÇAS, ETC...

O molho dos grelos estava marcado a 8$00; dos agriões, 1$00; das nabiças, 7$00; dos espinafres, 7$00; e da beterraba, 5$00. O quilo da abóbora vendia-se a 2$50; da batata, a 1$50; do feijão-verde, a 4$60, 5$00 e 6$00; dos pimentos, 4$50 e 7$00; dos tomates, 2$50 e 3$00; e das cenouras, 3$50. Cada alface custava 1$50; a lombarda, 5$00; a couve portuguesa, 1$50 e 2$50; o nabo, 1$00 e 1$50; e a beringela, 1$50 e 2$00.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo do frango limpo custava 27$00; morto, 21$00; e vivo, 18$00 e 19$00. A galinha viva marcava 17$00, 18$00 e 25$00; morta, 20$00; e limpa, 24$00, 25$00, 27$00 e 31$00; o pato vivo, 23$00; e o coelho vivo, 23$00.

Os ovos apresentavam as seguintes tabelas: 10$80, 11$00, 12$00 e 12$80. Havia, também, ovos a 8$00 a duzia, e, segundo o letreiro, «grandes e de gema amarelinha — fresquíssimos».

FRUTA E FLORES

O quilo das pêras estava a 5$00, 5$20, 6$00, 6$50 e 7$00; as rainhas-cláudias, a 4$00 e 5$00; os pêssegos, a 6$50, 8$00 e 9$00; as uvas, a 5$00 e 6$00; os figos, a 5$00; as laranjas, a 8$00; a maçã-reineta, a 5$00; as bananas, a 8$00 e 10$00; a maçã riscadinha, 7$80; os limões, a 7$80; a melancia, a 3$20; e o melão, a 2$20.

Quanto ás flores, vimos dálias a 5$00 e 15$00 a duzia. A mesma quantidade dos cravos vendia-se a 5$00, 12$00 e 15$00; O molho das césias estava a 5$00. Fomos alvo de uma amabilidade na secção das flores, de que estamos grata.

Disse-nos a dona do lugar:

— Escolha aqui um cravo, por ser uma senhora tão simpática.

Estamos toda desvanecida com o cravo em cima da secretária. Um bocadinho vaidosa, também. É que não lhe comprámos nada! Obrigada.

DONA DE CASA

Em Férias

LEIA O

Diario de Lisboa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»

ACEITAM-SE ASSINATURAS
PARA UM MINIMO DE OITO DIAS
(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Mário Jaquer — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes prótese — As 10 horas

VIDA RELIGIOSA

Peregrinação dos movimentos marianos ao santuário de Fátima

COVA DA IRIA, 22 — Integrada nas festas comemorativas do cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, efectuou-se hoje a festa liturgica do Coração Imaculado e Maria, uma peregrinação internacional mariana ao Santuário de Fátima, presidida pelo cardeal Arcadeo Larraona, prefeito da Sagrada Congregação os Ritos.

A comissão organizadora, presidida pelo rev. dr. Joaquim António de Aguiar, director do Colégio Universitário Pio XII, teve o seu secretariado naquele colégio, onde há pouco se celebrou o V Congresso Mariológico Internacional. Participam nesta peregrinação grupos de várias nações, principalente de Espanha.

Do programa das solenidades desta manhã, constou uma concelebração, presidida pelo cardeal Larraona na basílica, seguindo-se a emissão dos primeiros votos de dez estudantes noviços e a renovação de votos de outros estudantes do curso de Filosofia e Teologia da Privíncia Portuguesa dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria. Na escadaria da basílica, houve depois uma acção paraliturgica em honra de Nossa Senhora, concluindo a peregrinação com a procissão do «adeus».

OFERTAS PARA AS CASAS DA ALDEIA S.O.S.

Continua a crescer, felizmente, o número de ofertas para as casas da Aldeia de Crianças S.O.S. Às numerosas e valiosas dádivas já registadas há a acrescentar as seguintes:

Serafim Ramos, 30 sacos de gesso; Cerâmica Liz, 700 tijolos refractários; Manuel Machado & C.ª, Lda., talheres inoxidáveis para as três casas; União Central de Gessos, 500 kg de gesso e um donativo para a construção; Solcris, persianas para uma moradia; Rexal, persianas para uma moradia; J. B. Fernandes, ferragens para as casas; Fábrica de Cerâmica Valadares, loiça sanitária para uma casa; Oxidex, revestimento para uma sala; Fábrica Portugal, uma banheira, um fogão e descontos apreciáveis no restante material; Construtora de Esquentadores Cel, um esquentador de 14 litros; J. Costa & Silva, um fogão Far; Impar, 180 m2 de parquete para as três casas; Cavan, 16 m2 de mosaicos; Fábrica de Fiação de Santo Tirso, toalhas para uma casa; Ruy Emaúz, uma panela de pressão; Têxtil Vimaranense, Lda., atoalhados para uma casa; Vandarsil, Lda., um ferro eléctrico; A. E. G., ferro eléctrico; Robbialac, 25 litros de tinta de água; eléctrico; A.E.G., um ferro eléctrico; Electroluz, Lda., um frigorífico de 210 litros; Fundição de Oeiras, três fogões; Hermann Eibner, uma panela de pressão; Vieira Faustino, 40 m2 de tacos.

A Associação das Aldeias de Crianças S.O.S. tem a sua sede na Rua Gomes Freire, n.º 11, letra D, Lisboa - 1 — telefone 53 25 07.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Viagem de estudo de alunos finalistas da Faculdade de Letras

Os alunos finalistas do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, acompanhados pelo assistente sr. dr. Farinha dos Santos, deram começo á sua visita de estudo, que durará trinta dias.

Vão percorrer a rota mediterrânica das civilizações antigas e visitar os principais monumentos, estações e museus de Espanha, França, Itália, Grécia e Turquia, estudando directamente na origem, na Ásia Menor, um dos maiores focos da civilização humana.

Entre outros locais e cidades de interesse histórico, serão visitadas, nomeadamente, Madrid, Barcelona, Marselha, Génova, Nápoles Atenas, Istambul, Ankara, Afyon, Ismirna, Éfeso, Pérgamo, Tróia, Bursa e Canakale.

Exposição Canina Internacional do Estoril

São invulgares a quantidade e a categoria de canídeos concorrentes á 18.ª Exposição Canina Internacional do Estoril, cuja inscrição se encerra no próximo sábado, aguardando-se a vinda a Portugal de alguns campeões de beleza estrangeiros.

Os julgamentos estão a cargo de reputados juízes cinológicos, como Mme. Nizet de Leemans, Mr. J. Owen, drs. António Cabral, José Pereira Gaspar e António Robalo Cordeiro

A 18.ª Exposição atribuirá, entre outros prémios, os certificados de C. A. C. e de C. A. C. I. B., galardões máximos da canicultura, tão raros como desejados e que, obtidos três, conferem a classe de campeão de beleza, respectivamente nacional e internacional.

A inscrição deve ser feita no Clube Português de Canicultura ou na Junta de Turismo da Costa do Sol.

Reuniões científicas

No Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil

O Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil recebe amanhã, pelas 21 e 30, o cientista norte-americano dr. M. C. Ewen, que, em sessão solene, pronunciará ali uma conferência intitulada «Radiotherapy in hiperbaric oxigen».

Criada a secção de técnicos de contas do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa

Sob a presidência do sr. Jaime Franco, presidente da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, realizou-se, na sede da Associação Comercial de Lisboa, nova reunião para apreciação do projecto de regulamento da secção de técnicos de contas, a que compareceram cerca de 200 daqueles profissionais.

Os membros da comissão designada na reunião de 14 de Julho, srs Jaime Franco, Augusto Vítor de Sepúlveda Correia, Rogério Mendes Romão Vieira, Alexandre Ascensão Cardoso, Francisco Maria de Sousa Castro e Joaquim Travassos-Lopes Mendonça Santos, esclareceram todas as dúvidas apresentadas sobre o texto do referido regulamento, que foi aprovado, após larga troca de impressões em que intervieram os técnicos de contas srs. Albino Rodrigues Maneira, António Ezequiel Ferreira Casanova, António Jacinto Stubles de Lacerda, Augusto da Conceição Pereira, Eduardo José Raimundo Sousa Fortuna, João de Deus Ferreira Gonçalves, José Augusto Antunes, Ludgero Alves Vital e Rui da Mata Gomes Fortuna, e, ainda, os srs. Jaime Franco, Alexandre Ascensão Cardoso e Francisco Maria de Sousa e Castro, pela comissão.

Ficou assim formalmente criada a secção de técnicos de contas, a qual tem como principais objectivos: estudar as questões pertinentes ao trabalho dos profissionais que representa; apresentar superiormente propostas de melhoria de condições da prestação de trabalho; velar pelo cumprimento das leis do trabalho em especial daquelas que visam salvaguardar e defender a dignidade dos profissionais; dar parecer sobre as questões relacionadas com a formação e o trabalho do sector profissional abrangido pela secção; promover acções de formação e de aperfeiçoamento dos profissionais, em ordem á sua valorização profissional e cultural, e contactos com organismos profissionais e culturais afins.

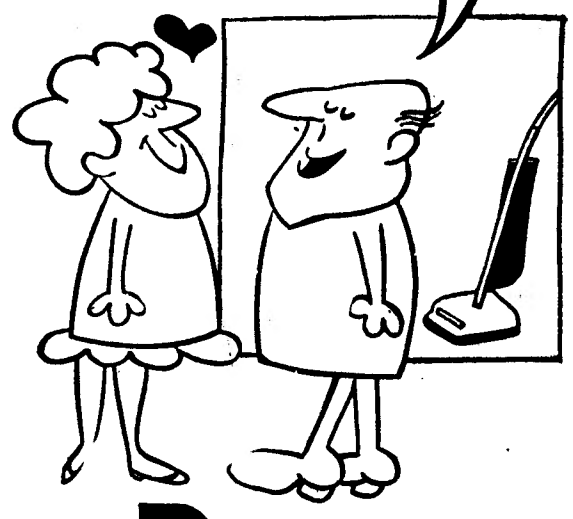
Cabe agora á direcção do Sindicato a designação dos elementos que hão-de constituir a sua primeira comissão directiva.

VIDA SOCIAL

DOENTE

Teve alta do Hospital de S. José, onde esteve internada, a sr.ª D. Haydée de Jesus Franco, que ali foi assistida pelo sr. dr. José Vieira da Fonseca.

SE É RUTON ACHO BEM!



RUTON

frigoríficos
aspiradores
enceradoras
ferros eléctricos

A marca já consagrada em 7 países da Europa está agora às suas ordens em Portugal

McCANN

AGORA

ALÉM DOS DESCONTOS DE 35% A 55%

QUANDO TOCAR A CAMPAÍNHA

LEVARÁ COMPLETAMENTE

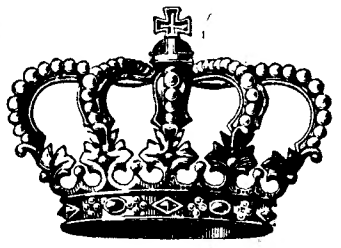
GRÁTIS

AS COMPRAS EFECTUADAS NESSE MOMENTO EXACTO

ESTE É MAIS UM

BRINDE SENSACIONAL

DA



SAPATARIA

LVIS XV

Rua Augusta, 209

NO INÍCIO DAS COMEMORAÇÕES DO SEU

X.º ANIVERSÁRIO

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo, o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais da costa, para norte do cabo Carvoeiro.

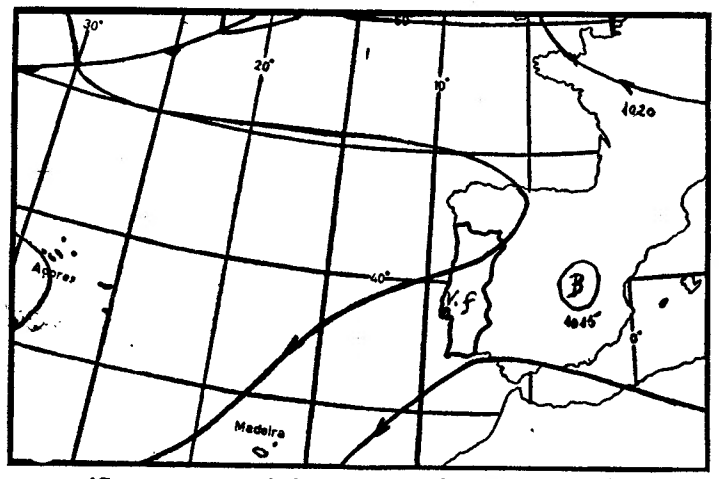
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 36°; Braga, 10°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 18°; Faro, 27°; Funchal, 23°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 25°; Porto, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 22°,7; na água do mar, 16°,3.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima: 29°,5; mínima, 17°,4. No mesmo dia do ano passado — Máxima: 31°,4; mínima, 19°,2.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B) — Depressão (baixas pressões)
— *Isóbaras (imb)*

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 23 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta do anticiclone dos Açores e da depressão de origem térmica influenciará o estado do tempo no continente.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo, vento fraco ou moderado predominando de noroeste e neblina ou nevoeiro na faixa costeira ocidental, a norte do cabo Carvoeiro, durante a madrugada e manhã.

SOL — AMANHÃ — *Nascer ás 6 e 57* — *Ocaso ás 20 e 22*

MARES

PREIA-MAR: Dia 22 — Às 5 e 32 (3,9 m); 17 e 54 (4,2 m). **Dia 23** — Às 6 e 10 (3,8 m); 18 e 30 (4 m). **Dia 24** — Às 6 e 40 (3,7 m); 18 e 55 (3,8 m).

BAIXA-MAR: Dia 22 — Às 11 e 05 (1 m); 23 e 34 (1 m). **Dia 23** — Às 11 e 40 (1,1 m). **Dia 24** — Às 0 e 6 (1,1 m); 12 e 10 (1,1 m).

FASES DA LUA

Dia 28 — Dia 4 — Dia 11 — Dia 18

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS, NO CONTINENTE, ATÉ 5 DE SETEMBRO — Predomínio do céu pouco nublado, vento fraco a moderado de noroeste, nortada moderada durante a tarde no litoral da Estremadura e Beira Litoral, nevoeiros ocasionais na faixa costeira ocidental a norte do Cabo da Roca e temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

Comissariado do Turismo

O sr. João Luís Strecht Ribeiro foi nomeado, interinamente, chefe da repartição de Actividades Turísticas do Comissariado do Turismo.

CAMISAS

Brancas, de qualquer espécie de tecido natural ou sintético. lavadas com NILAVE, ficam com um branco imaculado de neve e nunca amarelecem As roupas de cor ficam com as cores mais vivas e mais brilhantes. Produto unico no género da *Fábrica Casulo*. — Cada pacote, dando para lavar pelo menos 7 camisas, custa apenas 3$30. À venda nas melhores Drogarias do País.

O estado das culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura» referente á segunda década do mês em curso, os arrozais estão a desenvolver-se satisfatóriamente e os milharais de sequeiro apresentam fraco crescimento, principalmente no Algarve, enquanto os de regadio têm bom aspecto vegetativo e estão a espigar bem.

Os pomares têm em regra muito fruto e a produção das vinhas está a ser afectada por desavinho e ataques de míldio e oídio. Os olivais e montados de azinho e sobro apresentam bom vingamento e o aspecto vegetativo e a frutificação dos tomatais são bons.

Houve ataques de pedrado nas pereiras e nas macieiras e de escaravelho nos batatais, e fizeram-se cavas, gradagens, mondas nos arrozais, colheita de fruta e batata, tratamentos fitossanitários, etc.

Uma parte dos estudantes durante a sua permanência na Portela

Duzentos jovens americanos transformaram a sala de trânsito do aeroporto em recreio

Cerca de duzentos rapazes e raparigas, estudantes norte-americanos, do Foreign Language League Students from United States, transformaram num recinto de recreio o ambiente cosmopolita da sala de transito do aeroporto da Portela, onde estiveram retidos durante quinze horas, por o avião em que deviam embarcar ter sofrido uma avaria em Amesterdão.

Os jovens, todos de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (apenas cinquenta eram do sexo masculino), fizeram da sala um local de acampamento, comendo, bebendo e divertindo-se, semf no entanto prejudicarem o funcionamento da mesma ou molestar os restantes passageiros. O avião deveria ter saído ás 10 horas de ontem, mas só chegou ao aeroporto ás 3 horas da madrugada de hoje. Esse contratempo não os fez desmorecer: tocaram guitarra e dançaram; beberam e comeram, até esgotarem as reservas monetárias e as do bar..

Começaram por devorar 300 bolos, 200 laranjas, 100 bananas, centenas de «sandwiches» e cerca de mil refrescos. Depois, veio a refeição por conta da companhia transportadora (a Capitólio International Alerways) e foi a conquista de todas as mesas do restaurante, vendo-se a gerência obrigada a fechar o restaurante anexo. Comeram bem. Era o fim da tarde e o avião não chegava. A espera prolongou-se e dinheiro não havia: cantaram, dançaram e beberam água fresca, a unica coisa que não custava dinheiro. Os empregados do bar da sala de transito amávelmente abasteciam a rapaziada de água fresca (eles tinham já sido bons clientes).

Os jovens, acompanhados por seis professores, terminavam um passeio a Espanha e a Lisboa (estiveram três dias na Costa do Sol). Rita Fletcher, jovem de cor alegre e muito faladora, disse-nos:

— Ficámos com pena de as cinco semanas não terem sido aqui passadas. Em Portugal, encontrámos uma gente diferente, mais acolhedora, e uma mocidade muito simpática... especialmente os rapazes...

Jim Smith, um rapagão louro, dos seus 18 anos, agarrado a uma guitarra, tentava adormecer uma companheira, um pouco cansada. Ouvindo a declaração da colega, abanou a cabeça e disse:

— Que lindas raparigas há em Portugal...

Jim Smith, vivaço, exprimiu a sua mágoa por não poder estar na praia:

— Não estamos descontentes com este contratempo. Acontece em toda a parte, mas, francamente, estas quinze horas seriam mais agradáveis nas belas praias da Costa do Sol e a percorrer Lisboa.

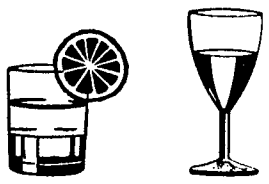
No bar, encostada ao balcão, muito concentrada na leitura de um jornal, uma jocem de origem japonesa: Sue Kimen. Sorriu á nossa pergunta do que pensava de tantas horas no aeroporto:

— É pena, tantas horas perdidas aqui, quando Lisboa é uma cidade extraordinária. Um passeio nocturno seria tão agradável a todos... Paciência...

A PÉ, PELAS ESCADINHAS — A partir de hoje, e até ao próximo dia 6, portanto, durante quinze dias, segundo se prevê, não funcionará o elevador da Bica. Os dois veículos que habitualmente transportam os viajantes de S. Paulo ao Calhariz estão, por isso, imobilizados a meio da calçada. À sua volta um dúzia de operários esfregam, pintam, martelam, oleiam, de forma que, no próximo mês, os passageiros da Bica encontrem o seu elevador como novo. Entretanto, durante quinze dias, há que aguentar uma pequena - grande subida (ou descida) diária... pelas escadinhas!

PORTO BRANCO

APERITIVO COSMOPOLITA



SANDEMAN

aip S-12

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS E ESTRANGEIROS

DE LISBOA À COSTA BRAVA

(6.° E ÚLTIMO APONTAMENTO)

UM dos atractivos maiores — e, sem dúvida, mais expressivos — da armadura turística espanhola é a Costa Brava, cujo aproveitamento racional se poderá considerar a prova insofismável do extraordinário poder de iniciativa e realização de técnicos e empresários do país vizinho. Não importa discutir se aquele litoral, polvilhado de numerosas e categorizadas estâncias, é ou não o mais capaz da orla mediterranica, o que detém melhores e mais caracterizadas belezas naturais e desfruta de melhor clima ou de extensas praias de areia fina e branca. O que interessa acentuar é a realidade turística da Costa Brava, procurada, todos os anos, por milhares e milhares de veraneantes, nomeadamente franceses e alemães, devido a promoção criteriosa e bem conduzida e da qual se retiram largos proventos. Tudo isto só foi possível porque se decidiu, corajosamente, a mobilização oportuna de largos recursos, numa política verdadeiramente integrada, a par de facilidades e estímulos vários concedidos a nacionais e estrangeiros, muito em especial nos sectores hoteleiro e de transportes aéreos.

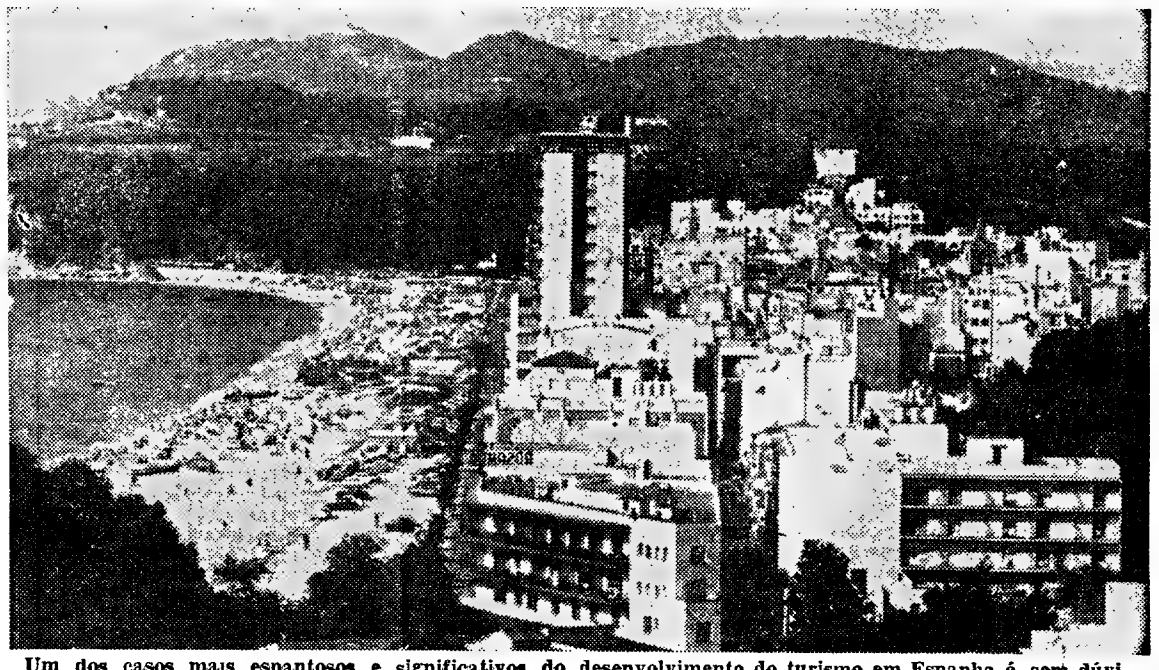
Os resultados positivos e espectaculares deste intenso labor estão agora bem á vista e permitiram colocar a Espanha num dos lugares cimeiros do turismo internacional. Quaisquer reservas que possamos fazer a métodos utilizados, a resultados concretos alcançados, comparando-os com alguns factores negativos sempre ligados á invasão indiscriminada de visitantes de latitudes diversas e nem todos dotados do bom-senso indispensável e de requisitos morais bastantes, não abalam, nem diminuem, o grandioso edifício erguido, laboriosamente, pelo turismo espanhol, e cedem passo aos resultados fabulosos no plano económico, embora se possam ainda averbar outras vantagens de carácter social e até cultural e educativo, provenientes de uma vivência cada vez mais alargada, de âmbito europeu e mundial. Se o turismo massivo pode ser atacado, atendendo a determinados casos, aliás de influência e repercussão restritas, não há dúvida, porém, que é das realizações mais espantosas e influentes do nosso tempo, autêntica vitória da convivência humana de diferentes étnias e credos religiosos e políticos — demonstração certa e eficaz de coexistência pacífica.

NÃO podemos ter a pretensão de uma descrição exaustiva e completa da Costa Brava, que visitamos parcialmente e durante breves horas. Mas afigura-se com bastante interesse proporcionarmos aos nossos leitores a visão, ainda que fugidia, de uma zona superpovoada e comospolita (nomeadamente na época balnear), que constitui hoje relevante pólo de atracção em todo o Mundo, perfeitamente em igualdade de circunstancias com outras maravilhas turisticas do Mediterraneo.

A Costa Brava, conforme se sabe, estende-se desde a povoação de Blanes (junto da Costa Dorada) até á linha fronteiriça francesa e coincide exactamente com o litoral da provincia de Gerona (Catalunha), no nordeste de Espanha. Por motivo da beleza digamos agressiva da sua paisagem mais vulgar, pelo seu litoral de reentrâncias e saliências rochosas, se convencionou denominar (ainda não há muito tempo) aquela progressiva região de Costa Brava, classificação que é, todavia, desmentida pelo seu clima suave e temperado, mesmo no Inverno. Predominam ali o céu azul, a água transparente e de agradável temperatura e tonalidade. A intercalar os trechos alcantilados da costa, topa-se, de quando em vez, grandes e pequenas praias, de areias agradáveis, abrigos solitários entre rochedos abruptos, cavernas lançadas na semiobscuridade.

Desde tempos imemoriais que fenícios, gregos e romanos se estabeleceram na Costa Brava, fundando povoações e outros núcleos comunitários, de que ainda restam vestígios e que se mantiveram até aos nossos dias: Rosas, Lloret de Mar, Tossa de Mar e Castell (Palamós) são aglomerados detentores de valiosos patrimónios, nomeadamente mosaicos, muralhas, torres, castelos e mosteiros. Todo este sugestivo e recortado litoral, mercê da sua magnífica localização geográfica e importância estratégica, foi cenário de guerras, desembarques e actos de pirataria, que explicam muitas das antigas fortificações construídas ao longo da costa, nos melhores pontos e de onde se rasgam vastos horizontes. Anote-se, a propósito, que a mão do homem tem sabido conservar e valorizar inteligentemente esses valores históricos, não só por constituirem lição proveitosa e esclarecedora legada pelos antepassados e fonte de estudo preciosa para naturais e visitantes, mas também por se apresentarem com o maior inte-

(Continua na página seguinte)



Um dos casos mais espantosos e significativos do desenvolvimento do turismo em Espanha é, sem dúvida, Lloret de Mar, porventura o núcleo mais importante ou expressivo da Costa Brava. Numerosos hotéis e outros estabelecimentos similares se reunem ali para servir o turista, a par com as recreações diurnas e nocturnas mais emotivas e conforme as preferências dos visitantes. Nada falta em Lloret para satisfazer o turista, por mais exigente que possa ser. Isto justifica uma indústria poderosa, que se alarga a todos os pontos do território do país vizinho, susceptíveis de aproveitamento, por menores que sejam as suas possibilidades

DE CAIA A FÁTIMA

— um dos itinerários dos «Caminhos da Fé»

A demarcação dos melhores e mais adequados itinerários turísticos, servidos de transportes fáceis e de outros elementos de apoio, deverá constituir um dos motivos da esquematização em curso. Estes circuitos interessam não só ao desenvolvimento do chamado turismo interno — de âmbito muito vasto e envolvendo particularidades de índole económica e social e até educativa —, mas também à promoção do turismo externo. Da conjugação certa destes dois factores, da manutenção esclarecida de um equilíbrio que deverá ser reajustado a todo o momento, dependerá, em boa medida, o êxito de uma actividade que envolve largos capitais e emprega numerosa mão-de-obra.

Afigura-se, portanto, com muito interesse o estabelecimento dos itinerários designados por «Caminhos da Fé», os quais visam, muito em especial, a condução dos fiéis (e dos turistas em geral, portugueses e estrangeiros) até ao Santuário da Cova de Iria. Esta magnífica e oportuna iniciativa — a que temos prestado, nesta secção, a devida divulgação — enquadra-se no programa das comemorações do Cinquentenário de Fátima, motivação religiosa que tem servido, com vantagem, a indústria nacional de turismo

Esta semana escolhemos o circuito de Caia a Fátima. Trata-se de bem elaborado percurso, que, desde uma das fronteiras terrestres mais movimentadas, conduz os turistas por alguns dos principais atractivos de Portugal continental. Foram demarcadas duas rotas, uma directa, com a extensão de 283 quilómetros, e outra turística, de 331. Ambos os percursos e uma outra derivante, por Santarém, se encontram devidamente assinalados no esquema que junto publicamos

Atractivos principais

Em referência aos diferentes traçados deste circuito de Caia a Fátima, vamos alinhar algumas nótulas informativas a propósito dos principais pontos que podem ser visitados pelos turistas de aquém e além-fronteiras

ELVAS — Antiga Sé ● igrejas de S. Pedro, dos Domínicos e das Domínicas ● muralhas ● forte de Nossa Senhora da Graça ● Aqueduto da Amoreira ● Museu Arqueológico e Etnográfico Municipal (na Biblioteca Municipal — edifício do antigo Colégio dos Jesuítas).

VILA VIÇOSA — Castelo ● igreja e claustro do Convento das Chagas (séc. XVI) ● igrejas dos Agostinhos, da Esperança, de Nossa Senhora da Conceição, de S. Bartolomeu e de S. Francisco (túmulo do 1.° Duque de Bragança) ● matriz de Vila Viçosa ● Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (no Paço Ducal).

ESTREMOZ — Capelas de D. Fradique de Portugal e de Nossa Senhora dos Mártires (ábside gótica) ● igreja de S. Francisco ● claustro da Misericórdia ● castelos de Estremoz, Évora Monte e Veiros.

Outros motivos

ÉVORA — Sé Catedral ● igreja da Cartuxa — Scala Coeli ● ermida de S. Brás ● Convento de S. Bento de Castriz ● frontaria da igreja da Graça ● Conventos do Monte Calvário e de Santa Clara ● ermida de S. Miguel ● Palácio de D. Manuel ● capela de Nossa Senhora do Espinheiro ● capela e claustro da Mitra, na Herdade da Mitra ● templo romano (século II ou III da era Cristã) ● Colégio do

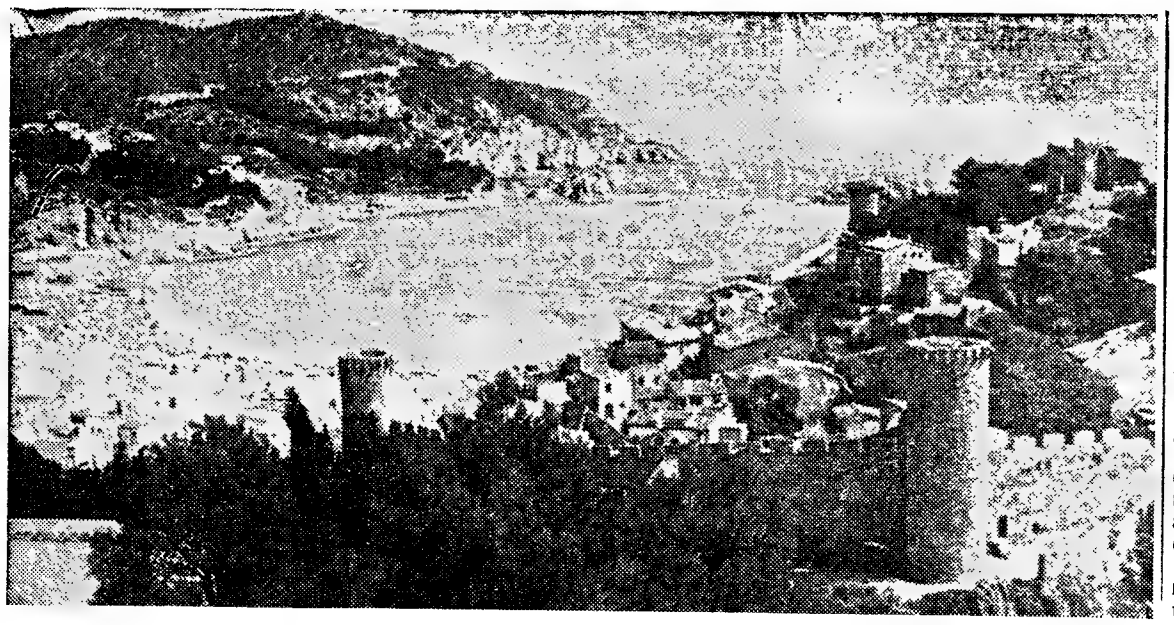
(Continua na página seguinte)

A Costa Brava — nome famoso do turismo espanhol e internacional — estende-se desde a povoação de Blanes até á linha fronteiriça francesa (Port-Bou) e coincide, exactamente, com a provincia de Gerona, no nordeste do país vizinho. Reproduzimos um apontamento esquemático desse litoral superpovoado e cosmopolita, onde se assinalam algumas das principais estâncias de veraneio

A. GAMA REIS
(MR. CORK)

Member of Portuguese Chamber of Commerce

WELCOMES YOU AT
Casa das Cortiças
(CORK HOUSE)
AND AT
Metrópolis
(Mrs. Cork's Souvenir Shop)
4, R. ESCOLA POLITÉCNICA — 10
LISBON (Portugal)
Telephone 325858
Tele grams Isolantes
AMERICAN EXPRESS CREDIT CARDS HONOURED HERE



Tossa de Mar — de que fixamos uma vista geral — é dos núcleos mais atractivos da Costa Brava. Cidade de origem pré-romana e com muralhas do século XII, desenvolve-se ali florescente comércio relacionado com o turismo. A praia de Tossa, embora pequena, é muito procurada pelos veraneantes estrangeiros, que se entusiasmam não só com as paisagísticas locais e a quietude daquela região marítima do Mediterrâneo, servida de clima muito saudável, mas também com o labor característico da faina piscatória. Por todo o lado se aperfeiçoam os meios de apoio ao progresso do turismo local, avultando uma rede hoteleira em constante expansão

COSTA BRAVA

(Continuação da página anterior)

resse para o desenvolvimento do turismo.

A linha fundamental de comunicações terrestres entre Barcelona e a Costa Brava é o caminho-de-ferro, embora exista uma rede rodoviária magnífica, constantemente aperfeiçoada e servida por modernas auto-estradas. As ligações ferroviárias processam-se desde a capital da Catalunha até á fronteira francesa (Port-Bou). Acentue-se, no entanto, que este sistema transportador não proporciona acessos directos á maior parte das estâncias localizadas junto do mar, de modo que se completa com frequentes e perfeitamente interligadas carreiras de autocarros. Aponta-se, ainda, a existência do serviço ferroviário (via reduzida) entre Gerona e San Feliu de Guixols, consagrado núcleo turístico. Por sua vez, o tráfego aéreo tem o seu fulcro principal situado no aeroporto internacional de Gerona (há pouco inaugurado e numa zona equidistante de qualquer das estâncias da Costa Brava), onde, todos os dias, chegam e partem aviões «charters», que estabelecem contacto com os principais aeroportos europeus, não se opondo ás respectivas empresas alugadoras — normalmente poderosas agências de viagens — quaisquer embaraços. Este um dos «segredos» do êxito crescente do turismo espanhol...

Dos núcleos mais importantes da Costa Brava — e que visitamos — merece anotação especial Lloret de Mar. Trata-se de pitoresca povoação, erguida a rasar as águas do Mediterrâneo e com uma população (normal) á volta de cinco mil habitantes. Pois bem. Nesta estância—cujo nome dirá pouco á maioria dos portugueses — existem nada menos do que 250 unidades hoteleiras e três grandes parques de campismo! Nas épocas de ponta chegam a reunir-se ali cerca de 50 mil forasteiros, predominantemente estrangeiros. Isto dá bem a medida da grandeza turística da Costa Brava, observada através de um simples sector, embora seja o maior ou, pelo menos, o mais conhecido de todos, opinião que poderá ser compreensivelmente contrariada.

LLORET DE MAR, conforme referimos noutro passo desta crónica, é de fundação antiquíssima e ainda hoje ali existem alguns vestígios da ocupação romana. Dispõe de bela praia, de areias claras e limpas, que excede um quilómetro de extensão e é literalmente ocupada pelos turistas durante o Verão. Distante 40 quilómetros de Gerona, capital da Costa Brava, 70 de Barcelona e 100 de um ponto da fronteira francesa (La Junquera), proporciona portanto acesso fácil por qualquer das três fronteiras utilizadas: terrestre, marítima e aérea.

Aquela magnífica estância é caracterizada pela beleza das suas paisagens e oferece equilibrada mistura de atractivos marítimos e de montanha. São justamente célebres as audições típicas e populares de «sardanas», que se efectuam todas as noites de sábado, na época de veraneio e os festivais do apreciado folclore espanhol. Desportos marítimos e náuticos e «cruceros turísticos» que se estendem ao longo do litoral da Costa Brava (existem três empresas, dispondo de excelente e adequada frota de rápidas e confortáveis embarcações), festas de sociedade e outras recreações constituem toda uma infra-estrutura indispensável ao veraneante. A fim de fornecermos uma imagem esquemática das recreações localizadas em Lloret de Mar, bastará registar os seguintes e significativos numeros: 115 bares e «snaks», 22 salas de festas e clubes de noite, 8 piscinas, 100 estabelecimentos de comércio turístico, estádio municipal, praça de touros, «courts» de ténis, campos de golfe e de equitação e miniautocarros, que percorrem, incessantemente, o aglomerado urbano e conduzem os turistas até á praia.

Nas imediações próximas de Lloret encontram-se, ainda, as seguintes praias: Canyellas — partida em duas pela rocha denominada «El Carquinyole». Santa Cristina — onde se ergue famosa ermida e se celebra, anualmente, muito curiosa e tradicional procissão; praia tranquila, rodeada de denso arvoredo. Fanals — praia muito aberta, limitada por rochas de singular beleza. Qualquer destes três aprazíveis locais serve de evasão aos veraneantes que preferem o sossego retemperador ao bulício trepidante de Lloret de Mar. Por outro lado, constituem excelentes meios de apoio e estão a seguir uma linha de desenvolvimento muito significativa.

OUTRA estancia por nós visitada, com alguma demora, foi Tossa de Mar, situada mais a norte de Lloret e já perto de San Feliu de Guixols. Pequena cidade de origem igualmente pré-romana, possui uma população calculada em 12 mil habitantes. Nela ainda existem algumas muralhas que datam do século XII e uma antiga zona residencial: Vila Vella. Numeroso e próspero comércio se consagra ali a atender os numerosos visitantes. A praia, talvez com a extensão de 500 metros, em forma de arco de ferradura perfeito, é muito procurada pelos turistas estrangeiros. Dispõe de interessante museu e de um farol de linhas imponentes. É bem conhecida e importante a industria de pesca de Tossa, cuja faina constitui um outro motivo de distracção para os forasteiros. A capacidade hoteleira de Tossa de Mar está calculada em 3253 quartos, demarcados em algumas modelares unidades, mas decorrem estudos para aumentar estas já valiosas condições de recepção e estada. Existem ainda ali, a dois passos, refugios naturais e isolados, próprios para a prática de campismo, salientando-se Cala Bona e Cala Pola, e uma praia quase selvagem: Girabola, que está a ser cada vez mais procurada. Distancias entre Tossa de Mar e os principais (e mais próximos) aglomerados urbanos: Gerona, 39 quilómetros; Barcelona, 83; Port-Bou, 114; e La Junquera, 96.

Concluímos esta série de apontamentos com uma informação mais, respeitante á capacidade hoteleira (número total de quartos) das primeiras estâncias turísticas da Costa Brava, citando-as no sentido sul-norte, da Costa Doirada até á fronteira francesa: Blanes, 1854; Lloret de Mar, 8809; Tossa de Mar, 3253; San Feliu de Guixols, 1820; Playa de Aro, 1535; San Antonio de Calonge, 868; Palamós, 860; Palafrugell, 246; Bagur, 520; El Estartit, 1067; Rosas, 1694; Llansá, 350; e Port-Bou, 259. Afigura-se que esta rápida citação estatística dispensa comentários. Insista-se, contudo, no facto de estes números apenas vincularem a capacidade das unidades hoteleiras, não entrando em linha de conta com os numerosos parques de campismo e de estacionamento de caravanas. Tudo isto explicará um pouco, supomos, o êxito da promoção turística ao redor da Costa Brava — que apenas é, afinal, um dos vários sustentáculos da respectiva e marcante indústria nacional.

C. M.

O APROVEITAMENTO DO ESPAÇO TURÍSTICO PORTUGUÊS

São muito vastas e variadas as possibilidades turísticas do espaço português. No entanto, e sem desconhecermos quantas dificuldades existem nos sectores hoteleiro e das comunicações, afigura-se que a solução dessa problemática só será possível pela integração efectiva do território, conforme vem, aliás, a suceder.

O facto de existirem problemas diferenciados nas diversas parcelas — e ainda que haja necessidade de respeitar aspectos peculiares perfeitamente defensáveis — não invalida a criação de um departamento centralizador. Seja, porém, como for, teremos de assinalar o facto de os transportes aéreos, cada vez mais aperfeiçoados e numerosos, estarem a cumprir missão de transcendente relevância na integração do espaço turístico nacional.

Havemos então de formular votos pela multiplicação das carreiras da TAP e pelo abaixamento das respectivas tarifas e outras taxas, sempre que tal for possível. Na gravura que publicamos, reproduzimos a imagem de um dos gigantes dos ares que se encontram ao serviço do tráfego dos Transportes Aéreos Portugueses — o «Boeing 707 — 320 B».

OS «CAMINHOS DA FÉ» SÃO ITINERÁRIOS BEM DEMARCADOS

E DE MUITO INTERESSE TURÍSTICO

(Continuação da página anterior)

Espírito Santo, compreendendo o portal renascença ● palácio dos antigos condes de Basto (séc. XVI) ● Aqueduto da Prata (séc. XVI) ● chafariz da Praça do Giraldo e das Portas de Moura ● janela manuelina do prédio n.º 31 e 33 da Rua da Moeda ● janelas da frontaria do antigo Palácio dos Sepúlvedas (Rua da Lagoa, 78) ● castelo do Valongo ● parte do edifício em que se encontram, no denominado Palácio da Inquisição, pinturas murais ● mirante do prédio n.º 26, ás portas de Moura ● castelo e torre dos Coelheiros ● forte de Santo António ● igrejas de S. Francisco (capela dos Ossos) e dos Lóios ● Museu Regional (edifício do Palácio Arquiepiscopal).

MONTEMOR-O-NOVO — Conjunto da igreja e cripta de S. João de Deus ● castelo.

SANTARÉM — Igrejas de Santa Clara, de Santo Estêvão (Santo Milagre) e do Seminário ● janela manuelina, numa casa da Praça de Sá da Bandeira ● restos das muralhas e porta de Sant'Iago ● torre das

VILA NOVA DE OURÉM — Castelo ● casas onde nasceram os videntes de Fátima, em Aljustrel, freguesia de Fátima.

Cabaças ● capela de Nossa Senhora do Monte ● igrejas da Graça (séc. XIII — tumulo de Pedro Álvares Cabral), de Santo Agostinho, Nossa Senhora da Piedade, S. João de Alporão (séc. XIII — românico-gótico — Museu Arqueológico), Almoster e as ruínas do respectivo claustro, Santa Cruz da Ribeira e Santa Maria de Marvila ● fonte das Figueiras, vulgarmente chamada fonte Mourisca ● edifício e igreja da Misericórdia ● igreja de Santa Iria (séc. XVII — neste templo se guarda uma imagem de Cristo crucificado, em madeira, que, segundo se admite, é a mais antiga do seu género no País) ● padrão de Santa Iria ● Museu dos Coches.

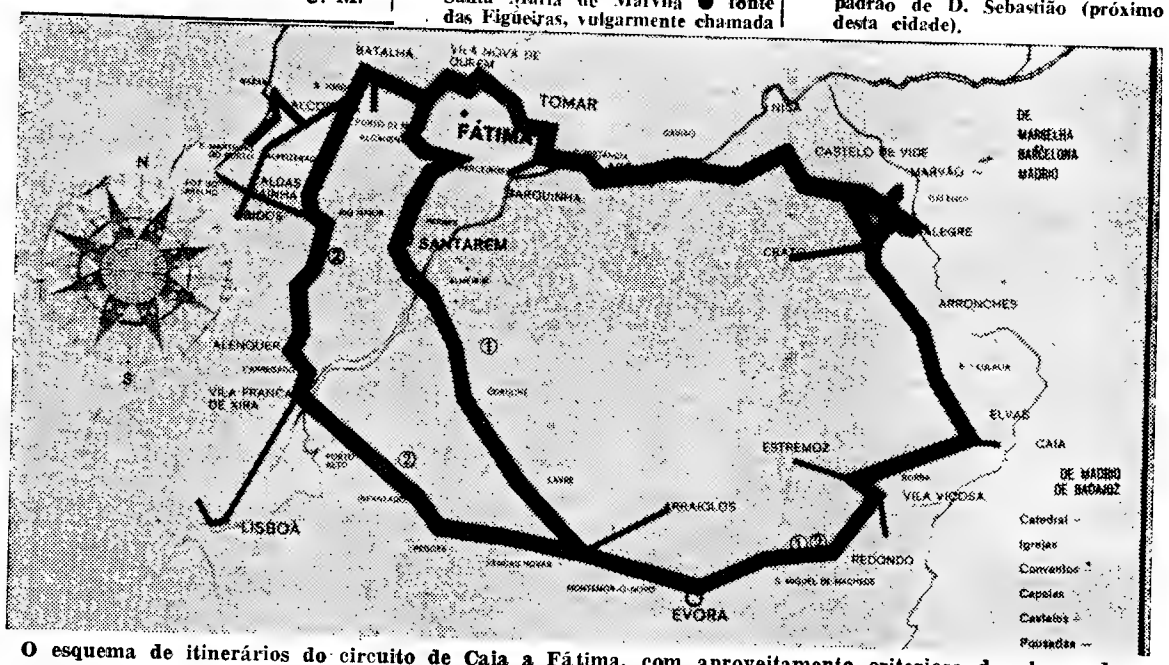
Informações finais

PORTALEGRE — Sé ● igrejas de S. Bernardo (Museu Municipal) e da Misericórdia e respectivo consistório ● castelo de Alegrete ● Convento de Santa Clara e conjunto de todas as construções que o enquadram ● muralhas do castelo.

NISA — Muralhas ● ponte medieval sobre a ribeira de Figueiró, conhecida na região por ponte romana de Abarrol ou ponte romana de Vila Flor, situada a cerca de doze quilómetros de Monte Claro ● castelo de Amieira ● capela do Calvário, na vila de Amieira ● fonte da Pipa (séc. XVI — renascença) ermida de Nossa Senhora dos Prazeres (séc. XVI), localizada a três quilómetros de Nisa.

ABRANTES — Igrejas de S. Vicente e de S. João Baptista ● castelo ● Museu Regional de D. Lopo de Almeida (instalado na igreja de Santa Maria do Castelo).

TOMAR — Mosteiro de Cristo ● aqueduto do Convento de Cristo ● ermida de Nossa Senhora da Conceição ● igrejas de Santa Maria dos Olivais e de S. João Baptista ● capelas de S. Lourenço e padrão de D. João I e de S. Gregório ● castelo ● igrejas de Santa Iria e das Areias (esta na freguesia de Pias) ● fonte de S. Lourenço ● padrão de D. Sebastião (próximo desta cidade).



O esquema de itinerários do circuito de Caia a Fátima, com aproveitamento criterioso de alguns dos principais atractivos turísticos do País

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, junto á fronteira Norte, o furriel miliciano Rui Santos Ribeiro, natural de Serrades (S. Pedro do Sul), filho do sr. Joaquim Marques e da sr.ª D. Silvina Oliveira Dias; os soldados 00698366, Adérito Santos Ferreira, natural de Figueiredo das Donas (Vouzela), filho do sr. Fernando Ferreira e da sr.ª D. Maria do Carmo Santos Ferreira; 00879466, Manuel Pereira Cairrão, natural de Resende, filho do sr. José Pereira Cairrão e da sr.ª D. Felismina Soledade Cairrão; 00736566, Manuel Costa Mirassol, natural de Lagos, filho do sr. Manuel S. Mirassol e da sr.ª D. Maria da Conceição Costa Mirassol; e 73131066, Matis Lima, natural de Moçambique e pertencente ao respectivo recrutamento provincial.

NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MOÇAMBIQUE

Efectua-se depois de amanhã, ás 11 horas, na Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Ultramar, o acto de posse do novo presidente do Conselho Provincial de Educação Física de Moçambique, sr. professor Noronha Feio. A posse ser-lhe-á conferida pelo sr. dr. Cruz Alvura, director-geral e secretário-geral do Ministério, na presença do sr. dr. Justino Mendes de Almeida, director-geral da Educação do Ultramar.

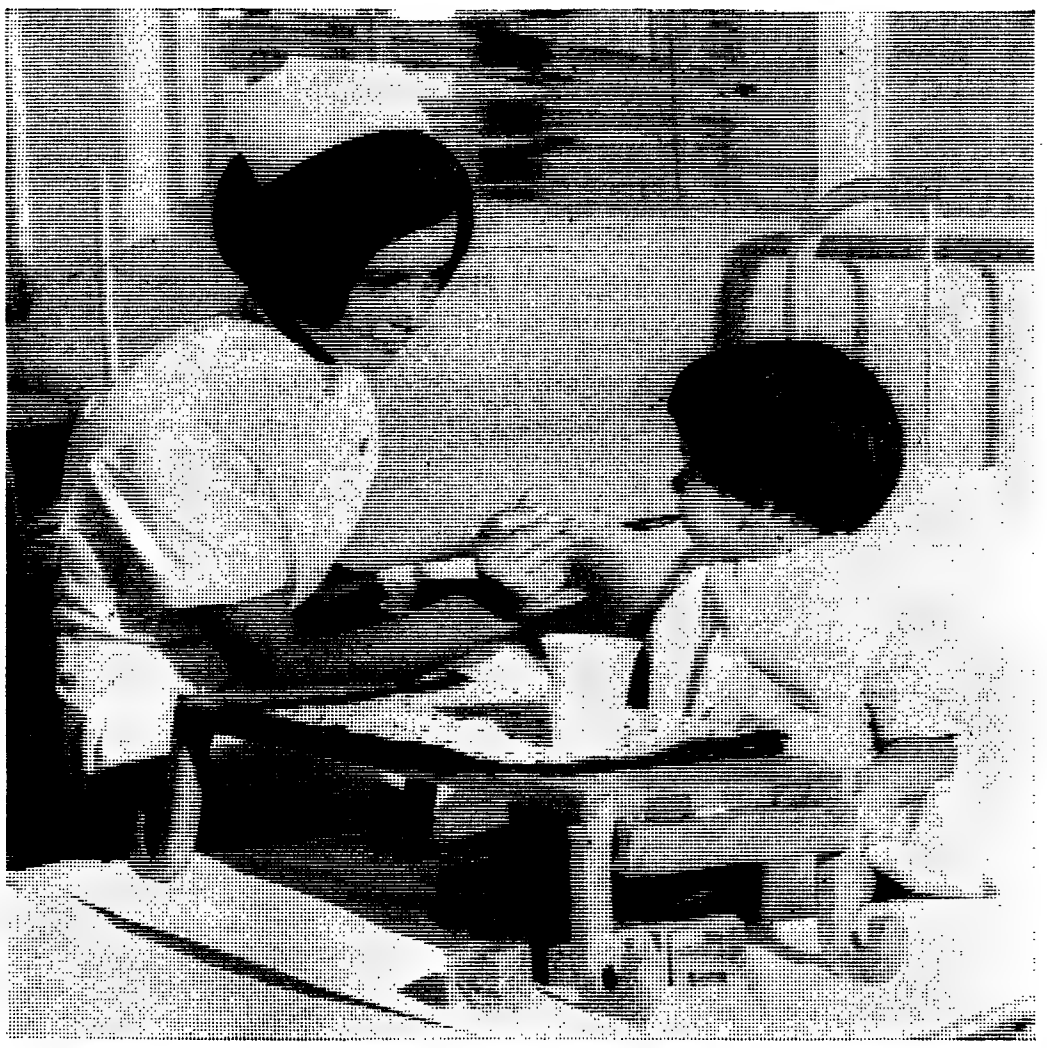
Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria OS UNIDOS.

Foi preso um dos gatunos que actuavam no Barreiro

BARREIRO, 22 — A. G. N. R. desta vila capturou Fernando Manuel Jorge Joaquim, o «Boleta», de 21 anos, solteiro, sem profissão e sem residência certa, que era procurado por aquela autoridade por, há meses, ter praticado diversos assaltos nesta vila, entre os quais a uma fábrica de cortiça, a um armazem de ferragens e ao depósito de máquinas da C. P. O larápio foi surpreendido na residência da namorada, na Rua 1.º de Dezembro, de onde tentou escapar-se, saltando por uma janela. Não conseguiu, no entanto, evitar ser preso. Dos mesmos roubos são também cumplices Luís Alberto Ferreira, o «Canejo» e Carlos Alberto Teixeira Guerra, o «Malagueta», ambos presos na cadeia do Montijo.

exito

escolhi a enfermagem



E escolhi porque não é apenas mais uma profissão.

Ciência e arte **ao serviço do** mundo inteiro, ela oferece à mulher o desenvolvimento pleno da sua **personalidade**, apelando para as suas mais belas reservas de coração, de inteligência, **de carácter** e de espírito de responsabilidade.

CURSO DE 3 ANOS COM AS SEGUINTES MATÉRIAS BÁSICAS:

1.º ano — Enfermagem preliminar • enfermagem médica

2.º ano — Enfermagem cirúrgica e especialidades médico-cirúrgicas • enfermagem materno-infantil

3.º ano — Enfermagem psiquiátrica • enfermagem de saúde pública • ensino de enfermagem • administração de serviços de enfermagem.

BOLSAS DE ESTUDO

Durante o curso são concedidas em diferentes modalidades, desde facilidades de alojamento e alimentação até mensalidades em dinheiro.

No próximo ano lectivo, as facilidades em bolsas de estudo incluirão abonos mensais de 1.000$00 a 1.250$00 às candidatas que tenham o 2.º ciclo liceal.

Para todos os informes dirigir-se a qualquer Escola de Enfermagem ou à DIRECÇÃO GERAL DOS HOSPITAIS Avenida da República, 34 — LISBOA-1

UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO

Dizem os leitores...

«Zebras e cavalos»

A «Nota do dia», publicada sob o mesmo título e tratando de um aspecto cruciante do problema do transito, suscitou largos aplausos e comentários e sugestões por parte de inumeros leitores. Outras cartas sobre o assunto nos têm chegado ainda; e, de entre elas, a que reproduzimos, subscrita pelo sr. Francisco Trindade Calha:

«Li, com bastante interesse a «Nota do dia», recentemente publicada no «Diário de Lisboa», sob o título «Zebras e cavalos» e os comentários oportunos que alguns leitores teceram, mais tarde, sobre a mesma. Conquanto esteja inteiramene de acordo com as críticas que nela se fazem sobre o desrespeito de alguns automobilistas pelos mais elementares sinais reguladores do transito, não quero deixar de fazer algumas considerações relacionadas com tão grave problema.

«Antes de mais, quero frisar que não possuo automóvel, sendo, por tanto, os meus comentários desprovidos de qualquer pseudodefesa dos automobilitas. Sucede, todavia, que verifico constantemente, que nem só o automobilista é o culpado pelo estado calamitoso em que se processa o transito nas ruas de Lisboa, ou de qualquer outra cidade. Existem muitas responsabilidades do peão para que tal estado se verifique e agrave. Todos sabemos como o peão português está mal educado, ou mal informado, sobre os princípios que deve observar e respeitar para que a sua colaboração se torne util na solução dum problema que é de todos nós. Para ilustrar o que acabo de dizer, cito um caso concreto que presencio todos os dias.

«À entrada norte do Rossio, no acesso aos Restauradores, junto ao Teatro D. Maria e do lado oposto, junto ás cabinas da Companhia dos Telefones, existem resguardos impedindo que os peões atravessem aquela artéria. Pois quem passar por ali, a qualquer hora, poderá presenciar alguns peões que, desrespeitando o preceituado pela lei, atravessam, precipitadamente, com risco da própria vida, aquela artéria. Pergunto: — Por que razão não é reprimida, por quem de direito, esta flagrante falta de respeito para com as normas reguladoras do transito na cidade?

«Mais acima, á entrada dos Restauradores, existem passagens subterraneas que permitem a passagem, de um passeio para o outro, em condições de absoluta segurança. Pois o numero de peões que utilizam aquelas passagens para atravessarem a praça é diminuto. Pergunto: — Porque motivo não é suprimida a passagem de peões por aquela artéria? Não seria, deste modo, muito mais fácil o escoamento do tráfego automóvel que a qualquer hora do dia ou da noite é intensíssimo no local?

«Julgo que ninguém se preocupa em indicar ao peão quais as obrigações a que se deverá sujeitar para facilitar o transito na cidade. Não deveriam ser a Imprensa ou as autoridades municipais as primeiras a debruçar-se sobre este problema? Sabemos que a culpa pertence aos automobilistas e aos peões. Mas, se, com vista, principalmente, á segurança dos primeiros se organizam campanhas de prevenção, porque não organizar para os peões campanhas de informação, e, igualmente, campanhas de repressão contra as muitas e variadas formas de transgressão que presenciamos e praticamos todos os dias? Parece-me que o problema, sendo de todos, deverá igualmente ser solucionado com a ajuda de todos».

Dois acidentes mortais em Leiria

LEIRIA, 22 — Foi vítima da explosão defronte de gasolina de uma bicicleta motorizada o menor Julio Vicente dos Remédios, de 6 anos. A explosão foi provocada por uma candeia que estava acesa e que inflamou o combustível.

Encontrando-se próximo, o pai do pequeno, sr. José Ribeiro dos Remédios, foi em seu auxílio sofrendo queimaduras nas mãos.

Ambos foram transportados ao hospital desta cidade. O pequeno Julio Vicente faleceu durante a noite e o pai recebeu tratamento e recolheu a casa.

●

No momento em que o electricista Joaquim António Veríssimo Passinhos, de 24 anos, solteiro, funcionário dos Serviços Municipalizados desta cidade, se encontrava em cima de um poste da Avenida Marquês de Pombal, caiu e fracturou o crânio.

O infeliz operário, que residia no Bairro Prisão-Escola, foi logo conduzido ao hospital, onde faleceu pouco depois.

Altos cargos universitários

Foram nomeados: o dr. António Giáe, director do Gabinete de Astronomia da Faculdade de Ciências de Lisboa; o dr. Kurt Jacobsohn, director do Laboratório de Química da mesma Faculdade; o dr Armando de Vasconcelos Laroze Rocha, director dos Laboratórios de Bromatologia e de Química Biológica e Análises Bioquímicas da Faculdade de Farmácia do Porto; o dr. Vasco Sanches da Silva e Sá, director das oficinas da Faculdade de Engenharia do Porto; o dr. Carlos de Azevedo Coutinho Braga, director do Laboratório de Física da Faculdade de Ciências do Porto; o dr. Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araujo, director do Museu e Gabinete de Estruturas da Faculdade de Engenharia do Porto; e o dr. José Carlos Leão da Silva Cunha, director do Gabinete e do Laboratório de Máquinas da mesma Faculdade.

A aparecer brevemente:

CÓDIGO DA CAÇA

Texto anotado, com rubricas aos artigos e índice alfabético

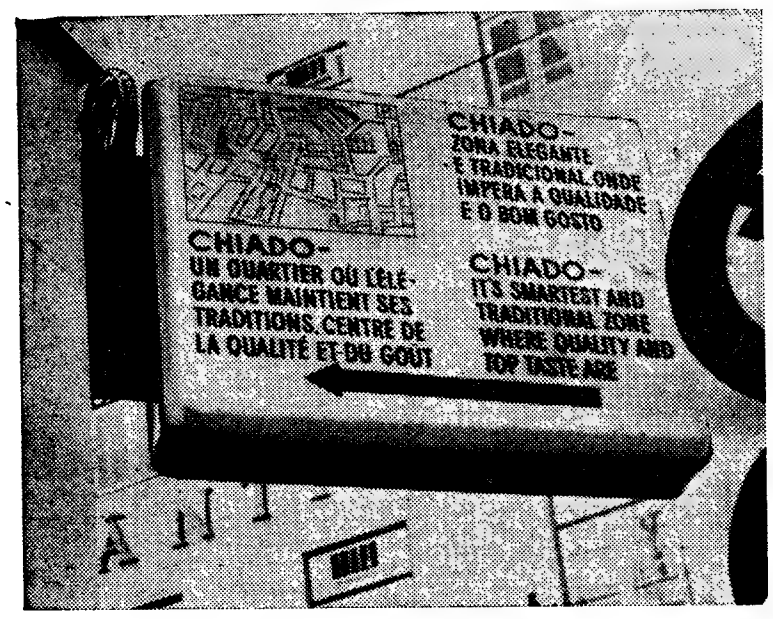
por

José Alfredo Soares Manso-Preto

Juiz de Direito

Procurador-Geral da República, em exercício

Edição ATLÂNTIDA—Coimbra



O letreiro luminoso colocado na esquina das ruas de S. Nicolau e Aurea

NO CHIADO

— DE TUDO UM POUCO E DO MELHOR

DUZENTOS CONTOS POR ANO PARA PROPAGANDA DA ZONA

O Chiado, por aquilo que foi e por aquilo que é, dir-se-ia não precisar de ser reclamado.

Mas o prestígio dele, como o das artérias ou zonas semelhantes de capitais como Madrid, Paris, Londres, Bruxelas ou Roma, não se faz só com tradição. Por isso o Chiado, cartaz tão representativo e individualizante de Lisboa cómo o são o Museu dos Coches, a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, é «ex-libris» que importa valorizar. Em especial porque se trata, claro, da zona, por excelência, do comércio alfacinha.

«No Chiado há um pouco de tudo e do melhor», como diz a legenda adoptada por um grupo de comerciantes do L. do Chiado e Rua Garrett, que meteram ombros á tarefa de manter o carácter e o prestígio da zona. Para tanto, quotizam-se, mensalmente, atingindo a verba anual, para manutenção desta campanha, cerca de duzentos contos. Embora as ruas do Carmo e Nova do Almada também sejam Chiado os comerciantes daquelas artérias não participam na comissão. A ela se devem já as iluminações festivas, com participação, ainda, da C. M. L., o Dia do Turista, integrado na iniciativa do comissariado, as campanhas dos Santos Populares e a rodagem de filmes sobre aspectos daquela artéria e seus estabelecimentos. Além disso a comissão faz distribuir em todas a fronteiras e hotéis do País um mapa do Chiado com os teatros, os cinemas, os cafés, os hotéis, os restaurantes, os monumentos e os estabelecimentos mais variados, além dos tribunais, o Governo Civil, etc.

Pois a comissão, no prosseguimento da sua campanha, fez instalar, na esquina das ruas de S. Nicoleu e Áurea o letreiro luminoso que a nossa gravura reproduz, pelo qual, em português, francês e inglês, se fica a saber que «o Chiado é zona elegante e tradicional, onde impera a qualidade e o bom-gosto». Coisas que todos nós sabiamos, evidentemente, mas que o estrangeiro de passagem por Lisboa podia ignorar.

O exemplo dos sinaleiros

Os novos fardamentos de Verão dos sinaleiros — que ontem apareceram em Lisboa com camisa em vez do «dolman» — mereceu, aos directamente beneficiados e ao público, unânimes aplausos.

Quem não gosta de andar leve e fresco no tempo do calor?

Mas, além disso, a decisão do comando da P. S. P. — sensata e oportuna — constitui um exemplo, tendo provocado a inveja de muitos outros funcionários, de serviços públicos e particulares, muitos deles ainda obrigados a usar fardas pesadas, quentes e pouco práticas, pelo menos no período estival.

Basta citar, por exemplo, o caso dos funcionários da Carris, muitos deles envergando ainda as velhas fardas castanhas — verdadeiramente anacrónicas em tempo de Verão. Os que já possuem as novas fardas, embora mais ligeiras, continuam, porém, a usar casaco.

Sabemos que a administração da Carris, em tempos, pensou em estabelecer um fardamento aligeirado para todo o seu pessoal — julgamos que previa o uso de uma simples camisa, como agora os sinaleiros, nos meses de Verão. Porque não vingou tal projecto?

De qualquer modo, com o exemplo dos sinaleiros, parece lógico supor que certos preconceitos formalistas de que ainda padecemos irão desaparecendo, para comodidade e satisfação de quem trabalha.

Medalha das campanhas do Ultramar

Foi concedida a medalha comemorativa das campanhas das forças armadas portuguesas a todos os militares ou equiparados e elementos das forças militarizadas, da metrópole ou do ultramar, que, a partir de 23 de Dezembro de 1966, tenham pertencido ou venham a pertencer ás forças de terra, mar e ar em actuação no Norte de Angola ou noutra zona da província já definida ou a definir.

AS VOSSAS JÓIAS

podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex.ª obter na
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253 * Telef. 32 45 64

Universitários estrangeiros

(curiosos de Portugal)

removem as árvores mortas pelo incêndio na serra de Sintra

Ainda há muita árvore queimada na serra de Sintra. Troncos e ramos escurecidos pelo fogo da tragédia passada, ainda na memória de todos. Quem por aqui e ali andar, de camisa branca, fica com a camisa enfarruscada caso se encoste a uma árvore. A própria terra se apresenta com um tom escuro, inusitado. Perduram raízes calcinadas e há pedras que mudaram de cor.

Que acontece, porém, nesta manhã clara, no cenário áspero da serra, na zona de Monserrate?

O jornalista, á distância regulamentar da boa educação, observa o que lhe parece estranho, não habitual na serra queimada. Conta onze raparigas e oito rapazes. Todos cantam — e todos trabalham. Cantam o quê? Que espécie de trabalho executam?

As canções são alguns dos êxitos do momento (Sandie Shaw, principalmente) e o trabalho limita-se á remoção dos troncos e ramos queimados.

Mas (e o jornalista aproxima-se mais, discreto, no entanto, sempre) que espécie de gente é esta que tão alegremente se desempenha de tão fatigante tarefa?

Vai senão quando, um moço, de camisola vermelha, lhe tolhe o passo:

— *M. P. — apresenta-se.*

— *M. P.? — interroga o jornalista.*

— *Mocidade Portuguesa.*

— *Ah!*

Tudo é explicado, então, ao inocente observador. Trata-se de um campo de trabalho internacional. Aqueles jovens são universitários franceses, holandeses, belgas, italianos e alemães. Para ali vieram no dia 6, dali se irão no próximo dia 26. Têm refeições e pernoitam na Quinta de Monserrate. Manhãs de trabalho, tardes livres.

● Curiosidade por Portugal

— Dentro de meia hora o trabalho será interrompido — dizem-nos o jovem José Duarte Ferreira, estudante de Direito (Lisboa) e intérprete do fado coimbrão. («Apreciam muito o fado, sabe...?»)

...Mas os jovens mostram-se verdadeiramente interessados num conhecimento mais profundo do país que pela primeira vez visitam. Escritores — havia-os? Sim. Decepção, no entanto: nunca nenhum (dos mencionados) lhes chegou ás mãos traduzido. Cinema? Bem... Teatro? «Gosto muito» — disse o jornalista. Havia industria em Portugal? Tudo se fazia para isso. E a agricultura, que tal? Já um rei mandara semear pinhais, D. Dinis, sabiam...? E mais isto? E mais aquilo? Enfim — coisas são, «voilà»!

Disseram depois as moças e moços das suas preferências:

«O circulo de giz caucasiano», Camus, Malraux, Beaudelaire, Garcia Lorca, Tchekov, Albee... No «écran» admiravam Bergman, Buñuel, e diversos realizadores de feição realista. Mas, quanto a estes, nem todos — e sim os que, utilizando motivos de um determinado tempo (a crise do após-guerra, por exemplo) sabiam conferir uma dimensão in-

Durante a remoção dos troncos e ramos queimados, eram jovens que tinham uma canção no tempo que passa. Êxitos do momento. Mas, depois, sentados todos, todos se mostraram in nossos países pouco se lê sobre Portugal». E as suas perguntas foram em

Ramos que

temporal á h
tendido? Sim
Uma das u

Óptimos os campos de trabalho portugueses

— Os jovens universitários portugueses são bem recebidos nos campos de trabalho estrangeiros?

Esta foi uma das perguntas feitas aos nossos hóspedes.

— Nunca como nós aqui — disseram — Isto é: são bem recebidos, mas mal alojados. Não os ofendemos, discutimos muitas vezes, os pontos de vista divergem — mas recebemo-los com a mesma simpatia dispensada aos jovens das outras nacionalidades. Acontece, todavia, que as instalações dos nossos campos de trabalho não são tão boas como as vossas. Nós estamos instalados num maravilhoso parque, e os jovens portugueses, não raro, pernoitam em quartos exíguos. Tal também se explica pelo intercambio juvenil que, com maior afluência, se regista nos nossos países. Somos um pouquinho mais abertos...

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA
Couto, L.da
PORTO

SOREL
S. A. R. L.

Comunica aos seus clientes que por motivo de férias ao pessoal **encerra** a **oficina** da Rua Filipe Fo N.º 12, de **21 de Agosto a 2 de Setembro.**

Durante aquele período permanecem abert instalações da Rua D. Luís I, N.º 28, com o pessoa cessário para prestar a devida assistência.

tas

tra

Duarte Fer-
Direito (Lis-
fado coim-
ito o fado,

mostram-se
eressados
ais profun-
rimeira vez
– havia-os?
tanto: nun-
encionados)
traduzido.
ro? «Gosto
nalista. Ha-
ugal? Tudo
a agricul-
rei manda-
. Dinis, sa-
o? E mais
oisas são.

s moças e
rências:
aucasiano»,
Beaudelaire,
ov, Albee...
n Bergman,
realizadores
las, quanto
– e sim os
s de um de-
a crise do
emplo) sa-
imensão in-

Ramos queimados são removidos por mãos jovens — um ócio saudàvelmente preenchido. «E morreram muitos homens no incêndio?»

temporal á história filmada. Entendido? Sim, senhor.

Uma das universitárias (Françoise, francesa, Ciências Políticas) levou por distracção as mãos enfarruscadas á cara.

ens que tinham uma canção na boca. Uma, duas, três canções. Canções que passam no todos, todos se mostraram interessados pelo país que visitavam pela primeira vez. «Nos as suas perguntas foram em maior numero do que as do repórter...

— Pareces uma negra — disse a irmã, de nome Yveline (Medicina).

E, por uma associação de ideias, discutiu-se a sorte de Tschombé. Ainda continuava detido, não? Continuava.

...Aspirado o ar puro de Monserrate, falou-se, sùbitamente, da morte. Pois não morre gente todos os dias? O Simpson, o ciclista britânico, por exemplo. A Jayne Mansfield. E o homem vulgar, anónimo, de qualquer canto obscuro da terra.

— E são muitos os portugueses que vão lá fora? — pergunta Els, holandesa («Els», abreviatura de Elisabeth), dando outro rumo á conversa.

— Entram muitas divisas? — quer saber Ruud, holandês também, estudante de Economia.

— O turismo tem importância? — quer saber outro.

— Como funcionam os jornais?

— Que pensam os universitários portugueses?

Etc.

Os dois unicos italianos (Giancarlo e Francesco) são seminaristas. Estão de acordo com João XXIII e Paulo VI. Pierre, francês, galã, tem um lenço de seda submetido no pescoço. Norbert (alemão) mantém-se calado. Ruud — «muito complexo o problema africano» (Congo). Uma moça inglesa (não identificada) faz ao jornalista um interrogatório cerrado. Els, finalmente, afirma ter visto, pela primeira vez, limões por colher. Limoeiros carregados de fruto. «Quando vir um limão, lembrar-me-ei de Portugal...»

Todos, já nas ultimas palavras da conversa, elogiam (sinceramente) a hospitalidade dos portugueses. Uns — voltarão. Outros — não. Todos cá estiveram.

EL

tes que por motivo de
na da Rua Filipe Folque,
Setembro.

permanecem abertas as
l.° 28, com o pessoal ne-
ssistência.

A navegabilidade do Tejo (até ao Carregado)

demonstrada num trabalho que só foi possível com a cooperação da Hidrografia

O capitão do barco que devia — há poucos dias — fazer um delicado percurso fluvial desde os cais de Lisboa até ao Carregado, em circunstancias, aliás, invulgares, declarou peremptoriamente:

— Não me responsabilizo por esse percurso visto considerá-lo perigoso para o navio. Prefiro não me encarregar dessa missão.

Criava-se, desta maneira, uma situação delicada: um batelão de 600 toneladas, rebocado, transformador) juntamente com monobloco de 200 toneladas (um transformado) juntamente com uma zorra de 64 rodas, estava na iminência de não levar aquela carga ao seu destino — o Carregado, a montante de Vila Franca de Xira. Não temos estradas nem caminhos-de-ferro preparados para tamanho esforço... Mas o monobloco de 200 toneladas e a zorra de 64 rodas tinham de chegar ao Carregado... Como fazer?

● As vias marítima e fluvial eram as únicas utilizáveis

A viagem começava em Leixões. A parte oceanica da travessia, escolhidas as embarcações e as condições propicias do tempo, não apresentava impedimentos sérios, mas teve de ser estudada.

O percurso fluvial, Tejo acima, era porém operação bem mais delicada devido á falta de água que se encontra á medida que se sobe o nosso rio. A empresa proprietária do gigantesco transformador, a «Efacec», resolveu consultar o Instituto Hidrográfico — entidade que, pela própria natureza dos seus serviços e pela modelar organização dos mesmos, conhece perfeitamente as condições de navegabilidade nos nossos litorais e portos — quer metropolitanos quer ultramarinos.

Presente o assunto ao ministro da Marinha, determinou o sr. almirante Fernando Quintanilha que fosse prestada toda a colaboração e que a mesma se considerasse «com elevada prioridade nos programas de trabalho do Instituto».

Tratava-se, de resto, de um problema de interesse nacional, pois, se o transformador não chegasse a tempo ao Carregado, corria-se o risco de por possível acção de prolongada estiagem e esgotamento das reservas hidroeléctricas, vir a faltar no Sul do País parte da energia necessária á laboração industrial e doméstica.

Os problemas que foi necessário resolver para ser possível o transito fluvial situaram-se nos campos dos levantamentos hidrográficos, estudos de marés e de correntes e ainda nos da balizagem.

● Uma cuidada preparação hidrográfica

O levantamento hidrográfico Lisboa-Vila Franca de Xira tinha já sido efectuado e o reconhecimento hidrográfico Vila Franca de Xira-Carregado já constituira tarefa da Administração-Geral do Porto de Lisboa. Todavia, a navegação a efectuar teria que utilizar a linha de maiores fundos actuais, em constante evolução por força de acções naturais e com possível intervenção humana (caso dos batelões de areia, os quais em emergência a descarregam para se safar de encalhes, muito mais frequentes do que se pode pensar).

Houve, portanto, que actualizar os elementos hidrográficos disponíveis, tarefa que constituiu na prática novo levantamento de todo o percurso, em escala adequada.

A existência nesse percurso de locais em que as sondas reduzidas eram inferiores aos calados de batelão e do rebocador, impôs um estudo cuidado da propagação da maré, para previsão rigorosa do fenómeno nesses diversos locais. Só assim se poderia planear com segurança a passagem do «comboio fluvial» nos pontos críticos. Essa passagem que, necessáriamente, teve que ser feita com a água em cima, deu ideia de coisa fácil porque se efectuou sem interrupção ou quaisquer outros incidentes. Logo abaixo da superfície lá estavam porém, os obstáculos que não se viam mas que existiam, e que até ao Carregado, constituiram constante preocupação do oficial superior do Instituto Hidrográfico que tinha a responsabilidade da segurança da navegação.

● Com 15 centímetros de água por baixo da quilha!...

A marcha dos dois barcos decorreu com mil cuidados. Como nota curiosa da delicadeza da operação bastará dizer que no sítio do Raso (a Leste da Póvoa de Santa Iria) o «comboio fluvial» passou apenas com 15 centímetros de água debaixo da quilha, o mesmo tendo acontecido em frente ao Carregado, ao atravessar-se o rio. Desnecessário se torna chamar a atenção para as consequências imprevisíveis de um encalhe que se tivesse verificado num talude, quando as águas logo começassem a baixar.

Um exemplo da colaboração decisiva que a Hidrografia pode prestar a entidades oficiais ou particulares

Como nota interessante do estudo das marés que foi efectuado, verificou-se que, no Carregado, as provisões de alturas de água e do momento do fenómeno se observaram com extraordinário rigor, não excedendo alguns centímetros e poucos minutos.

Dispondo dos elementos hidrográficos e de marés que constituiram a base da informação que era necessária, foi ainda o Instituto Hidrográfico que escolheu e aconselhou o local da atracação. Para isso houve que efectuar um pormenorizado estudo de correntes a vários níveis e complementares trabalhos topográficos e de nivelamento que não interessa descrever, mas que tiveram acção decisiva no êxito da operação. Constituído assim o «dossier» informativo, com os elementos hidrográficos, de marés e de correntes, houve que estudar o apoio á navegação, para que esta fosse possível sem incidentes. Essa tarefa ocupou, também, vários dias de árduo trabalho de campo.

Mas o transformador lá está na estação termoeléctrica do Carregado e, num futuro próximo, outras unidades semelhantes se lhe juntarão. A coisa será fácil daqui por diante e as reservas de energia eléctrica para abastecimento do Sul do País, estarão assim garantidas.

Não se deve, todavia, esquecer que isso foi possível, por várias entidades nacionais — oficiais e particulares — se uniram num esforço conjunto, que se impõe sirva de exemplo para ulteriores empreendimentos, ao verificar-se que conseguiram levar por diante uma operação de elevado nível técnico.

Essa pequena mas complexa viagem constituiu, na verdade, mais um exemplo da valiosa colaboração que o Ministério da Marinha, através do Instituto Hidrográfico, vem prestar desde há muito a entidades oficiais e particulares, quer nacionais quer estrangeiras.

TEMPO DE PROGRESSO

A população activa vive o seu quotidiano de progresso. Entrar, apreciar, comprar, são movimentos de progresso humano.
Expor, vender, realizar, são o ritmo dinâmico do comércio. Cada compasso dessa cadência é parte integrante da estrutura funcional da expansão. O BANCO DA AGRICULTURA está presente na actividade comercial, colaborando no seu Tempo de Progresso.

BANCO DA AGRICULTURA · PORTUGAL

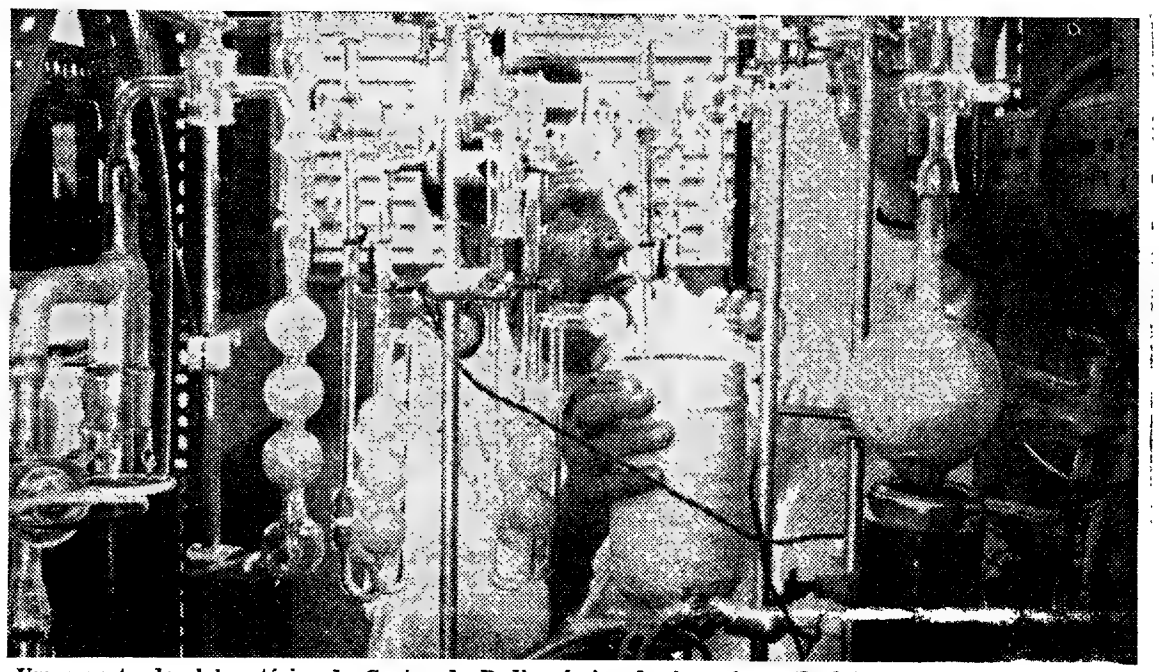
O PROGRESSO
DO SEU TEMPO

McCANN

BANCO DA AGRICULTURA

A importância da investigação científica básica

A comissão encarregada de preparar a segunda conferência ministerial sobre Ciência, convidou um grupo de cientistas a examinarem os problemas particulares da investigação básica e os seus aspectos políticos. Este estudo foi o primeiro que se realizou em escala internacional. No relatório final determina-se as razões pelas quais os Governos devem sustentar a investigação básica e analisa-se os problemas de financiamento, assim como as condições de organização e de meio mais prováveis ao desenvolvimento da actividade criadora.



Um aspecto dos laboratórios do Centro de Radioquímica de Amersham (Inglaterra). Este Centro prepara e distribui, por todo o mundo, radioisótopos e outras substâncias radioactivas para fins terapêuticos, industriais, etc.

A investigação básica tem por único fim o de alargar o campo dos nossos conhecimentos. Não se preocupa directamente em utilizar as suas descobertas, mas visa a aprofundar a nossa compreensão da Natureza, do Universo e de nós próprios. Como todas as outras formas de exploração do desconhecido, é difícil de organizar e o seu sucesso depende essencialmente dos que a praticam. Os resultados da investigação básica têm sido sempre publicados livremente e postos á disposição de todos os homens de todos os países: todo o resultado, mesmo parcial, vem, deste modo, aumentar os conhecimentos humanos; eventualmente poderá permitir entrever a explicação de um fenómeno e talvez esta explicação levará um cientista, noutra região qualquer, a orientar os seus trabalhos numa nova direcção. Todas as nações têm acesso á totalidade deste reservatório de conhecimentos e podem daí tirar partido para as necessidades da sua economia em qualquer domínio: saude publica, agricultura ou defesa nacional. Os resultados de determinados trabalhos de investigação científica, mesmo se não forem susceptíveis de alguma aplicação directa, podem contudo, graças aos elementos novos que contêm, contribuir indirectamente aos progressos ulteriores da tecnologia.

Pela sua própria natureza, a investigação básica é internacional. Os investigadores de qualquer país fornecem alguns fragmentos ao mosaico dos conhecimentos humanos; os técnicos ou os industriais desse mesmo país podem também livremente utilizar desse tesouro comum e daí tirar partido graças ás ciências aplicadas. Em todos os países do Mundo se explora as descobertas de que só uma fracção ínfima (com excepção dos «super grandes») é originária do país em questão. Contudo, *se não despender um esforço considerável de investigação que lhe permita adquirir um conhecimento íntimo dos problemas e das técnicas da investigação básica, um país não saberá possuir esta espécie de consciência científica, simultâneamente vasta e profunda, que lhe permitirá discernir, na vastidão dos conhecimentos científicos mundiais, os elementos que para a sua expansão económica apresentam uma importância particular.*

A investigação básica nas Universidades ainda recentemente se efectuava um pouco «ad hoc»: a escolha dos assuntos estava totalmente dependente da iniciativa de cada investigador e não se punha o problema de a orientar ou de a organizar. Mas o desenvolvimento considerável da investigação científica, a partir da segunda guerra mundial, foi acompanhado por experiências cada vez mais complexas e delicadas que, no domínio chamado familiarmente de «grande ciência», exigem, de futuro, uma aparelhagem importante, extremamente onerosa que dificilmente se coaduna no quadro tradicional universitário e cuja manutenção é simultâneamente delicada e dispendiosa. Assim, no domínio da física de altas energias, a compra de um acelerador de partículas, indispensável se se quiser prosseguir a exploração do nucleo do átomo, mas cujos resultados não têm alguma possibilidade de encontrar uma aplicação prática directa, ultrapassa não só as possibilidades financeiras de uma unica Universidade, mas também as de um unico país, excepção feita aos mais importantes. O equipamento para a exploração científica do Espaço é ainda mais caro; em astronomia o preço dos radiotelescópios pode atingir ou ultrapassar 100 milhões de dólares. De resto, nos domínios menos espectaculares, o custo da investigação aumenta rápidamente. Só o Estado está actualmente em situação de assumir o financiamento de actividades deste tipo e a amplitude dos investimentos é tal que as decisões referentes á repartição das possibilidades devem ser tomadas numa perspectiva global.

É, pois, importante que a investigação básica tenha o seu lugar na política científica de uma nação e que os Governos, quando decidem a atribuição de créditos, apreciem rigorosamente não só a utilidade geral e a orientação das investigações deste tipo, mas ainda a sua natureza. Poder-se-á, deste modo, reunir as condições que assegurem um nível elevado de actividade criadora.

No que respeita ao modo como a política de investigação básica se articula, no conjunto das políticas científicas nacionais, a comissão reconheceu que a insuficiência de recursos impõe escolhas cuidadosas e a existência de uma ordem de prioridade tanto no âmbito da investigação básica como nas ciências aplicadas. Segundo a comissão, estas decisões devem ser tomadas á escala política, mas devem-se fundamentar na opinião de um organismo consultivo, composto de personalidades científicas, para que os administradores e os homens políticos possam decidir com plena consciência dos problemas em causa. É necessário que a comunidade científica, para que possa exercer esta função de conselhos, possua colectivamente o sentido das suas responsabilidades em relação á nação e não se deixe levar pelo entusiasmo, mesmo reflectido, que podem suscitar determinados projectos especializados. No espírito do grupo sobre a Investigação Básica, a programação científica á escala nacional, mesmo internacional, poderá fixar simplesmente as linhas gerais de uma distribuição de verbas; nestes limites, a liberdade de escolha tradicional do investigador é ainda possível. *E se impuser planos detalhados arriscar-se-á a tornar a investigação improficua e de lhe obstruir as vias da descoberta,* mas este perigo poderá ser evitado se os governantes e os homens de ciência tiverem a prudência de unir os seus esforços.

O relatório contém numerosas observações e proposições construtivas de que resumimos a seguir os principais elementos.

A tripla importância da investigação básica

O relatório sublinha a importância do lugar que ocupa a investigação básica na cultura, no ensino e na economia de um país. É de notar que «*a investigação básica infere a importância essencial do facto que constrói o edifício da nossa cultura, modela a atitude do homem em relação á vida e a si próprio e contribui para o progresso geral dos conhecimentos humanos*... O espírito científico de investigação, com a concretização da discussão incessante e inquieta do real e do dogma, da ideia recebida e da tradição, reflecte as mais altas qualidades do homem... Consiste, na sociedade, num factor essencial de progresso, que combate a complacência e a esclerose. É, pois, um dos principais alicerces contra a esterilidade e a decadência que sempre ameaçaram, em definitivo, as civilizações no cume do seu sucesso».

O grupo examina as relações entre a investigação e o ensino nos mais altos níveis do saber. Afirma a sua convicção de que a investigação e o ensino se reforçam mutuamente e que «cada um se enfraquece sensívelmente se não for alimentado pelo outro». Sempre que for possível, segundo sugestão do relatório, a investigação básica deve ser realizada não só no quadro universitário, mas ainda nos próprios locais em que é dispensado o ensino. Além disto, quando um esforço de investigação importante tem lugar em laboratórios independentes ou financiados pela indústria ou pelo Governo, deve-se esforçar por criar uma ligação com os meios universitários, por exemplo, organizando sessões de estudo ou séries de conferências dadas por personalidades da indústria sobre questões especializadas. Poder-se-ia, ainda, encorajar as Universidades a interessarem-se pelas investigações de qualidade realizadas nos institutos independentes situados na sua região, e a aceitá-los como trabalhos de tese.

O relatório reconhece a interdependência crescente da ciência pura e da ciência aplicada e as incidências desta situação no sistema de ensino. A técnica é, cada vez mais, de base científica e paralelamente a investigação básica recorre, cada vez mais, á técnica, algumas vezes mesmo a técnicas completamente novas. A organização rígida das Universidades, a sua compartimentação, sobretudo em determinados países europeus, vedam a simbiose necessária da ciência pura e da ciência aplicada. Por razões idênticas, a investigação não se desenvolve nas encruzilhadas das disciplinas tradicionais e é impossível concretizar projectos interdisciplinares; constituem, contudo, as vias actualmente mais fecundas da descoberta científica. Os autores do relatório lançam um apelo ás Universidades novas que se criam actualmente em vários países do O. C. D. E. (1) para que tentem introduzir tipos modernos de organização e novos métodos que permitam estabelecer relações suficientemente estreitas entre investigadores de disciplinas diferentes.

A investigação básica representa para a economia nacional um investimento indispensável e a longo prazo. «Um esforço enérgico e equilibrado no âmbito da investigação básica permite, em realidade, a um país de tirar partido da totalidade da investigação mundial e não só da sua». *Só uma actividade nacional importante e bem orientada no campo da investigação básica poderá manter um alto nível de consciência científica e um conjunto de investigadores experientes e especializados nas novas disciplinas de que depende a inovação técnica futura.*

Políticas dos Governos em relação à investigação básica

O relatório ocupa-se extensamente da melhor maneira de que os Governos poderiam organizar o auxílio que concedem á investigação básica, a fim de que esta seja tão activa e criadora quanto possível. Sublinha se que as razões que levam a financiar determinadas investigações mais do que outras não se deveriam basear unicamente ou principalmente nas promessas de resultados práticos que parecem oferecer a breve prazo. Era necessário, de preferência, procurar criar uma larga reserva nacional de investigadores científicos experientes; por este meio assegurar-se-ia o conhecimento íntimo das descobertas e técnicas de vanguarda que só a prática da investigação nas fronteiras do desconhecido pode dar.

Se os Governos quiserem sustentar a ciência de modo eficaz, é necessário que estejam perfeitamente ao corrente das condições e dos meios indispensáveis para atingir e manter um nível elevado de actividade intelectual inovadora. Para atingir este fim, uma das sugestões do relatório é que o Estado, precisamente por ser hoje um dos mais importantes patronos dos homens de ciência, dê ele próprio o exemplo de uma gestão esclarecida da investigação nos laboratórios nacionais que tem a seu cargo; o que actualmente está longe de sempre acontecer.

O conjunto de verbas autorgadas ás Universidades deveria compreender, por um lado, verbas destinadas ao ensino propriamente dito, e, por outro lado, fundos que cobrissem as necessidades da investigação básica em todas as Faculdades. Todavia, ressalta-se que é necessária, em primeiro lugar, aumentar consideràvelmente verbas destinadas á investigação no domínio das ciências naturais e aplicadas e, em particular, ás disciplinas dispendiosas, por atribuição de subvenções de bolsas e por apoio financeiro de determinados projectos. Este apoio deveria ser concebido com suficiente maleabilidade para encorajar a iniciativa e permitir obter progressivamente a orientação inicial de uma investigação, baseada nos primeiros resultados obtidos. É necessário que os trabalhos possam prosseguir sem interrupção; donde deve ser assegurado um financiamento bem concebido para vários anos ou, pelo menos, a sua renovação anual deve estar realmente garantida durante o período necessário para levar a bom cabo os estudos subvencionados. (...).

De uma maneira geral, o relatório parte da hipótese que, para determinadas disciplinas extremamente dispendiosas em que a escolha entre as diversas proposições dos diferentes institutos de investigação é particularmente difícil, é apoiando investigadores — competentes e dinâmicos, deixando-os escolher eles próprios a sua orientação e dirigir os seus estudos como o entenderem, que os Governos poderão apoiar da melhor maneira a investigação. (...).

Investigação básica pública e privada

Para os autores do relatório, o fundamental da investigação básica de um país deveria ser realizado no âmbito universitário. Contudo, surje como muito desejável o encorajamento de uma determinada proporção de investigação básica livre nos laboratórios que se dedicam especialmente a trabalhos de investigação aplicada, isto é, os que dependem da indústria ou do Estado. Este apoio pode trazer efeitos extremamente profíquos, atraindo a instituições deste tipo trabalhadores científicos de primeira ordem, melhorando, assim, a capacidade de invenção e de nível científico do conjunto dos investigadores. *É extremamente importante que os investigadores do Estado e os da indústria se compenetrem de que são membros da comunidade científico. (...).*

Tentou-se destacar, em especial, a necessidade de estabelecer relações inteligentes e estreitas entre a indústria e a Universidade. (...).

O problema dos países menos povoados

O Grupo estudou, em particular, o problema de um determinado número de países menos povoados, que sofrem dificuldades em financiar toda a gama de investigações que o interesse da nação exigiria, a uma escola satisfatória e com meios de acção inteiramente independentes. Propôs duas soluções parciais: a concentração do esforço por especialização, e o desenvolvimento de recursos científicos pela cooperação regional e internacional.

Contudo, se se admitir o princípio de que cada país se deve esforçar constantemente em adquirir um grau elevado de «informação» científica, estes países teriam ainda interesse, parece, em consagrar um esforço considerável á investigação básica. Não pretendem grandes programas sobre a tecnologia militar e não têm grandes despesas de concretização em domínios tais como a construção aeronáutica e energia nuclear; poderiam, pois, parece, consagrar uma proporção mais elevada do seu rendimento nacional á investigação básica e á investigação civil, aplicada por oposição á investigação-desenvolvimento. (...).

Da leitura deste relatório ressalta a obrigação que os Governos têm de compreender os aspectos qualitativos do desenvolvimento científico nacional e de os encarar a longo prazo. «...».

(Extractos do artigo «Políticas dos Governos em Relação á Investigação Básica», por Alexander King, director de assuntos científicos da O. C. D. E., publicado no número especial da revista «L'Observateur de l'O. C. D. E.), dedicado á Ciência).

(1) Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos.
— Sublinhados de «Vida Científica».

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto de 1937 publicava:

«LONDRES, 22 — De Xangai informam a «Reuter» que os comandantes das frotas inglesa, francesa e americana mandaram entregar um protesto enérgico as autoridades navais nipónicas contra o facto de os navios japoneses ancorados nas proximidades dos navios de guerra estrangeiros abrirem frequentemente fogo.»

CURIOSIDADES

● Valor e efeito dos legumes

Num curioso e elucidativo trabalho, intitulado «Diz-me que legumes comes, dir-te-ei quem és!», escreve um médico francês sobre o valor terapêutico dos elementos vegetais empregados na alimentação humana:

«A batata desenvolve as qualidades de sensatez; os espinafres dão sonhos ambiciosos, energia, força de vontade; o feijão verde inspira pensamentos e sentimentos artísticos; o feijão branco é reparador do sistema nervoso; a cenoura dá bom génio; a lentilha promove a alegria; e a couve-flor, especialmente, o egoísmo.»

● Uma catedral restaurada

Com a sagração dos altares e uma missa solene, celebrada pelo nuncio apostólico na Alemanha, arcebispo Bafile, celebrou-se a restauração da catedral de São Quiliano, na cidade episcopal de Würzburg, destruída, há vinte e dois anos, durante a guerra. Assistiram á sagração dos altares representantes da Igreja Evangélica, da Igreja Católica Antiga, a Comunidade Israelita de Würzburg e da Igreja Ortodoxa Grega.

No sermão, depois da missa solene, o bispo da diocese, Stangl, acentuou: — «Conservou-se na catedral o que era digno de ser conservado», mas também se manifesta, por símbolos e formas, o espírito da actualidade.

● O «laser» e as nuvens

Funciona, agora, na Suécia, um equipamento laser, *completamente automático, que mede a distancia entre o solo e o* tecto *de nuvens e* informa *sobre a espessura e a estrutura das suas camadas.*

O laser *utiliza um impulso de luz ultra-curto na vertical, ao mesmo tempo que um contador electrónico começa a funcionar. Se a luz entra em contacto com uma nuvem, parte dela é reflectida de volta para um receptor. Este eco-impulso é registado num detector fotográfico muito sensível que, simultaneamente, faz parar o contador. A distancia é, então, calculada com base na velocidade da luz.*

● Cerveja e batatas fritas

O estudante inglês Leonard Palfrey comeu trinta pacotes de batatas fritas (cerca de seis quilos) em 56 minutos e 47 segundos.

Por sua vez, Bernardete Smith, de 28 anos, dona de casa e mãe de dois filhos, bebeu dez litros de cerveja em cinco minutos.

ANEDOTAS

■ **O Silva foi visitar a viuva do seu amigo Saraiva:**

— Fui um grande admirador do seu falecido marido, minha senhora. Gostaria de ficar com qualquer pequena recordação dele, que V. Ex.ª me quisesse dar.

— Pois é, mas ele não tinha nada, só me tinha a mim — respondeu a viúva docemente.

■ Duas velhas solteironas conversam:

— O que foi que a Ana deixou no testamento ao Licas, depois de ele levar tantos anos a fingir que adorava aqueles horríveis pássaros que não se calavam um segundo?

— Ora, filha, deixou-lhe os pássaros...

■ **Um actor de teatro a um colega:**

— Não foste ao funeral do Artur?

— Fui, porquê?

— Não vi o teu nome na lista que publicaram nos jornais.

— Ouve lá, essas listas não terminavam todas por etc.?

— Terminavam.

— Então, aí está. O etc. era eu.

■ Luís, de oito anos, para a mãe:

— Sabes, mamã, há um menino na minha escola que nunca viu uma vaca.

— O quê? Nunca viu uma vaca? É boa! Mas como sabes tu isso?

— Ora, porque eu desenhei uma no meu caderno de desenho e ele perguntou-me: «Que animal é esse?»

■ **O pai para o filho:**

— Porque não acabaste de tomar o teu xarope, Luís?

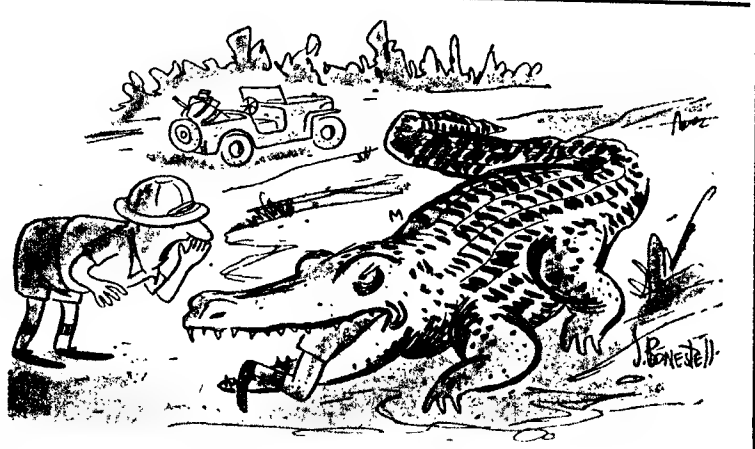
— Porque já estou bom da constipação, pai.

— Então vai lá fora, agora que chove bem, para te tornares a constipar. Já sabes que não ando a comprar medicamentos para ficarem para aí a estragar-se...

■ O hipnotizador, para a assistência:

— E agora, minhas senhoras e senhores, vou fazer com que este cavalheiro esqueça tudo.

— Espere aí um bocadinho, que ele deve-me quinhentos escudos — grita uma voz da plateia.

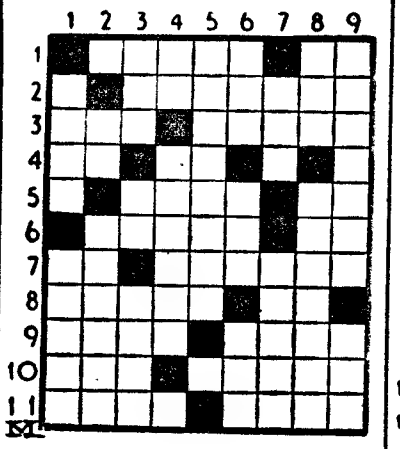


— As chaves! As chaves! Atira-me as chaves do carro!

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4559



HORIZONTAIS: 1 — Sacos de pele, para líquidos. Preposição. 2 — Retraimento. 3 — Sadias. Prende. 4 — Porca Nota musical. 5 — Corsário francês a quem Luís XIV concedeu títulos de nobreza e o posto de almirante de esquadra. Figura. 6 — Irascibilidade. Mofa. 7 — Solitário. Apavora. 8 — Lavrado. Dirigia-se 9 — Origina. Medida agrária dos antigos Romanos. 10 — Rate. Albergo. 11 — Serra do Alentejo. Ligeireza.

VERTICAIS: 1 — Oriente. Osso da parte inferior da coluna vertebral. 2 — Ditongo nasal. Espécie de barretes. 3 — Doutores (abrev.). Símbolo químico do berílio. Damas de companhia. 4 — Popa. Rebanho de gado grosso. 5 — Alma. 6 — Ente. Ecoe. Flanco. 7 — Monarca Abastados. 8 — Nome de mulher. Prepara. 9 — O maior número. Preposição e artigo (pl.)

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4558

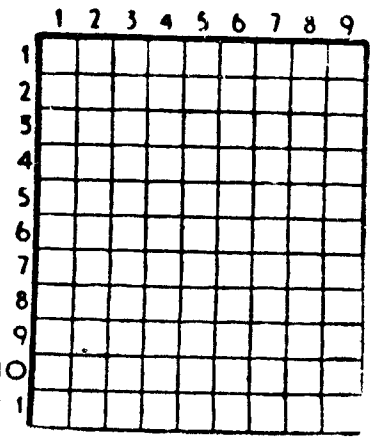
HORIZONTAIS: 1 — As. Dós. Ab. 2 — Rim. Reuma. 3 — REBENTAR. 4 — Medina. Dr. 5 — Voe. 6 — Paz. Feri. 7 — MAS. Ter. 8 — Ag. Ir. Grã. 9 — NÃO. Anais. 10 — Dó. Apura. 11 — Espias. Me.

VERTICAIS: 1 — Ar. Má. Mande. 2 — Sire. Pagões. 3 — Médias. 4 — Bi. Al. 5 — Arena. Trapa. 6 — Sena. Fé. Nus. 7 — Ut. VERGAR. 8 — Amador. Riam. 9 — Barreiras.

(Provérbio: REBENTAR, MAS NÃO VERGAR)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8403



HORIZONTAIS: 1 — Receio. Chupa. 2 — Víscera dupla. Olham atentamente. 3 — Seguia. Terreiro em frente ou em volta das igrejas. 4 — Ruins. Seguram. 5 — Suco resinoso que se extrai do cápsula de algumas papoilas. Viração. 6 — O mais. Grupo de três. 7 — Símbolo químico do prasiodímio. Finório. 8 — Abreviatura de átomo. Para barlavento. Nesse lugar. 9 — Traço. 10 — Engano. Todas as coisas. 11 — Saudáveis. Um dos nomes de Minerva, considerada como deusa da Guerra.

VERTICAIS: 1 — Género de gramíneas. Semelhantes. 2 — Ena! Quebrara. 3 — Dois mil em romano. Um milhar. Senhores. 4 — Animal doméstico. Mantelo de pau. 5 — Caule. 6 — Fecha as asas para descer mais depressa. Qualquer porção duma curva. Basta. 7 — Tramaria. Um dos pontos cardeais. 8 — Habitação ou bairro pobre de indígenas, na Índia Portuguesa. Vazia. Oferece. 9 — Género de plantas africanas. Naipe das cartas de jogar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8402

HORIZONTAIS: 1 — Eros. Fuga. 2 — Iam. Mar. 3 — Ri. Ara. Ba. 4 — Averiguar. 5 — Soir. Urra. 6 — Re. Ad. 7 — Atoa. Dita. 8 — Mostraram. 9 — Im. Ais. Rã. 10 — Mas. Bar. 11 — Aros. Cora.

VERTICAIS: 1 — Eiras. Amima. 2 — Raiva. Tomar. 3 — Om. Eirós. Só. 4 — Arreata. 5 — Tri. Rio. 6 — Aguadas. 7 — Um. Urdir. Bo. 8 — Gabar. Tarar. 9 — Arara. Amará.

FACTOS REAIS

O pequeno mundo das «marionnettes»

5 — Parvâti (é a esposa de Siva e Siva é um dos deuses da mitologia hindu) confeccionou, um dia, para se entreter, uma boneca muito engenhosa e muito bonita, que — por capricho — sempre recusou mostrar ao marido. Cria ela que a boneca exercia influência maléfica sobre aquele. Secretamente, ela transportou, certa noite, a boneca para uma montanha, onde a escondeu. Mas Siva, que tinha grande desejo de ver a boneca misteriosa, seguiu Parvâti na sua caminhada nocturna. Esperou que ela a escondesse, deixou-a ir-se embora e foi, então, ver a boneca. De tal forma o seu encanto e beleza o impressionaram que lhe concedeu vida e a colocou entre os homens. É assim que um antiquíssimo texto sanscrito (o sanscrito é o idioma sagrado empregue pelos bramanes) atribui a Parvâti e a Siva a invenção das «marionnettes».

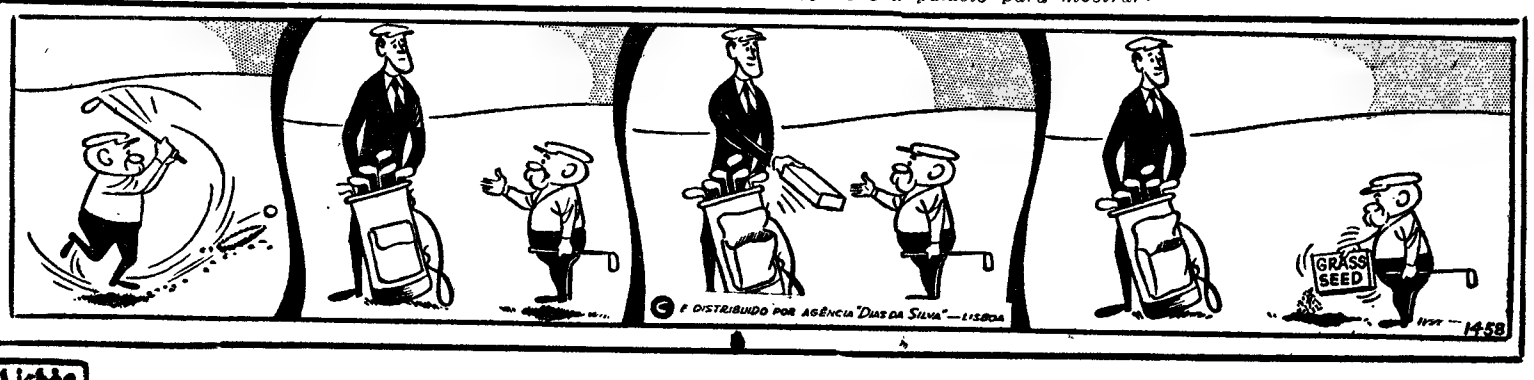
6 — Em túmulos egípcios, que datam da época dos faraós, foram encontradas bonecas de terra cozida e há todas as razões para pensar que se trata das predecessoras das «marionnettes». Também entre os gregos se fabricavam pequenas figuras de terra cozida, depois colocadas em varas de suporte para representarem pequenas peças diante do publico. Igualmente, os romanos, entre muitas outras coisas recebidas dos gregos, que apelidavam de «bárbaros», herdaram essas bonecas e o gosto pelas suas representações teatrais.

7 — No entanto, é bem provável que a arte das «marionnettes» seja bastante mais antiga do que Alexandria, Atenas e Roma. Ela é tão velha como a civilização mais antiga. E isto é particularmente evidente na Ásia, onde as origens do teatro se perdem na bruma dos séculos. Terá sido ela uma invenção chinesa? Ou indiana? É impossível precisá-lo com exactidão, pois não existem outros elementos para além das lendas que temos estado a rememorar.

8 — De qualquer forma, mil anos antes de Cristo, as «marionnettes» eram tão populares na China, como o cinema nos nossos dias. Os jogos praticados pelos chineses, com silhuetas projectadas em paredes, revestidas de pele lisa de animais, foram a sua primeira forma. Há uma lenda que pretende ter o imperador Moun ordenado, certo dia, que o famoso apresentador de «marionnettes» Yen-Sze comparecesse no seu palácio para mostrar seus talentos. Orgulhoso e feliz por ir apresentar-se no palácio imperial, aquele criou uma série de bonecas particularmente realistas. Chegado o momento da representação, o efeito foi extraordinário: os bonecos meciam os olhos, abriam e fechavam a boca e agitavam as mãos. Eram perfeitos, davam tão grande impressão de realidade, que o imperador chegou a convencer-se de que um deles estava a fazer a corte á imperatriz. Terrivelmente ciumento e louco de cólera, condenou logo Yen-Sze á morte. Este acabou por obter o perdão imperial, mas para provar que os seus bonecos eram simplesmente feitos de madeira e pano, teve que os queimar á vista do imperador.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Os E. U. A. parece não recearem as consequências das intrusões no espaço aéreo da China Popular

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — A intrusão de dois aviões militares americanos na China é uma consequência dos riscos calculados que o presidente Johnson tomou, ao decretar uma nova «escalada» aérea no Vietnam. A pressa com que o Governo americano anunciou o incidente parece provar duas coisas: que os Estados Unidos não receiam as consequências de tais actos e salientar que eles derivam de condições imponderáveis e não de «luz verde» total dada aos pilotos.

Se as duas tripulações transpuseram a fronteira chinesa foi devido a imperativos operacionais do momento e a uma deficiência do material de navegação. Consciente da gravidade da sua decisão — que satisfaz os desejos dos militares e dos «falcões» — o presidente Johnson procurou sossegar, na sua ultima conferência de Imprensa, todos aqueles que não aceitam a teoria de que a China não passa de um «tigre de papel», que não intervirá no conflito vietnamiano. Afirmou então Johnson que são alvos todos os pontos do trajecto do material que segue para o Vietnam do Sul, onde serve para matar os «boys». Justificando esta nova política, o presidente procurou demonstrar que a Força Aérea assume riscos mínimos: apenas ataca alvos fácilmente identificáveis, as tripulações são rigorosamente seleccionadas e os erros de pontaria são práticamente nulos. Segundo Johnson, Pequim «sabe» que estas incursões não se destinam a ampliar o conflito, não constituindo ameaça para o território chinês.

Pergunta-se, como foram informados os dirigentes de Pequim desta «profissão de fé» americana? Provávelmente, pela via de Varsóvia, onde Washington e Pequim conservam contactos.

REACÇÃO CHINESA

HONG-KONG, 22 — (R.) — A China afirma que a violação do seu espaço aéreo, verificada ontem por dois aviões dos Estados Unidos, foi uma declarada provocação ao povo chinês, o qual, está pronto para o combate.

Num artigo publicado hoje pelo «Diário do Povo», órgão do Partido Comunista chinês, declara-se:

«Se os Americanos impuserem uma guerra ao povo chinês, os Chineses lutarão contra eles até ao fim».

O jornal, citado por Rádio Pequim, afirma que o presidente Johnson disse, recentemente, que a «escalada» da guerra no Vietname não constitui ameaça para a China, e acrescenta:

«Isto é apenas uma cortina de fumo. As violações aéreas praticadas pelos Estados Unidos já não são apenas uma ameaça mas uma declarada provocação».

Por seu lado, o «Diário do Exército de Libertação» acusa os Estados Unidos de uma nova e «grave escalada» da guerra, com os recentes bombardeamentos a Hanói e a objectivos situados junto da fronteira entre o Vietnam do Norte e a China.

Num artigo assinado pelo seu comentador, que se sabe ser um dos mais altos funcionários do Partido Comunista, o «Diário do Exército de Libertação» acusa, ainda, os Estados Unidos e a União Soviética de terem planeado em conjunto o ultimo bombardeamento.

Hanói bombardeada pela primeira vez desde 10 de Junho

SAIGÃO, 22.—(R.).—Aviões americanos bombardearam hoje a mais importante central de energia eléctrica de Hanoi. Trata-se do primeiro ataque a um objectivo dentro dos limites da capital norte-vietnamiana desde 10 de Junho.

Aparelhos a jacto, «Skyhawk», do porta-aviões «Oriskany», passaram através de intensa barragem de fogo da D. C. A., que rodeia a capital norte-vietnamiana, para efectuar o ataque.

A central de energia encontra-se sómente a 1,8 quilómetros do centro de Hanoi, na margem sul do rio Vermelho.

A central, que produz quase toda a electricidade de Hanoi, foi atacada pela primeira vez em 19 de Maio, quando aumentaram os bombardeamentos do Vietnam do Norte.

Sete aviões americanos foram abatidos durante os ataques de 19 de Maio.

FORAM ABATIDOS ONTEM SEIS APARELHOS DOS ESTADOS UNIDOS

Durante os bombardeamentos efectuados ontem no Vietnam do Norte, os Estados Unidos perderam seis aparelhos, incluindo dois que, aparentemente, atravessaram a fronteira da China, segundo um informador militar americano em Saigão.

O informador acrescentou que todos os tripulantes dos aviões perdidos foram dados como desaparecidos, com excepção dos dois ocupantes de um jacto «Phantom», que foram recolhidos por um helicóptero.

Com estas ultimas perdas, eleva-se agora a 653 o numero de aviões dos Estados Unidos abatidos sobre o Vietnam do Norte, embora a agência noticiosa norte-vietnamiana tenha afirmado hoje que as perdas americanas já totalizam 2200 aviões.

Mais um incidente na Coreia

SEUL, 22 — (R.) — Uma unidade do Exército sul-coreano abateu três norte-coreanos armados, junto de Inje, a cerca de 120 quilómetros a nordeste de Seul, a noite passada, no segundo recontro registado nos ultimos dois dias — anunciou nesta capital um informador militar.

No domingo, três soldados norte-coreanos e seis militares da Coreia do Sul, incluindo um major e um capitão, morreram no decurso do primeiro recontro verificado a sul da zona desmilitarizada que separa os dois países.

GEORGE ROMNEY MAIS POPULAR DO QUE JOHNSON

O governador republicano do Michigan, George Romney

PRINCETON (Nova Jersey), 22 — (F. P.) — Segundo nova sondagem efectuada pelo Instituto Americano de Opinião Publica, a popularidade do presidente Johnson nos Estados Unidos teria sido ultrapassada pela do governador republicano do Estado do Michigan, George Romney, na corrida ás eleições presidenciais de 1968.

Um relatório ontem publicado afirma com efeito que em consequência dos recentes disturbios raciais, Romney vai agora á frente, com 49 por cento dos votos, contra 41 por cento atribuídos a Johnson, havendo dez por cento de indecisos.

Em Junho ultimo, quando da ultima sondagem do Instituto, o presidente registava ainda um avanço de cinco por cento sobre Romney.

Em CANEÇAS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

DIA A DIA

CRÍTICA DECLARADA

GISCARD D'ESTAING

Valery Giscard d'Estaing, antigo ministro das Finanças do general de Gaulle, nunca foi um degaullista incondicional. Fazia parte do grupo dos Independentes, que representavam a direita tradicional, conservadora e liberal, cujo verdadeiro chefe era Antoine Pinay. Este contribuiu para que o regresso do general ao Poder, em Maio de 1958, se fizesse na ordem e na legalidade. Pinay não tardou a afastar-se do general, de quem discordava sobre muitos pontos do seu programa e da sua acção. A lua-de-mel da V Republica com os políticos da IV foi curta e acabou num antagonismo irredutível. Pinay desinteressou-se da política e, segundo alguns, espera a sua hora, que será aquela em que for posta a questão da sucessão do actual regime. Entretanto Giscard d'Estaing, novo e dotado de inegáveis qualidades, assumiu a direcção dos sobreviventes do grupo que se dispersara, mantendo coesos alguns deles que aceitaram a sua chefia durante o tempo em que se conservou no Poder.

Para ter maior liberdade de acção e satisfazer as suas ambições — há quem lhe atribua o desejo de suceder a de Gaulle no Eliseu —, Giscard d'Estaing deixou a sua pasta e, embora continuasse no Parlamento a fazer com os seus amigos parte da maioria, distinguia-se dos degaullistas, mais ou menos ortodoxos, por uma palavra cheia de intenção. «Sim, mas...» passou a ser a sua divisa. Nas ultimas eleições para a Assembleia Nacional foram eleitas quatro dezenas dos seus amigos, sem cujos votos os degaullistas se tornarão uma fracção minoritária. Deles depende, portanto, a sobrevivência da Assembleia na sua forma e com a sua composição actuais. Ora Giscard d'Estaing acaba de criticar abertamente o general de Gaulle e as suas recentes atitudes na crise do Médio Oriente e na visita ao Canadá.

Três mortos num motim que começou num campo de futebol

DJAKARTA, 22 — (R.)—A agência noticiosa Antara anuncia que morreram três pessoas e 15 casas foram incendiadas durante um motim a seguir a um desafio de futebol, perto de Medan, no norte de Samatra.

A agência acrescenta que as desordens começaram com luta a soco, no campo, entre as duas equipas e se transformaram num grande tumulto ao intervirem, também, espectadores. Foram presas 39 pessoas.

Terceira noite de tumultos raciais em New Haven

NEW HAVEN (Connecticut), 22 — (R.) — Foram ateados 27 incêndios, 26 pessoas foram presas e mais armazéns saqueados, a noite passada, nesta cidade, quando negros violaram o recolher obrigatório durante a terceira noite consecutiva de tumultos.

Como nas noites anteriores, a maior parte das depradações, que se prolongaram por três horas e meia, ocorreu num bairro habitado predominantemente por negros. Cerca de metade dos incêndios registaram-se em residências de negros.

Um total de 286 pessoas foi preso nos ultimos três dias, nesta cidade, onde se encontra a Universidade de Yale, que tem sido frequentemente elogiada pela sua obra de renovação urbana e pelo combate contra a pobreza.

ATIRADOR DE TOCAIA EM CHICAGO

CHICAGO (Illinois), 22 — (A. N. I.) — Um atirador furtivo, disparando, escondido num edifício publico, num bairro predominantemente negro de Chicago, feriu dois polícias. Foram enviados para o local sete carros de patrulha, logo que houve conhecimento do tiroteio.

O EGIPTO DECIDIU MANTER ENCERRADO O CANAL DE SUEZ

CAIRO, 22 — (A. N. I.) — O Egipto decidiu definitivamente manter encerrado o Canal de Suez até á retirada das tropas israelitas e até as consequências da agressão serem completamente eliminadas do território árabe — é o que afirma, hoje, o jornal «Al Ahram», acrescentando que esta decisão fora comunicada pelo ministro da Economia da Republica Árabe Unida, Hassan Abbas Zaky, aos ministros árabes da Economia, que participaram na conferência de Bagdad.

O jornal «Al Ahram» afirma que a decisão egípcia se baseia no facto de «o canal ter sido exposto a agressão dos países imperialistas, através de Israel».

Assim, o seu encerramento foi tanto uma medida defensiva como uma medida económica contra os Estados inimigos «que se servem da riqueza e dos mercados árabes para apoiarem Israel militar e econòmicamente, de forma a mantê-lo como base permanente de agressão, pondo em perigo a segurança e a independência dos países árabes».

O canal foi encerrado em 6 de Junho, um dia depois de ter deflagrado a guerra no Médio Oriente.

Zaky declarou ao jornal que a conferência de Bagdad tinha «ajudado a desanuviar a atmosfera árabe e a facilitar o fortalecimento económico e as relações comerciais entre os árabes».

ENVIADO DA O. N. U. RECEBIDO EM JERUSALÉM POR MANIFESTANTES ISRAELITAS

JERUSALÉM, 22 — (A. N. I.) — O suíço Ernesto Thalmann, enviado especial das Nações Unidas a Jerusalém, foi recebido no aeroporto de Lydda por dois grupos de manifestantes israelitas.

«Se U Thant quer a paz, que largue o Médio Oriente» — lia-se nalguns dísticos empunhados pelos manifestantes, entre os quais havia catedráticos e deputados.

«Onde estava a O. N. U. quando Hussein destruiu cinquenta sinagogas?», «Diga a U Thant que Jerusalém é tão judaica como Berna é Suíça» — sublinhavam outros dísticos apresentados a Ernesto Thalmann, que hoje é recebido pelo ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban.

MALOGROU-SE A TENTATIVA PARA ORGANIZAR UMA SEGUNDA GREVE

Por outro lado, malogrou-se uma tentativa de elementos desconhecidos para a organização de segunda greve na parte velha de Jerusalém, pois a Câmara de Comércio opôs-se e forças de segurança estiveram de prevenção, para proteger os comerciantes árabes de possíveis actos de terrorismo.

Os agitadores queriam que a greve coincidisse com a chegada de Thalmann á Cidade Santa.

Manifestação em Washington contra o Xá

WASHINGTON, 22 — (R.) — Persas projectam manifestar-se defronte da Casa Branca quando o Xá do Irão chegar ás 21 horas, T.M.G., de hoje, para travar conversações com o presidene Johnson.

Cerca de 60 persas, usando máscaras de cartão, estabeleceram ontem piquetes junto da sede da Agência Central de Informações (C.I.A.) em Langley, perto desta capital, protestando contra o alegado envolvimeno da C.I.A. no golpe de Estado feito por partidários do Xá que depôs há catorze anos o falecido primeiro-ministro Mohammed Mossadegh.

As máscaras foram usadas para evitar que os manifestantes fossem identificados.

BELARTE

SE TEM SEDE DE SAÚDE

ÁGUAS DE

BEBA

CARVALHELHOS

DESTAS ÁGUAS DISSE

O EX.mo PROF. DOUTOR A. HERCULANO DE CARVALHO:

A ACTUAL EMPRESA CONCESSIONÁRIA NÃO SE TEM POUPADO A ESFORÇOS PARA VALORIZAR AO MÁXIMO A INEGÁVEL RIQUEZA HIDROLÓGICA QUE EXPLORA

CARVALHELHOS FONTES DE JUVENTUDE

ELECTROGÉNEOS

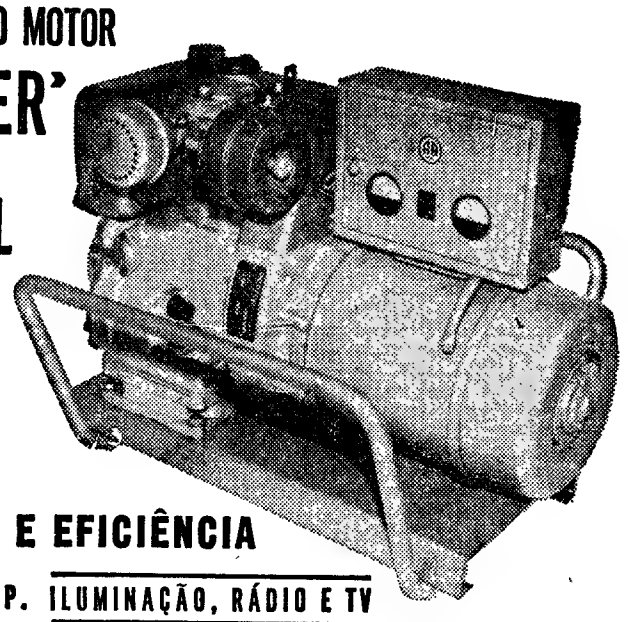
COM O FAMOSO MOTOR

'PETTER'

TIPO-AA1

DIESEL

3 cv-3000 rpm



ECONOMIA E EFICIÊNCIA

2,5 KVA-220 V.-50 P. ILUMINAÇÃO, RÁDIO E TV

COMETNA COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL S. A. R. L.

SUCESSORA DE ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

EXPOSIÇÃO E VENDA—Boqueirão do Duro, 38—TELEFONE 664788—LISBOA

Um dos sugestivos quadros que se incluem na exposição de Manuel Lúcio

ARTES PLÁSTICAS

Manuel Lúcio expõe na Costa de Caparica

Na Costa de Caparica será inaugurada, em 1 de Setembro, uma sugestiva exposição de trabalhos do pintor Manuel Lúcio, artista de largos recursos e vibrátil sensibilidade, cuja vincada personalidade se afirma numa obra de marcados renovos, distinguida por assinalados êxitos nas suas diversas exposições.

Este certame da Costa de Caparica, que inclui os mais recentes trabalhos do pintor, é aguardado com muito interesse.

António Pimentel e Mário Silva expõem na Figueira da Foz

Amanhã, ás 17 horas, abrem, na Figueira da Foz, a sua exposição conjunta os artistas António Pimentel, agora a viver em Paris, onde recebeu, recentemente, o primeiro prémio da Casa de Portugal, e Mário Silva, pintor que tem sido consagrado em várias exposições individuais e colectivas.

A exposição realiza-se nas instalações da Sacor, em frente ao mar, naquela Avenida Marginal que é neste momento um dos locais mais movimentados de Portugal.

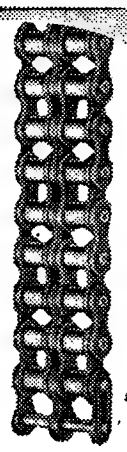
Mário Silva prepara também neste momento uma grande exposição para Lisboa.

Lisboa vai ter uma nova galeria

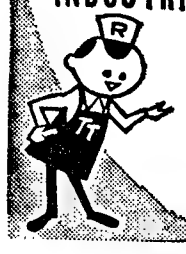
Lisboa vai ter na próxima época uma nova galeria de arte E ficará ela na grande Avenida da Liberdade, em edifício novo.

Trata-se de uma «boîte» - galeria na parte superior da Avenida, na cave de um dos prédios em acabamentos, sob as instalações de uma das grandes companhias de aviação. A abertura da nova «boîte» - galeria está prevista, em princípio, para 4 de Outubro. Nela actuará o Conjunto Tillo's Combo e para a galeria estão já previstas várias expos ções.

REGINA REX



CORRENTES DE TRANSMISSÃO PARA INDÚSTRIA, AGRICULTURA, ETC.



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA ALFREDO DUARTE, LDA.

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

«Conheça a Curia»

A C.P. proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro, um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido ao preço de:

Esc. ..... 295$00

Neste preço está compreendido o transporte em caminho-de-ferro em comboio rápido, almoço na Curia, entrada no Parque e «lanches» para a viagem de regresso.

ESTEREOSOM

uma nova loja para os que gostam de música

AV. DUQUE D'AVILA, 56-A - LISBOA 1

LUSTRES

Fazemos novos reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203. r/c. — Telef 771639.

(Ao Campo Pequeno)

Venda de terrenos em Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 26 do corrente, (sábado), pelas 15 horas, procederá á venda, em hasta publica, dos seguintes lotes de terreno para construção: 1 lote situado no Bairro da Assunção, na Rua Joaquim Ereira, em Cascais, com a área de 283,76 m², ao preço base de licitação de 800 000$00, para 8 fogos; 1 lote, na Zona D da Avenida do Ultramar, em Cascais, com a área de 234 m², ao preço de 700 000$00, para 6 fogos; 3 lotes no Bairro das Fontainhas, com as áreas de 190 m² cada, ao preço base de licitação de 400 000$00 cada lote, destinados a 6 fogos e o outro pelo preço de 430 000$00 para 7 fogos; 2 lotes na Rua das Fontainhas, em Cascais, com as áreas de 462,50 m² e 370 m² ao preço base de licitação de 400 000$00 cada para 8 fogos; 1 lote no Bairro do Rosário, na Avenida Gaspar Corte-Real, em Cascais, com a área de 550 m², pelo preço base de licitação de 600$00 cada metro quadrado para construção de moradia isolada e 3 lotes no Cobre — Pampilheira, com as áreas entre 204 m² e 277 m² ao preço base de licitação de 500$00 cada metro quadrado, todos destinados á construção de moradias isoladas.

Os ante-projectos dos lotes, condições e plantas encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias uteis dentro das horas de expediente.

Cascais, 10 de Agosto de 1967.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

Lote de terreno para prédio de rendimento destinado a comércio e habitação, no centro comercial de Cascais — no cruzamento da Avenida José Frederico Ulrich e Rua do Mercado.

No dia 26 do corrente mês, ás 15 horas, a Câmara Municipal de Cascais, venderá em hasta publica, um lote de terreno, situado no Gaveto formado pela Avenida José Frederico Ulrich com a Rua do Mercado, no Centro Comercial de Cascais, com a área de 377,20 m², pelo preço de 7500$00 cada metro quadrado, destinado a um prédio de rendimento com estabelecimentos comerciais e habitação.

O projecto e condições de venda encontram-se patentes todos os dias uteis na Secretaria da Câmara, dentro das horas normais de expediente.

Cascais, 11 de Agosto de 1967.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

Em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» esta a venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO

CAMINHOS DE FERRO

MELHORIA NAS CIRCULAÇÕES DA LINHA DO DOURO

Comunica-nos a C. P. que no intuito de melhorar as ligações da Linha do Douro estabelece, desde o dia 24 do corrente, duas novas circulações com automotoras «Unidades Duplas Diesel» (U. D. D.) entre Porto (São Bento) e Barca de Alva, com o seguinte horário:

HORÁRIO

Automotora Rápida n.º 6001			Automotora Rápida n.º 6002	
8-25	P.	Porto (São Bento)		
8-30	C.		C.	22-04
8-32	P.	Porto (Campanhã)		
9-56	C.		P.	20-40
9-57	P.	Livração	C.	20-39
10-50	C.		P.	19-43
11-03	P.	Régua	C.	19-25
11-28	P.	Pinhão	P.	18-59
11-41	C.		P.	18-44
11-43	P.	Tua	C.	18-37
12-27	C.		P.	17-52
12-29	P.	Pocinho	C.	17-50
12-42	P.	Côa	P.	17-38
12-58	P.	Almendra	P.	17-22
13-10	C.	Barca de Alva	P.	17-10

OFERTA EXCEPCIONAL

10 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 30$00

ENTREGA DAS OBRAS CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
BALZAC
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
FERNANDO NAMORA
OLIVEIRA MARTINS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT
ZOLA e outros

150 AUTORES, CERCA DE 350 VOLUMES mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19 × 0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telef. 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c. Dt.º — LISBOA-1 — Telef. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

R. Alberto Aires de Gouveia, 27 — Porto

Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da Oferta Excepcional e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....

Morada .....

.....

PROPRIEDADES

— VENDAS —

A Av. da Liberdade, antigo, bom estado de conservação, por 1.100 contos. Rendas antigas, inquil. c/ 3-5-6 div. ass., coz., c/ banho e quintal. Rende 61.680$00.

Centro de Algés, gaveto, por 2.800 contos. Const. recente. Tem 10 inquilinos. Todo alugado. Rende 181.200$00.

TRATA:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º, Telefs.: 367444-323172

ANDARES

Vendem-se em prédio de grande volume, em muito bom local de Lisboa, com 3 e 4 casas assoalh., hall, coz., desp., roup.º e 2 casas de banho, estas com azulejos e loiças de cor, etc. Preços desde 290.000$00 a 400.000$00. Mostram-se todos os dias no local. Estrada da Luz, Lote 10 (Frente ao Colégio Militar), em Lisboa. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Avenida Almirante Reis, 104, 2.º — Telef. 536111 / 2 / 3 — Lisboa.

Contacto ANÚNCIOS

MORADIA em muito bom local, composta de r/chão e 1.º andar, c/ 6 casas assoalh., coz.ª, desp.ª, 2 casas de banho, etc., sacadas corridas, jardim e garagem, pronta a fazer escritura. Preço, 400 contos. Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104, 2.º Telefones 536111/2/3.

PROPRIEDADES

Capitalistas

Temos clientes para aplicação imediata de qualquer verba até 5 mil contos, no total ou em fracções. Resposta ao D. L. Rua da Rosa, 57-2.º, ao n.º 224.

DINHEIRO s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.º, Dir. Tel. 32 54 87 — 47 06 18 (junto á P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importancia a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA — R. do Ouro, 292, 1. — Telefs. 30259/34755

ANDAR COMPRA-SE

Na zona de Belém ate Alges que tenha pelo menos 5 div. assoalhadas. Resposta com preços ao «Diário de Lisboa», R. da Rosa, 57-2.º, ao n.º 223.

ALUGAM-SE LOJAS E ANDARES

PARA ESCRITÓRIOS, MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES PRÉDIO ACABADO DE CONSTRUIR C/ 9 ASSOALH. E ELEV., AR CONDIC., ETC.

VER NO LOCAL — AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54

Trata **S. Construções Invicta, Lda.**

RUA DO OURO, 292, 1.º-DT.º.

LISBOA — TELEF. 3 47 55/6

CAPITAIS

OFERECEM-SE

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º — TELEF. 369384

DINHEIRO

SOBRE
AUTOMOVEIS
EMPRESTA-SE
Tratar no Rossio, 3-2.º
LISBOA

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95 Rua Nova do Almada 95
LISBOA

LISBOA - MADRID

Pelo comboio automotor «LISBOA-EXPRESSO» (TER)

HORARIO

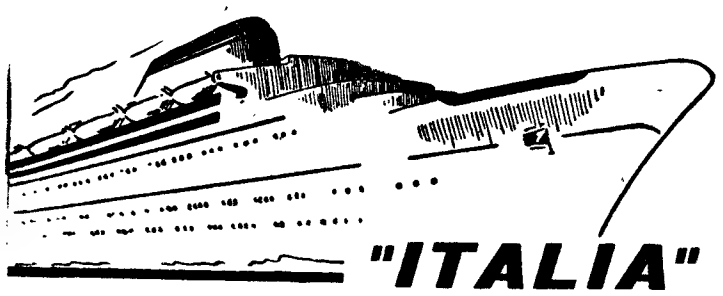
Partida de Lisboa	9.40
Chegada a Madrid	19.00
Partida de Madrid	10.45
Chegada a Lisboa	19.40

Lisboa a Madrid

Preço em 1.ª classe .	447$00
Preço em 2.ª classe ...	349$50

Ligações diárias — Serviço de restaurante e bar — Assentos confortáveis — Ar condicionado

Peça ntormações e folheto nas Secções de Informações das estações de Lisboa (Rossio) e de Lisboa (Santa Apolónia) ou nas Agências de Viagens autorizadas



PARA

AMÉRICA DO SUL

«AUGUSTUS» «GIULIO CESARE»	1 de Setembro 30 de Outubro	RIO DE JANEIRO SANTOS MONTEVIDEU BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

«GIULIO CESARE»	5 de Setembro 16 de Outubro	BARCELONA CANNES GÉNOVA NÁPOLES

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARITIMA TRANSATLÂNTICA, LDA
Rua do Alecrim, 20-F. 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

Domingo, 27 de Agosto
EXCURSÕES DA C. P.

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 27 do corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, duas excursões, sendo uma de Lisboa à Curia, Mealhada, Cantanhede, Mira, Praia de Mira, Luso e Anadia, ao preço de 230$00 por passageiro; e outra de Lisboa a Aveiro, Barra, Costa Nova, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Vale de Cambra, Oliveira de Azeméis e Estarreja, ao preço de 265$00 por passageiro.

Os preços destas excursões incluem transporte em comboio automotor FIAT de 1.ª classe com ar condicionado, circuito turístico rodoviário e almoço.

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta):

Lisboa a Coimbra-B	100$00
Lisboa a Curia	115$00
Lisboa a Aveiro	125$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, n.º 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa.

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se está comprador de qualquer marca ou modelo não deixe de nos visitar. Fac. troca e pag. MARCELO — Av. João Crisóstomo, 47-C.

Automóveis s/condutor
Veja os n/ preços e carros a estrear, impecaveis, Av João Crisostomo, 86 Tels. 50060-51047

Vauxhall Viva, de 65; Austin 850 de 62; Wolkswagen de 60 e 62 e muitas outras marcas, todos revistos, c/ facil. de troca. AUTO-VANTE ARROIOS — Rua de Arroios, 152-A.

MG MIDGET, de 1963; Austin Sprite, 1962; Triumph T. R. 3 1958, utilitária; Citroen 2 H. P., 1966. Fac. troca e pag.º Av. João Crisóstomo, 47-C.

TAUNUS 17 M Super, ult.º mod.º; Taunus 17 M Super, 1962; Taunus 12 M 1500, 1965; Floride, 1961; Chevrolet Impala, 1961; Hillman Minx 1959; Ford, série 21 a gasóleo, motor Perkins. Fac. troca e pagt.º, Av João Crisóstomo, 47-C.

Volkswagen 1600 TL, 66; Station Rambler, 64; Cortina GT, 66; Peugeot 404, 62. Fac. pag. e troca. CRISAUTO, L.DA., Av. João Crisóstomo, 13-A.

MERCEDES 13 500 kgs. p. bruto, 1959, impecável. Fac. troca e pagt.os. Av. João Crisóstomo, 47-C

INTERAUTO
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER — SEM CONDUTOR —
R. CARVALHO ARAÚJO, 102-A
LISBOA — TEL. 83 57 30
Junto à Fonte Luminosa

No CARREGADO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 — BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR, Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42.890 — Táxis Universo, Lda. Av. República, 26
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 62
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 53.1919 — SILVA E TIAGO — R. St. Bárbara, 81-1.º
- 72.7654 — Auto-Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A

PORTA-BAGAGENS
em diversos tamanhos
ALFREDO & DIOGO, LDA.
R. Carvalho Araújo, 49-A
LISBOA-1 — Telef. 836231

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

«A RAINHA CRISTINA»

Texto de **Alain de St. Sauvan** Desenhos de **Frisano**

RESUMO — Em 1649 a rainha Cristina da Suécia é amiga íntima do conde francês Magnus de la Gardie. O casamento repugna-lhe, e por isso socorre-se de um subterfúgio para dizer que não é união com o príncipe Carlos Gustavo, nomeando-o herdeiro do trono. O país saiu vitorioso, mas arruinado, da esgotante Guerra dos Trinta Anos. O descontentamento é geral. Cristina, cansada da governação, pensa em abdicar. La Gardie, o velho chanceler Oxenstjern e o embaixador da França em Estocolmo, Hector Chanut, conseguem dissuadi-la.

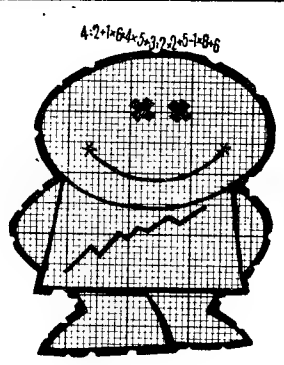
31 — A influência do embaixador francês torna-se então considerável. Chanut é um homem de vistas largas. Deu-se muito lùcidamente conta do estado de espírito da soberana. Analisou-a à lupa. Sente que ela está fatigada do poder — e talvez do próprio favorito La Gardie. Chanut adivinha a desgraça próxima do seu compatriota. De resto, está convencido de que, nestes penosos momentos porque passou, Cristina terá prodigalizado uma certa «ternura equívoca» para com a sua única amiga, *mademoiselle* de Sparre. O astucioso diplomata percebe que uma mulher tão intelectualizada possa querer arranjar derivativos que a salvem da rotina. Ora, para distraí-la e dar-lhe de novo, pouco a pouco, o gosto pela governação, haverá que aproximá-la definitivamente da bela Sparre e atrair à corte da Suécia sábios e filósofos estrangeiros... Sem grande dificuldade irá sugerir tudo isto no tom mais desprendido do mundo.

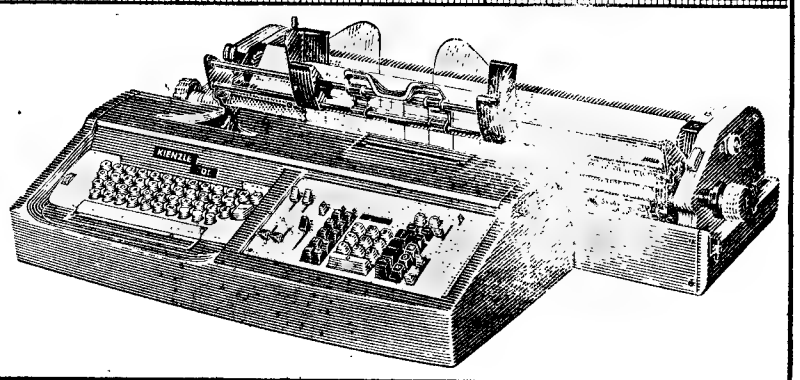
32 — Cristina gabava-se já de ter criado na Suécia o primeiro «salão literário» da época. O seu maior orgulho está em fazer visitar a biblioteca particular, para a qual adquire manuscritos a peso de ouro. No final de 1649 é-lhe que inicia um dos seus mais fecundos períodos intelectuais. La Gardie, pobre dele, não passa de um elemento decorativo. A rainha acompanha só com uma pessoa — • confidente Sparre. As suas mulheres não se deixam por um segundo que seja. *Mademoiselle* de Sparre pertence a uma das mais nobres famílias do reino. Alta, magra, loira, muito bonita, é o ai-jesus da corte. As relações epistolares que mantém com Cristina deixam entrever um grande afecto. O magnífico Magnus de la Gardie não pode alimentar quaisquer dúvidas. Consola-se agora com a bebida e com as conquistas amorosas ao mais baixo nível. A sua época passou. Quem sabe se a corte da Suécia não terá inaugurado uma nova moda — a das especulações intelectuais na realeza?

33 — Tudo o que a Europa possui em matéria de pensadores de renome vai passar pela capital sueca. Um desses intelectuais aproveitará para aí exalar o último suspiro. Cristina chama a si quem quiser aceitar a sua brilhante hospedagem. É assim que o ilustre filósofo e matemático francês René Descartes responde com um *sim* encantado ao convite da soberana. É um grande viajante. Chega a Estocolmo em Outubro de 1649. Tem 55 anos e a sua saúde não pode dizer-se famosa. Uma pneumonia vitima-o cinco meses depois. Diz a lenda que Descartes teria adoecido por virtude do regime imposto por Cristina, a qual não hesitava em chamá-lo a altas horas da madrugada. Uma corrente de ar, uma constipação e aí temos Descartes no leito de morte.

(Continua)

SR TÉCNICO DE CC AS





- Já conhece o nosso vasto programa de equipamentos e sistemas de organização?
- Temos o melhor para facilitar a sua missão.
- Escreva-nos e enviar-lhe-emos uma colecção de catálogos e os esclarecimentos necessários.

PARA SI TEMOS CONDIÇÕES ESPECIAIS

EFICEX KIENZLE

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A - Telefs. 72 70 28 - 72 50 74
SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B - Tels. 726105-727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 2.º - Dto. - Telefone 30698
FILIAL EM LEIRIA: Rua Gago Coutinho, 22 e 24 - Telefone 23740

Bardo apresenta o FRIGORÍFICO

Harmonia das formas, dos tons e dos materiais.
Equipados com o famoso congelador freeZmatic
à venda nas 5 lojas
Bardo

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57
AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1º DE MAIO, 146 (S. amaro)
a pronto ou a prestações às menores condições

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«BENGUELA» a sair em 25 de Agosto	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 23 de Agosto
«VERA CRUZ» a sair em 30 de Agosto às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 25 a 28 de Agosto
«PATRIA» a sair em 6 de Setembro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 31 de Agosto a 3 de Setembro
«LOBITO» a sair em 9 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 3 a 7 de Setembro.
«LUGELA» a sair em 15 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 13 de Setembro.
UIJE a sair em 18 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 8 a 11 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 15 de Setembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO e PORTO EVERGLADES (Miami)

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: R. de S. Julião, 63 Telefs. 469621/8 PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 Telef. 23342

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A caminho de Beja os corredores vigiam-se mutuamente

COMENTÁRIO DA 16.ª TIRADA

IMPLACÁVEL O SPORTING NA INEXORAVEL LEI DA ESTRADA MAS LUCROS POUCO PALPÁVEIS

- **Furos e fadiga derrotaram os portuenses Mário Silva e Mário Sá, a 141 quilómetros da meta**
- **Impressionante obstinação dos «leões» para vingarem a desdita de Vila do Conde**

Tirada monocórdica se não monótona, a ligar o Algarve ao Baixo Alentejo para um percurso de 151 quilómetros, batido por inclemente soalheira, que demorou quatro horas a calcorrear. Começou em momento impróprio e terminou ainda em pior momento. Por volta das duas horas da tarde. Mais uma vez, por conseguinte, a Volta exorbitou a sua finalidade ao atraiçoar as leis que regem a prática do desporto. Assistiu-se a uma espécie de cremação, com a tortura da sede a provocar esgares de tragédia. No lugar do meu automóvel, senti-me envergonhado duplamente. Por dispor de comodidade e por testemunhar o desprestígio do ideal que desde menino abracei, com entranhado amor. Penetrar na fogueira alentejana, no cume estival constitui ofensa grave aos mais elementares preceitos humanos. Protesto com veemente energia.

*

Os efeitos das altas velocidades averbadas, nas jornadas anteriores, despontaram, ontem, com nitidez. O calor é também adjuvante de peso. Dois homens, Joaquim de Freitas (F. C. Porto) e António Teixeira (Tavira) desistiram. O primeiro, por esgotamento físico; e o segundo a conselho médico, quando denunciava sintomas de insolação iminente.

Exceptuando o caso de três outros portuenses, também a acusarem fadiga, seis corredores atrasados na meta em relação ao pelotão, comprovaram carên-

(Continua na página seguinte)

AUGUSTO CARDOSO (B o vencedor da 16.ª tirada

Rectificação

No relato da tirada de ontem, publicado na 1.ª edição, incorreu-se num lapso de que os leitores decerto se aperceberam, quando se frisou o facto de os corredores do Sporting terem imposto um andamento duro para assim se aproveitarem do infortúnio e do atraso de quatro adversários do F. C. Porto. Ora, nunca se verificou uma fuga, em forma, dos «leões». Na frenética pressa de se utilizar o telefone e devido a defeituosa audição forneceu-se uma ideia que, no fundo, não alterou aquilo que mais tarde, no decorrer da tirada, se confirmou. Isto é, o predomínio do Sporting, sempre na ofensiva.

CLAROS e ESCUROS

Por FERNANDO SOROMENHO

PINGOS

● Inácio Rebelo, de férias em Portimão, saudou-me, á passagem em Monchique. O futebol atraído pelo ciclismo. O que não é novidade.

● Acuso recepção telegramas saudando alguns «pingos» stop meus agradecimentos stop. Coerência no estilo...

● Uma tavirense pediu o boné de Monteyne e o Monteyne, num francês á tavirense. Monteyne, um francês mascavado, perguntou como se dizia «jolie», em português. Depois, neguei-me a ouvi-lo...

● Quatro mertolenses, de duras rugas e de voz repousada, á porta dos correios, viam a «Volta». Apenas um comentário: «Selvagens». Terrível o olhar de um...

● O tiro da partida, em Tavira, foi dado pelo camarada e amigo Justino Lopes, do «Comércio do Porto». Mas porque «acertou» ele no F. C. Porto?

● No último mini-circuito desta Volta, uma espécie de exibição circense, o primeiro lugar coube a dois corredores. Imagine-se se o mesmo tempo tivesse sido conseguido por dez outros corredores. A Volta do próximo ano exige ponderação para se evitar «barracas»...

● O juri confessou, num comunicado, um lapso. O de não ter referido que os corredores, além do «boyau» de reserva, devem-se munir também de bomba de ar. Realmente, há uma falta de ar tremenda...

● Onze corredores foram assistidos pelo médico, na ligação Algarve-Alentejo. Portanto, um quarto dos que estavam em prova. Esclarecedor. Só o «dopping» continua por esclarecer.

● Nos últimos 30 quilómetros, sugeri um segundo abastecimento de líquidos. O director-geral da corrida disse-me que já tinha havido um, aos 50 quilómetros. Que diabo, dar água a quem tem sede é acto de mis ricórdia.

● Desabafo de Francisco Valada, do Benfica, vencedor da Volta de 66, antes de abalar de Odemira: «Com médias tão elevadas, não se pode pensar em fugir do pelotão». Augusto Cardoso não pensou assim. Sózinho, chegou a Beja.

● Joaquim Andrade, do Sangalhos, é sapateiro de profissão. Especializado em brunidos. Tal como Manuel Correia, do Sporting, que aprendeu o ofício de canalizador, nas horas vagas, Joaquim Andrade gosta de cuidar dos pombos. A sugestão das asas. Para voarem...

● O Primo, que é benfiquista de corpo inteiro, perguntou a Manuel Tiago, seccionista do Sporting e seu grande amigo: «Foi um curto-circuito que queimou a tua camisa amarela?» O Tiago respondeu, apontando o «Austin»: «Porque é que andas de *capot* aberto?».

APONTAMENTO

ESQUECIMENTOS — Foi em 1963 que a Direcção-Geral dos Desportos, correspondendo a apelos feitos no sentido de se evitar o fortíssimo calor que se faz sentir em Agosto, mês escolhido para se disputar a dura Volta a Portugal, em bicicleta, nomeou uma comissão da qual faziam parte os srs. drs. Salazar Carreira, então inspector da modalidade; Vicente Paulo Martins, também, na altura, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo; João Barreto, médico de desportos; Mesquita Guimarães, director do Centro de Medicina Desportiva; e um representante do Serviço Metedológico.

Antes dos noventa dias fixados, a referida comissão, que se propôs estudar o assunto, concluiu o seguinte:

1 — Setembro é o mês mais favorável para a corrida, considerando imposições do calendário internacional que não permitem antecipá-las para antes de Agosto.

2 — A «Volta» deve ser facultada a ciclistas experimentados e depois de rigoroso exame clínico, no Centro de Medicina Desportiva.

3 — A quilometragem das tiradas, salvo imperativo das condições locais de instalação, não exceder distância que os ciclistas tardem mais de cinco horas a percorrer.

4 — Nos percursos onde sejam de prever condições de temperaturas mais rigorosas, deve ser aproveitada a parte da tarde, de maneira que a chegada coincida com a última hora de luz diurna.

Verificam-se, por conseguinte, vários esquecimentos nesta «Volta», sendo o principal o que se refere ao calor. Nas tiradas Odemira - Tavira e Tavira - Beja, as chegadas registaram-se por volta das duas horas da tarde.

Sabia-se, graças á experiência, que o calor apertava nas regiões apontadas, mas com estranho encolher de ombros, não se ligou nenhuma a recomendações de carácter oficial.

Que importa o sofrimento dos corredores? O depauperamento físico dos atletas, recrutados em meios humildes, não interessa mesmo que as drogas, o terrível flagelo, sejam a escada de salvação a que se agarram alguns.

A MARCHA DA PROVA

O que foi percorrido...

1.ª	Pista das Antas	9
2.ª	Porto-Vila Real	116
3.ª	Circuito de Vila Real	46
4.ª	Vila Real-Guimarães	216
5.ª	Guimarães-V. do Conde	126
6.ª	Circuito de V. do Conde	60
7.ª	V. Conde-Porto (c/r)	29
8.ª	Pista das Antas	9
9.ª	Porto-Anadia	101
10.ª	Pista de Sangalhos	5
11.ª	Fig. da Foz-Malveira	179
12.ª	Pista de Alvalade	9
13.ª	Cacilhas-Sant. de Cacém	165
14.ª	Odemira-Tavira	173
15.ª	Pista de Tavira	5
16.ª	Tavira-Beja	151
17.ª	Beja-Castelo de Vide	218
		1617

...e o que falta percorrer

18.ª	C. de Vide-P. da Saude	151
19.ª	Covilhã-Viseu	132
20.ª	Viseu-Tomar	200
21.ª	Tomar-Alpiarça (c/r)	53
22.ª	Alpiarça-Cartaxo	61
23.ª	Cartaxo-Lisboa	149

Caves Monte Crasto / AROMA—SUAVIDADE—PALADAR
3 razões porque deve preferir Brandy RHODA

DESPORTOS

AUTOMOBILISMO

O II CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS

REALIZA-SE EM 9 E 10 DE SETEMBRO

Organizado pelo Sport União Sintrense e com a colaboração da Câmara Municipal de Sintra e Comissão Municipal de Turismo de Sintra, Rádio, TV, Automóvel Club de Portugal e Imprensa especializada e diária, realiza-se nos dias 9 e 10 de Setembro o II Circuito da Granja do Marquês, prova a contar para o Campeonato Nacional de Condutores e II Circuito para Iniciados dos Grupos de Turismo e G.T., Desporto e Protótipos além da disputa da Taça de Ouro de Sintra, destinada a corredores consagrados.

Para esta 2.ª edição do «Circuito da Granja do Marquês», a pista tem o perímetro de 2200 metros em qualquer das corridas, sendo disputadas as taças seguintes: *Base Aérea n.º 1* (automóveis de Turismo, Iniciados); *Sport União Sintrense* (automóveis de G.T., Sport e Protótipos, iniciados); *Câmara Municipal de Sintra* (automóveis de Turismo — Campeonato Nac. de Condutores); *Secretário de Estado da Aeronáutica* (automóveis de G. T., Desporto, T. Especiais, Protótipos — Campeonato Nacional de Velocidade); *Cidla* (automóveis de Fórmula V — Campeonato Nac. de Velocidade).

Os prémios monetários são da ordem dos 100 000$00, além de 80 taças que serão destinadas aos melhores classificados de todas as classes e grupos.

O Regulamento da prova já está a ser distribuido e as inscrições encontram-se abertas na sede do clube organizador e no Automóvel Club de Portugal e nas suas secções regionais, e fecham impreterivelmente no dia 26 deste mês, pelas 24 horas, sendo de salientar que as inscrições só são consideradas válidas desde que até essa altura tenham sido confirmadas com a respectiva taxa.

«Rallye» do Verão organizado pelo Clube Arte e Sport

Com a colaboração da Câmara e Comissão Municipal de Turismo de Sintra e, ainda, das Piscinas da Praia das Maçãs, realiza-se no dia 2 de Setembro o «Rallye» do Verão, prova organizada pelo Clube Arte e Sport e que está a despertar grande interesse no meio automobilístico, sendo de realçar que, embora o fecho das inscrições esteja marcado para 26 deste mês, é já elevado o numero de concorrentes.

Este «Rallye» terá sete itinerários, com partidas de Areia Branca, Santa Cruz, Ericeira, Praia das Maçãs, Estoril, Costa da Caparica e Lisboa (cada um deles rondando os 75 quilómetros) e concentração na Praia das Maçãs. Haverá duas provas complementares, uma disputada de manhã («Slalom») e outra de tarde (maneabilidade).

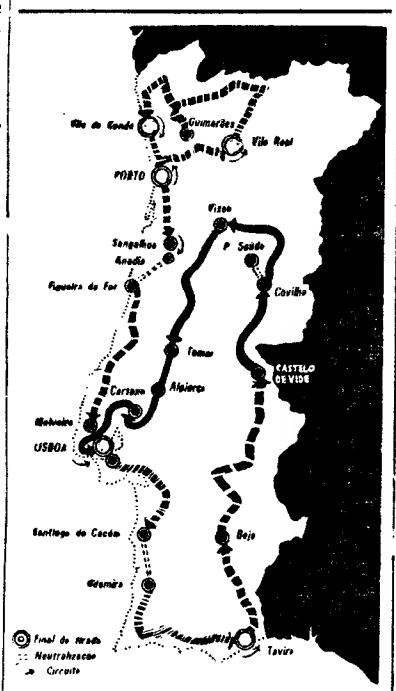
A lista dos prémios é completada com mais de 75 troféus, com taças para os três primeiros de cada classe (numero mínimo); três primeiros da classificação geral; vencedores das provas complementares; três senhoras com melhor pontuação; melhores equipas de clube; iniciados com menos pontuação em classe; melhor «escudeiro», etc.

A entrega dos prémios será realizada no decorrer de uma festa a efectuar na «boîte» e outras instalações das piscinas da Praia das Maçãs, na noite de 2 de Setembro, cuja receita reverterá para a Misericórdia de Sintra.

O circuito de Vila do Conde

Organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, realiza-se nos próximos sábado e domingo o já «clássico» Circuito Automóvel de Vila do Conde, reunião automobilística que está a despertar grande expectativa pelo facto de não estarem ainda bem definidas as posições no Campeonato Nacional de Velocidade, em Turismo, embora Ernesto César das Neves tenha a seu favor dois primeiros e dois segundos lugares.

O numero de inscrições é já bastante elevado esperando-se que estejam presentes Carlos Gaspar — recente vencedor de «Montes Claros» em Fórmula 3 — Manuel Lopes Gião, César Torres a par de tantos outros «volantes» consagrados.



Amanhã corre-se a 18.ª tirada da Volta a Portugal, na distancia de 151 quilómetros, a estabelecer a ligação Castelo de Vide-Penhas da Saude. Os corredores partem ás 10 horas, seguindo por Alpalhão (10 e 30), Nisa (10 e 51), Ponte sobre o Tejo (11 e 21), Castelo Branco, onde funciona a meta volante (12 e 14), Alpedrinha (13 e 14), Fundão (13 e 35) e Covilhã (14 e 7), cortando a meta junto ao Hotel das Penhas da Saude, ás 14 e 26. Haverá duas contagens para o «Prémio da Montanha (na serra da Gardunha e na meta)

Eusébio

na festa de R. Zamora?

BARCELONA, 22 — «Aguardo o dia da «minha festa» com emoção: esse dia comprovará uma vez mais a amizade que sempre me dispensaram os adeptos espanhóis do futebol» — disse, ontem, o antigo guarda-redes internacional, Ricardo Zamora.

A 27 de Setembro próximo efectua-se, em Madrid, a festa de homenagem a Zamora num encontro entre selecções da Espanha e do Mundo, cujos componentes foram escolhidos pelos jornalistas desportivos de toda a Espanha.

Diz-se que Eusébio, do Benfica, figura entre os jogadores da selecção «resto do Mundo».

AUTOMOTORAS DE FIM DE SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P que todos os sábados se efectua uma automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13 e 40 e chegada a Faro ás 18 e 55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19 e 55; a Portimão ás 19 e 06 e a Lagos ás 19 e 32. O regresso efectua-se no domingo com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19 e 35; de Faro ás 20 e 31; de Lagos ás 19 e 48 e de Portimão ás 20 e 13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1 e 30.

Comentário à tirada Tavira-Beja

(Continuação da página anterior)

cia de potencialidade atlética. Deles, destaca-se o sportinguista Emiliano Dionísio (camisola verde) que terá, porventura, pensado em abandonar, e o belga Furnière, na véspera vencedor em Tavira.

Simples de narrar a penosa travessia. Apenas, uma causa para explicar um rol de consequências, sendo a principal o ferrete do infortunio, cravado no cerne da equipa do F. C. Porto. Dois dos seus homens, os Mários (Sá e Silva), atormentados por furos, deram monumental trambulhão na tabela classificativa ao descerem vinte e cinco lugares, agravando, por isso, as diferenças de 3 m 10 s e 3 m 25 s, em relação ao «leader», para 11 m 37 s e 11 m 52 s, respectivamente. Mário Silva disse o adeus definitivo á camisola amarela.

A desgraça do F. C. Porto aconteceu a 10 quilómetros da partida. Furou Mário Silva e Mário Sá deu-lhe a sua roda; furou, a seguir Mário Sá; Joaquim Freitas recebeu ordem para esperar e, depois, o mesmo se verificou com José Azevedo; e novo furo de Mário Silva.

Soou o clarim no pelotão. E os «leões», lestos e diligentes em dez quilómetros, acelerando a marcha, provocaram o avanço de 2 m 30 s. Faltavam, recorde-se, 131 quilómetros para se atingir Beja, o fim do martírio.

O que se registou, a seguir, cinge-se á imagem dos vingadores que não perdoam ofensas. O Sporting com quatro, cinco e seis elementos, colocou-se na testa do pelotão, batalhando, impiedosamente, ainda que não considerasse os riscos em que incorria com vista ao futuro. Hoje, por exemplo, são 218 quilómetros, com uma contagem para o Prémio da Montanha.

A atitude implacável do Sporting, para se reabilitar do malogro de Vila do Conde, quando João Roque furou, a 52 quilómetros da meta, atirou para trás das costas o comedimento plausível que, nesta altura da prova, se justificava. No fundo, os 141 quilómetros de forçados trabalhos (a média de 37,590 bateu a fixada em 36 km) só redundaram no benefício já apontado, dado que o F. C. Porto manteve Cosme de Oliveira no segundo lugar e fez subir Joaquim Leão, de 8.º para 6.º. Por conseguinte, a adversidade do clube nortenho limitou-se á queda de um real ídolo, Mário Silva. Outros ficaram, todavia, para o substituir. Nem tudo se perdeu...

A espectacular demonstração do Sporting, que não logrou desmembrar o pelotão, teve outro senão importante — a perda da vitória na tirada. Na fase derradeira, Leonel Miranda ensaiou uma escapada, mas não aguentou. E quando saiu do grupo Augusto Fortes ninguém pôde dar-lhe réplica. O Benfica aproveitou-se do esforço dos «leões», o que é também uma lei do desporto do pedal. Aliás, os «encarnados» podem orgulhar-se de terem manchado a impressionante mancha verde. Além disso, averbaram o seu primeiro triunfo individual nesta Volta.

Ainda se afigura lícito salientar a repetição da precária rentabilidade do Sporting. Há dias, em Santiago de Cacém, João Roque, serviu numa bandeja, a camisola amarela a Monteyne. Ontem, a formação «leonina» deivou-a no mesmo dorso, conquanto haja afastado do caminho de Roque dois opositores de respeito, os Mários, do Norte.

Repare-se ainda, que, entre o Sporting e o F. C. Porto, na classificação geral, por equipas, se mantiveram os dez segundos de diferença registada, ontem, no circuito de Tavira.

O comportamento das restantes formações suscita apreciação favorável no concernente aos casos dos belgas e dos benfiquistas. Ambas se limitaram a rolar na sombra dos «leões», exemplificando a marcação que era essencial observar. Não colaboraram e não soçobraram. O Benfica, como se frisou, foi o «desmancha-prazeres», a pedra de sal de opíparo manjar.

O passo duro, imposto pelos sportinguistas, que afirmaram poder, não significa como é óbvio que venha a provocar dificuldades irremediáveis, nas jornadas de hoje e de amanhã. Decerto, outros adversários terão sentido, dentro de si, o aviso de precipício perigoso. Todos são feitos da mesma massa. E o calor africano de Agosto não perdoa a ninguém. Como quer que seja, não se hesita em saudar o Sporting, em conformidade com o princípio de que ainda há tempo para se descobrirem soluções. A obra-prima do escultor começa por ser um pedaço informe e desajeitado de pedra.

Enfim, esta Volta continua a irradiar perigo intenso. Deslumbrando. — F. S.

A passagem em Mértola um popular refresca um corredor

CLASSIFICAÇÕES GERAIS À PARTIDA DE BEJA

INDIVIDUAIS
(Prémio «Monte Crasto»)

		H	M	S
1.º	JAN MONTEYNE	36	36	12
2.º	Cosme Oliveira	36	37	55
3.º	Manuel Correia	36	38	40
4.º	Anton Houbrechts	36	38	45
5.º	Joaquim Andrade	36	39	50
6.º	Joaquim Leão	36	40	—
7.º	Fernando Mendes	36	40	19
8.º	João Roque	36	40	20
9.º	Leonel Miranda	36	41	1
10.º	Manuel Costa	36	41	24
11.º	André Demarteleire	36	41	34
12.º	Armand Desmet	36	41	40
13.º	Américo Silva	m. t.		
14.º	George Smissaert	36	41	12
15.º	André Messelis	36	41	52
16.º	Sérgio Páscoa	36	42	1
17.º	Alberto Carvalho	36	42	19
18.º	Francisco Valada	36	42	27
19.º	Vítor Tenazinha	36	42	44
20.º	Henrique Neto	36	42	50
21.º	José Vieira	36	43	37
22.º	Jorge Corvo	36	43	41
23.º	Roger Nassens	36	43	50
24.º	António Fonseca	36	44	36
25.º	Carlos Santos	36	44	27
26.º	Gabriel Azevedo	36	44	43
27.º	Norberto Timóteo	36	45	19
28.º	Augusto Cardoso	36	46	17
29.º	António Acursio	36	46	47
30.º	Mário Sá	36	47	49
31.º	Mário Silva	36	48	4
32.º	António Pereira	36	48	33
33.º	Pedro Moreira	36	52	3
34.º	Indalécio Jesus	36	52	9
35.º	José Azevedo	36	53	10
36.º	Celestino Oliveira	36	53	57
37.º	Herculano Oliveira	36	56	56
38.º	Manuel Ferreira	37	—	5
39.º	Romain Furnière	37	2	57
40.º	António Graça	37	12	43
41.º	David Cavadas	37	15	48
42.º	Emiliano Dionísio	37	18	57
43.º	Florival Martins	37	38	20
44.º	Francisco Martins	37	53	50

Equipas

	H	M	S
1.º SPORTING	110	30	48
2.º F. C. Porto	110	30	58
3.º Flandria (Bélgica)	110	31	5
4.º Benfica	110	32	23
5.º Sangalhos	110	45	18
6.º Ginásio de Tavira	110	52	—

POR PONTOS
(Prémo «Casal Seara»)

1.º	EMILIANO DIONÍSIO	110
2.º	André Demarteleire	72
3.º	Leonel Miranda	57
4.º	Anton Houbrechts	50
5.º	Sérgio Páscoa	47
6.	Roger Nassens	41,5
7.º	Jan Monteyne	10
8.º	Vítor Tenazinha	37
9.º	Pedro Moreira	27
10.º	Manuel Correia	25
11.º	Joaquim Andrade	25
12.º	Augusto Cardoso	25
13.º	Joaquim Leão	22
14.º	Alberto Carvalho	20
15.º	Mário Sá	20
16.º	Romain Furnière	20
17.º	José Vieira	17,5
18.º	Cosme Oliveira	15
19.º	Mário Silva	15
20.º	Henrique Neto	15

Prémio da montanha

1.º	MANUEL CORREIA	10
2.	Leonel Miranda	10
3.º	Sérgio Páscoa	10
4.º	Cosme de Oliveira	7
5.º	Manuel da Costa	6
6.º	Henrique Neto	5
7.º	Demarteleire	4
8.º	Monteyne	3
9.º	Gabriel Azevedo	3
10.º	Augusto Cardoso	1
11.º	Herculano Oliveira	1

METAS VOLANTES
(Prémio «Dunlop»)

1.º	ROGER NASSENS	10
2.º	Fernando Mendes	10
3.º	Cosme Oliveira	5
4.º	Pedro Moreira	5
5.º	Francisco Valada	5

As baixas da prova

Os que não alinharam à partida

Na 1.ª tirada — J. Santiago (Sangalhos).

Os que foram eliminados

Na 2.ª tirada — J. Martins (Tavira).

Na 9.ª tirada — Vieira (F. C. Porto) e António Machado (Tavira).

Os que desistiram

Augusto Fortes (Bf.), na 6.ª tirada
António Vieira (Sp.), na 11.ª tirada
Rogério Domingos (Tavira) na 13.ª tirada
Custódio Cristina (Bf.), na 14.ª tirada.

Os efectivos das equipas

	À partida	*Actual*
Sporting	10	9
Tavira	10	7
Benfica	9	7
F. C. Porto	9	7
Sangalhos	7	6
Flandria	8	8
	53	46

Na 16.ª tirada — N.º 18, António Teixeira (Sang.); n.º 33, Joaquim Freitas (F.C. P.).

MOTORIZADAS PERFECTA
CICLO-AREEIRO
Av. Alm. Gago Coutinho
LISBOA

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — Às 16: Noticiário; 6 e 5: Volta a Portugal em bicicleta: reportagem da 17.ª etapa Beja-Castelo de Vide — Pequeno concerto; 17: Noticiário; 8: Noticiário; 18 e 5: Canzonetas italianas, 18 e 20: Programa da mulher; 18 e 40: Tempo romântico; 19: Rádio Universidade; 19 e 30: Noticiário regional — Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: As grandes figuras do mundo português; 20 e 15: Melodias célebres; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Vedetas em voga; 21 e 20: 15.º episódio do folhetim: «O Livro de St Michele»; 21 e 40: Tempo de «jazz»: 22 e 10: Fados, por Maria Augusta Ermidas e Gabino Ferreira; 22 e 30: Jornal de actualidades — Boletim meteorológico — Acordeões; 23: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 0: Noticiário; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Musica sinfónica, de Tchaikowsky e Brahms; 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas da obra de Carl Nielsen; 18 e 30: Musica de piano, de Clementi e Liszt; 19: 1.º e 2.º actos da ópera «A Arlesiana», de Francesco Cilea; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Solos de viola; 21: 3.º acto da ópera «A Arlesiana», de Francesco Cilea; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 mc/s — Às 23: Musica portuguesa: obras de Fernando Lopes Graça; 0: Canções de amor; 0 e 15: Ciclo «A Sonata»: «Os Mestres de Viena», obras de Mozart e Beethoven; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 4: Programa CDC; 17: Noticiário; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Dois ritmos; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Ele e ela; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Hora alemã; 21 e 45: Vedetas e canções; 22: Noticiário; 22 e 2: Variando para agradar; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: Meia-Noite; 6: Desculpe, mas já são horas.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — Às 16 e 30: Encontro no ar; 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: A noite é Varig; 1: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,7 m — 785 kc/s — Às 6 e 4: Programa CDC; 17: Noticiário; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Ritmos do Brasil; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 25: Noticiário regional; 20 e 30: Novos discos; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Musica em alta fidelidade; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Os nossos artistas; 22 e 15: Ritmos do momento; 22 e 30: Clube da Juventude; 23: Noticiário; 0: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Vozes portuguesas; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa, da basílica dos Mártires; 19 e 45: Boletim do S C R.; 19 e 50: Reportagem da Volta a Portugal em bicicleta; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Programa Kador; 21 e 45: Melodias da Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica escolhida; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 9 e 5: Musica seleccionada; 9 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes 9 e 30: Variedades; 20: Musica para o seu jantar, 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Gravação cedida pela República da Alemanha Federal; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Programa de Lisboa, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS — 88 m — 594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 17 ás 19 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22 e 30: Rádio Peninsular; 22 e 30 ás 2: Rádio Graça

SYLVANIA MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM

AMANHÃ — Às 19 e 30: Abertura e Telejornal — 1.ª edição (inclui a Agenda da Praça); 19 e 50: Lanterna Mágica (desenhos animados); 20 e 15: Carta de Espanha; 20 e 25: Vida Sã em Corpo São (programa do dr. Ramiro da Fonseca); 20 e 40: Filme Infantil — Carrocel Mágico; 20 e 55: Metamorfose da Dança (programa de divulgação e história do bailado, apresentado por Luna Andermatt e Vera Varela Cid); 21 e 30: Telejornal — 2.ª edição (inclui Boletim Meteorológico); 21 e 55: Noite de Teatro — «Fugitivo de uma Noite», de G C. Brown (tradução e adaptação de Botelho da Silva; interpretação de Isabel de Castro, Carlos Wallenstein, Ruy Furtado, Candida de Lacerda, Alexandre Vieira, António Marques, Paulo Renato e, nos protagonistas, Brunilde Judice e Luís Filipe; realização de Pedro Martins); 22 e 55: Concerto — Sinfonia n.º 5, de Dvorak, pela Orquestra do Gewandhaus, de Leipzig, dirigida por Vaalav Neumann (programa da Televisão da Noruega); 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta — Reportagem dos enviados especiais da R. T. P., da etapa Castelo de Vide-Penhas da Saude; 23 e 50: Telejornal — 3.ª edição (ultimas notícias); 23 e 55: Meditação; 0: Fecho.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524

AGUA GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537021 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom e feriados), 382069.

POLICIA E G N R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R (área rural), 36865

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S Jose, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de intoxicações (informativo) 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno L

(Ver pelos bairros das indicações e telefones entre parêntesis)

ALAMEDA — Esperança, R Carlos Mardel, 01-B (722868)

ALCANTARA — Nogueira, R do Creche, 2 (631635)

ALTO S. JOÃO — Oriente, R Lopes, 120 (843381)

ALVALADE — Paris, Est da Portela, lote 5 (710131) ✲ Brisália, Av Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358)

AMOREIRAS — D. João V, R D. João V, 16-C (682772).

ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 10 (404712)

AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) ✲ João XXI, Av João XXI, 16-A (726462) ✲ Nova Lisboa, R Guilhermino Suggia, 2 (727721).

ARROIOS — Fonseca, R Carvalho Araujo, 46-C (841708)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 47-A (763107) ✲ Avenidas, Avenida da Republica, 27-A (733688) ✲ Império, R Filipe Folque, 40-A-B (480021)

BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av Ressano Garcia, 1-A (515)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27 n 4 (389216)

BAIXA — Americana, Calç de Santana, 3 (863984) ✲ Nacional, R do Salitre, 7 (46858) ✲ Costa, P da Figueira, 6-B/C (32838)

BELEM — Remisio, R dos Jerónimos, 4-C (63 699) ✲ Sepol, Calç da Boa Hora, 94-A (63 958)

BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ Sousa, Est de Benfica 429-43 (780027)

CAMÕES — Combro, Calçada do Combro, 18 (326059) ✲ Azevedo Irmão & Veiga, Rua da Misericórdia, 24 (323540).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, R Freitas Gazul 32-B (671667)

CAMPOLIDE — Lab., R Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).

CARNIDE — Leal de Matos, R Neves Costa, 33-35 (780181)

CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)

ENTRECAMPOS — Galeno, Av Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920).

ESTEFÂNIA — Mundial, Largo de D Estefânia, 9 (45578)

ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 70 (661734) ✲ Janeiro, Av Alvares Cabral 00 (661453)

GRAÇA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R. de S Vicente, 3 (864351) ✲ Bastos Andrade, Calç de St André, 07-111 (860450) ✲ Santo António, R Leite de Vasconcelos, 12-C (862333).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 20-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, lote 2-C (790704)

MADRAGOA — Lealdade, R do Olival, 226 (563441)

OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (389237)

PALHAVÃ — Aguias, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)

PATRIARCAL — São Marçal, R de S. Marçal, 00 (325318)

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R Padre Sena Freitas, 0-A (842518)

PICHELEIRA — Lazmar, R João Nascimento Costa, nº 6-A (Bairro de St.º Engrácia (728395-720703)

ST.º AMARO — Teles, R João de Barros, 2 (638249)

SE — Nacional, R de S João da Praça, 26 (863632)

DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Saltes, R de Xabregas 63-65 (381185)

● No Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Avenida Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel 212081).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (tel 24 28 39)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Avenida Patrão Lopes, 4 (tel 242 00 39)

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 8 (tel 243 00 58)

PAREDE — Grincho — Av da República, 87-A (Tel 2471204)

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira J A 15 (Tel 260116)

CASCAIS — Marginal — Av Marginal Tel. 280078), A Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (Tel 280214)

● No Linha de Sintra

AMADORA — Covaca — Rua Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (Tel 932485); Confiança — Avenida D Nuno Alvares Pereira, 25-A (Tel 938149)

QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 15 (Tel 950043); Queluz — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844)

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (tel 294 00 34)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins 285 (tel 929 00 12)

S PEDRO DE SINTRA — Valentim — (tel 928 04 56)

SINTRA — Simões — Rua Heliodoro Salgado, 26, Estefânia (Tel 980832)

VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia 70 (tel 93 39 20)

COLARES — Colares — Abrelo (tel 929 90 88)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Silva, 70 (tel 23 41 37)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av do Bela Rosa, 8 (tel 22 42 50)

ALMADA — Algarve — R Fernão Lopes, 1 (Tel 2702711).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (tel 22 41 41)

BARREIRO — Avenida — Av Alfredo da Silva, 88 (Tel 2273212).

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P 5 de Outubro, 62 (tel. 27 01 21).

MOITA — União Moitense — R Dr Teófilo Braga, 1 (tel 23 90 25).

MONTIJO — Diogo — R Almirante Reis, 42 (tel 23 00 32)

SESIMBRA — Lopes — R Candido dos Reis, 67 (tel 22 90 28)

SETÚBAL — Pinto — P de Bocage (Tel 22484); Nova — R General Gomes Freire (Tel 22052)

SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51 (tel 221 85 80)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Cons 4 3/4% 1 0	578$00	578$00	—
Cons 3% 1 0	598$00	598$00	600$00
Cons 3 1/2% 1 0	—	690$00	—
Centenários 4% 940	1.500$00	1.498$00	1.505$00
Obg Tes 4 1/2% 942	—	—	—
Obg Tes 4 1/2% 943	—	—	—
Obg Tes 4 1/2% 944	—	—	—
Externo 1.ª série	1.220$00	1.220$00	1.230$00
Externo 1.ª série cor	1.250$00	1.245$00	—
Externo 2.ª série	—	1.250$00	—
Externo 2.ª série cor	—	1.250$00	—
Externo 3.ª série	—	1.245$00	1.250$00
Externo 3.ª série cor	—	1.245$00	1.270$00
Caut 3.ª série s/l	—	287$00	—
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5%	—	485$00	490$00
C P 4 1/2%	—	930$00	940$00
Gás Elect 3 3/4%	—	900$00	—
Gás Elect 4%	840$00	—	850$00
Gás Elect 4 1/2%	900$00	—	—
Gás Elect 5%	930$00	920$00	930$00
H E Douro	855$00	850$00	—
H E Norte de Portugal	—	—	103$00
H E S Estrela	—	—	—
Metropolitano	—	—	955$00
Petroquímica	—	870$00	—
Sonefe	—	743$00	760$00
TAP	—	930$00	—
Termoeléctrico Portuguesa	—	850$00	—
U E P 3 3/4%	81$00	81$00	—
U E P 4% 945	—	81$00	83$00
U E P 4% 948	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	84$50	—
U E P 5% 951	80$00	79$50	80$00
U E P 5% 952	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	970$00	980$00
Alentejo	705$00	704$00	705$00
Angola	1.420$00	1.410$00	1.420$00
Burnay	—	3.150$00	—
Crédito Predial	2.025$00	2.020$00	2.040$00
Esafrito Santo	—	13.100$00	13.400$00
Lisboa & Açores	—	—	—
Portugal	—	2.650$00	2.700$00
Português do Atlântico	—	—	—
Totta Alianca	—	4.000$00	4.100$00
Ultramarino	1.445$00	1.443$00	1.445$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	283$00	285$00
Sagres	—	—	—
Soberana	—	—	1.850$00
Tagus	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	780$00	775$00	790$00
Agrícola de Cassequel	555$00	553$00	560$00
Agricultura Colonial	—	—	—
Agrícola das Neves	—	—	—
Boror	—	95$00	00$00
Cabinda	—	30$00	40$00
C A D A	—	1.430$00	490$00
Com do Buzi	69$50	69$00	70$00
Diamantes	1.188$00	87$00	89$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomaf	—	900$00	930$00
Lobito	435$00	435$00	440$00
Moçambique	—	44$00	47$00
Sonefe	—	238$00	240$00
Zambézia	—	41$00	43$00

Comp.ª diversas	Efec	Compro	Vendo
Cimentos Leiria	1.500$00	1.500$00	1.520$00
Cimentos Tejo	—	1.950$00	2.000$00
Colónia de Navegação	—	—	575$00
C U F	1.200$00	1.200$00	1.205$00
Industria Aliança	—	415$00	500$00
Nacional de Navegação	—	1.160$00	1.200$00
Petroquímica	3.100$00	3.070$00	3.150$00
Portugal e Colónias	—	1.130$00	1.140$00
Port de Celulose	—	3.370$00	3.380$00
Port de Pesca	—	729$00	735$00
Port de Tabacos	408$00	406$00	409$00
Socor	—	4.600$00	—
Socer	2.500$00	2.500$00	2.550$00
Tabacos de Portugal	830$00	830$00	860$00
U F Azoto	917$00	917$00	920$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934	410$00	405$00	415$00
Águas de Lisboa 936	—	400$00	410$00
Eléctrico das Beiras	—	1.425$00	1.450$00
Gás e Electricidade	388$00	388$00	388$50
H Alto Alentejo	178$50	178$50	179$00
H E Cávado	1.245$00	1.244$00	1.245$00
H E Douro	1.250$00	1.244$00	1.255$00
H E Portuguesa	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.385$00	1.410$00
Nac de Electricidade	1.395$00	1.392$00	1.395$00
Termoeléctrico	—	1.395$00	1.410$00
União Eléctrico Portuguesa	183$00	182$50	184$00
FUND DE INVESTIMENTOS			
F. Invest Atlântico	—	159$00	163$80
F I D E S	—	106$40	109$60

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	14/8/67	21/8/67	22/8/67
GERAL	104,7	105,2	**105,2**
METROPOLITANAS	103,7	103,8	**103,8**
ULTRAMARINAS	112,5	115,1	**114,9**

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$30	37$30
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dollar de 1 e 4	28$40	28$70
Dollar de 5 a 000	28$60	28$90
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Shilling	$10	$15
Brasil — Cruzeiro	$00,8	$01,3
Espanha — Peseta	$47,6	$48,6
Holanda — Florim	7$85	8$10
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Bélgica — Franco	$56	$58,5
França — Franco	5$78	5$93
Suíça — Franco	6$58	6$73
Dinamarca — Coroa	4$05	4$25
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)	295$00	305$00
Inglaterra (1/Libra)	230$00	245$00
Portugal — barra fino	32$70	33$70

J BURNAY, L.DA

RUA DO OURO 72

Notas estrangeiras. Papéis de crédito. Telef 321273

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 4 de Setembro p. f.º, pelas onze horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Outubro deste ano, em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das linhas de MIRANDELA e VISEU, 4 1/2 % — 1889

385 obrigações respeitantes à amortização do 1º semestre de 1967.

Lisboa 16 de Agosto de 1967.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL — Telef. 55 51 31
Às 21,30 (Adultos)
De novo em Lisboa! O triunfo mundial
DOUTOR JIVAGO
com Geraldine Chaplin — Alec Guinness — Julie Christie

TIVOLI — Telef. 5 05 95
Às 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 12 anos)
47.ª SEMANA
do famoso exclusivo deste cinema
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer

ALVALADE — Telef. 5 41 53
Às 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 12 anos)
A maior vedeta do cinema francês volta numa sensacional interpretação! Michele Morgan com Paul Hubschmid em...
DIGA-ME QUEM DEVO MATAR
— EASTMANCOLOR —

ODEON — Telef. 32 62 83
Às 15.15 — 18.15 (p. r.) e 21.30
ÊXITO TOTAL
com a fabulosa farsa de gargalhada
O LEÃO DA ESTRELA
com António Silva, Milú, Maria Eugénia Erico Braga, Laura Alves, Curado Ribeiro, Artur Agostinho
REALIZAÇÃO DE ARTUR DUARTE
(Maiores 12 anos)

EDEN
Às 15.15 — 18.30 e 21.30
(M 17 anos)
Um drama intenso de «suspense»
O HOMEM SOLITÁRIO
com Ray Milland — Mary Murphy — Ward Bond
— TRUCOLOR —

SÃO JORGE — Telef 5 41 53
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Uma história de criadas que estas não devem ver!...
ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO
com Mylene Demongeot e Michael Craig

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
Às 21 horas
(M. 17 anos)
QUEDA NO ABISMO
UM HOMEM EM FUGA

RESTELO
Telef 61 03 76
(M. 12 anos)
As 21.30
CANDIDATOS PARA A ETERNIDADE
com Hildegard Knef e Carle Lange

CLIP — Telef. 4 85 60
Às 21 horas
(M. 12 anos)
UM HOMEM
A RAINHA VIRGEM

ROMA — Balcão 72 91 92 — Plateia 72 77 78
Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
Richard Wyler
Jany Clair e Valéria Ciangotini
na movimentada e emocionante aventura de um perigoso agente secreto!
COPLAN FX-18 ARRASA TUDO
Realização em Eastmancolor de RICARDO FEDRA
AR CONDICIONADO

MUNDIAL — Telef. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
UM ROSTO A CHUVA
Rory Calhoun — Marina Berti — Niall McGinnis
3 pessoas tomadas de terror procuram escapar ao inferno das suas vidas...

POLITEAMA — Telef. 32 63 05
Às 15.15 — 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
Um filme de paixões sinistras
OS DISCÍPULOS DO DIABO
com Charles Bickford, Doug McClure, Gary Clark e James Drury
Um tiro no escuro desencadeou uma luta de morte entre feras humanas...
Eastmancolor (Adultos)

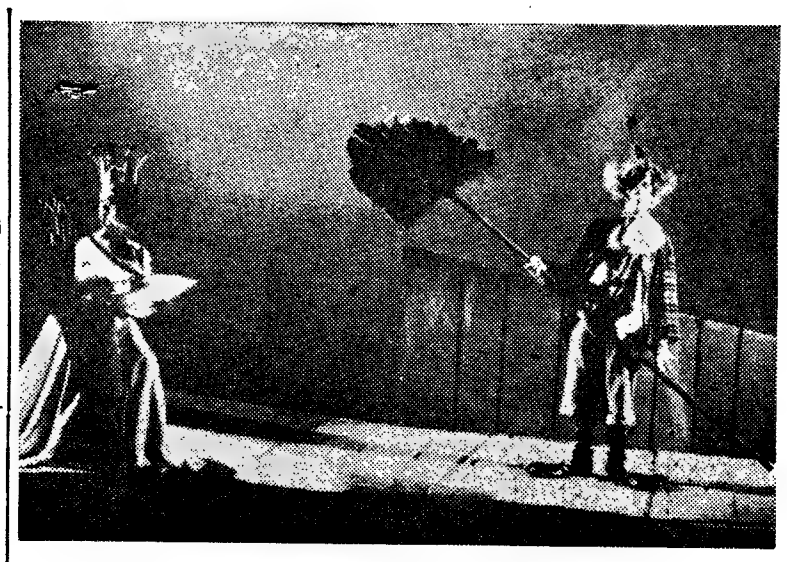
CINE-TEATRO LIDO — AMADORA — Telef. 93 75 93
Às 21.30 h.
(M. 17 anos)
A vida violenta e desesperada de um «Gangster»
LUTRING!...
com Robert Hoffman e Lisa Gastoni

AVIS — Telef 53 23 00
As 15.30 e 21.45
8.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Walter Chiari, Graziella Granata e Peppino de Filippo
(Adultos)
as espirituosas e atrevida comédia
O HOTEL DA MALANDRICE
TECHNISCOPE — TECHNICOLOR

estúdio 444 — Telef. 75 00 95
As 15.30 e 21.45
(M 6 anos)
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
A ultima maravilha de WALT DISNEY
INCRÍVEL JORNADA
Uma aventura heróica de 3 valentes companheiros
Technicolor

EUROPA — Telef 66 [illegible]
Às 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
(Adultos)
OS MILIONÁIOS DE FILADÉLFIA
com Paul Newman e Barbara Rush

TERRASSE — Telef 32 09 17
Às 15 e ás 21 h.
(M 17 anos)
UMA SEGUNDA VIDA
S Y L V I A



Uma cena da peça «Bocage — Alma sem mundo», que está em quarto mês de representação no Teatro Vasco Santana. O público está, portanto, a corresponder, com o seu interesse e presença, ao esforço titânico da Companhia Teatro Estúdio de Lisboa que, vencendo corajosamente os obstáculos resultantes da época de Verão e outros, mantém no cartaz um trabalho probo, dignificante, ao serviço duma das figuras mais discutidas da poética portuguesa — Manuel Maria Barbosa du Bocage

TAUROMAQUIA

BENJUMEA E LICEAGA

EM «MANO-A-MANO» NO CAMPO PEQUENO

Dois matadores de grande prestígio no panorama tauromáquico hispano-mexicano vão encontrar-se na arena do Campo Pequeno em apaixonante mano-a-mano. São eles Pedrin Benjumea e Mauro Liceaga que, este ano, surgiram nas praças portuguesas aureolados pelos triunfos alcançados nas suas pátrias.

Benjumea que, como Liceaga, ocupa lugares destacados em Espanha e no México entre as primeiras figuras, deram já ao nosso público a medida exacta do seu valor. Pedrin, que muitos classificavam entre os tremendistas, surgiu-nos no Campo Pequeno, quando alternou com Mário Coelho, com uma segurança de estilo, uma conce[p]ção autêntica do autêntico toureio que a todos impressionou agradàvelmente. A valentia, a rábia e o sentido toureiro de Liceaga têm-lhe granjeado, nestas corridas feitas por Portugal, simpatia e admiração.

São estes, portanto, os diestros que vamos ver na quinta-feira á noite, no Campo Pequeno, num cartaz do qual ainda fazem parte os cavaleiros Pedro Louceiro e Luís Miguel da Veiga e os Forcados Amadores do Ribatejo, chefiados por Juliano Louceiro.

Os toiros para esta corrida — a 8.ª das «Fabulosas de Verão» — foram apartados na ganadaria coruchense de António José Teixeira.

NECROLOGIA

SUFRÁGIOS

Alfredo da Silva

Por iniciativa do pessoal reformado de «A Tabaqueira», foi hoje celebrada, na igreja da Conceição Velha, missa por alma do industrial Alfredo da Silva, fundador daquele estabelecimento industrial.

A missa, que começou ás 10 e 15, decorreu no altar-mor, e foi oficiada pelo padre jesuíta Julião Pecantet.

Estiveram presentes numerosos reformados e actuais funcionários daquela empresa, os srs. dr. Jorge de Melo, presidente do conselho de administração da C. U. F. e eng.º João Rocheta, director-geral da Lisnave.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P P C. A. (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 - 28 00 22

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo 98-2.º
Telef. 32 65 19
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 16 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias As 16 horas
Dr Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

The Anglian Chamber Soloists apresenta-se esta noite no Festival de Sintra

Prossegue esta noite, no Palácio Nacional de Queluz, o 1 Festival Internacional de Sintra, que está a obter assinalado êxito, devido ao nível técnico e artístico atingido. O público tem sabido também corresponde rao grande esforço das entidades organizadoras — a Câmara Municipal de Sintra e as suas Comissões de Turismo e de Arte e Arqueologia—, que se preocuparam com a escolha criteriosa de um escol de artistas dos mais representativos.

Às 21 e 30, The Anglian Chamber Soloits (London), conjunto prestigiado pela invulgaridade do seu nível técnico indiscutível, como se terá oportunidade de concluir a interpretação do seu programa, far-se-á ouvir em peças de J Copário, Dowland, Anónimo, Haendel e Purcell.

Amanhã, no Teatro «Carlos Manuel, em Sintra, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dará um concerto de música portuguesa e brasileira, sob a direcção do maestro Manuel Ivo Cruz, sendo solista a pianista Dinorah Leitão, na interpretação de obras de Camargo Guarnieri, Ivo Cruz e Joly Braga Santos.

Fernando Manuel (um cançonetista moçambicano) lançado na África do Sul

JOHANNESBURG, 22 — (A. N. I.) — Fernando Manuel, um jovem cançonetista moçambicano, foi convidado a gravar quatro discos para a R.C.A. sul-africana, em Johannesburg.

Três discos de 45 rotações e um «long playing» contendo as doze canções dos três primeiros serão lançados no mercado, possìvelmente ainda este mês. Seis das canções são de autoria de Fernando Manuel, que escreveu a musica e a letra com a colaboração de Valdemar Jacinto, um universitário de Lourenço Marques.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para sua deslocação, utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

em CANTANHEDE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFE CENTRAL LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

bom apetite

BÓLIDE
AV. DE ROMA, 7-A — TELEF 763522
Cervejaria / Snack-Bar / Restaurante
PISTAS DE BOWLING
(De Utilidade Turística)
Reabriu profundamente remodelado
Servem-se
ALMOÇOS, JANTARES, CEIAS
Serviço especial de Banquetes e Casamentos
Ar condicionado/Aberto até ás 3 30 h

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144
(Ao Campo Grande)—Telef 79 02 11
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

COZINHA ALENTEJANA
SERVIÇO DE ALMOÇOS NO JARDIM
ENCERRA ÀS 2.ªs-FEIRAS
Av. do Aeroporto, 162—Telf. 727071

Café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 67229-666532

PHILIPS serviço
SERVIÇOS TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.
Mão de obra especializada • Acessórios de origem
REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
TELEFONES { LISBOA: 38 28 44 / 68 31 21 / 56 02 00 / PORTO: 3 50 68 • FARO: 2 38 99
QUALIDADE • SERVIÇO • GARANTIA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Bocage, alma sem mundo» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O fusível» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos)

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Quo Vadis» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «A volta do pistoleiro» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A minha ultima condessa» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Os prazeres de Penélope».
OLIMPIA — Às 19: «Heróis esquecidos» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Alta batota» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Elas são mais perigosas» (17 anos).
SALÃO LISBOA — «Missão em Hong-Kong» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — «Amar um desconhecido» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 15: «Silvia» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Quando o mundo nasceu» (17 anos).
ORIENTE — Às 21 h.: «Os insaciáveis» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Febre de dinheiro» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A velha ama» (17 anos).
CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «O grande atirador» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Quatro crimes por ciume» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Marnie» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Espia em calcinhas de renda» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Tiro de aviso» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Um homem e uma mulher» e «Enigma» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Rebelde até ao fim» (12 anos).

● Na Linha de Sintra

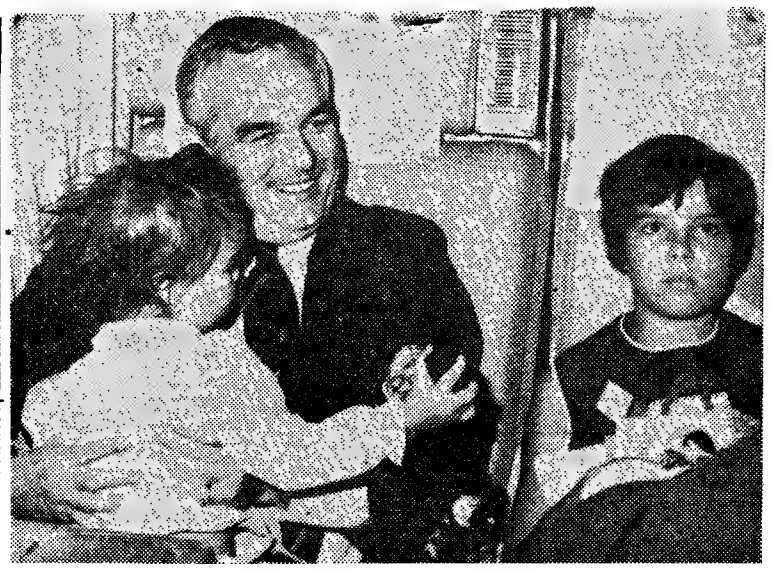
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A leste do Paraíso» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «5000 dólares vivo ou morto» e «Os rendez-vous do sr. doutor» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Os fugitivos de Sing-Sing» e «Casca de banana» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Dois espiões de guarda-chuva» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Sem consciência» (17 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 30: «Quarto para dois» (17 anos).

Incêndio num eucaliptal em Meleças (Cacém)

Esta manhã, cerca das 11 e 30, manifestou-se violento incêndio num eucaliptal em Meleças, entre Algueirão e Cacém, próximo do Colégio Vasco da Gama As chamas atearam-se com grande intensidade, provocando um clarão que se vislumbrava em toda a região de Sintra e causando grande alarme nas povoações vizinhas

Pedidos os socorros dos bombeiros, compareceram rápidamente no local as corporações de Algueirão-Mem-Martins, de Sintra e de S. Pedro de Sintra, que conseguiram circunscrever o sinistro ao local onde as chamas se havia propagado, isolando o resto da área. Cerca das 14 horas, o fogo considerava-se dominado, continuando todavia a extinção dos focos.

As chamas consumiram grande quantidade de eucaliptos e causaram outros prejuizos. Aquelas árvores haviam sido ainda recentemente vendidas desconhecendo-se a origem do incêndio A população de toda a zona está ainda sob o cheiro sufocante do fumo.



Ranier, com os filhos, a bordo do avião

O PRINCÍPE RANIER (COM DOIS DOS SEUS FILHOS) PASSOU POR LISBOA

Acompanhado de dois dos seus três filhos, o príncipe Ranier, de Mónaco, passou esta tarde por Lisboa, num avião da PAA, em trânsito para Nice.

Sua esposa, a princesa Grace, e o terceiro dos filros fazem a viagem noutro avião, por motivos de segurança, devendo também regressar a Mónaco dentro de algumas horas.

Ranier, Grace e os três principezinhos estiveram numa longa visita ao Canadá e Estados Unidos, onde a princesa sofreu um acidente que a levou a permanecer algumas semanas numa clínica.

O príncipe Ranier, com quem viaja também a «nurse» das crianças e um secretário, não quis sair do avião durante a sua curta permanência no nosso aeroporto. Manteve-se a bordo entretido com os dois filhos, a um dos quais — a princesa Carolina — o cônsul do Mónaco em Lisboa ofereceu pequenos bonecos regionais portugueses.

Matou a irmã (a quem esmagou a cabeça) por esta não aceder às suas intenções malévolas

Maria do Carmo

O pintor António Afonso, de 42 anos, nascido em S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, há já muito que residia no Cacém, na Rua da Padeirinha, n.º 21. Homem de poucas falas, jamais conquistara a amizade dos vizinhos.

O seu carácter, azedo por natureza, ainda pior se tornou quando a mulher lhe morreu.

Porque lhe não bastasse a companhia de um filho, António Afonso resolveu ir buscar á Covilhã uma sua meia-irmã de nome Maria do Carmo, de 51 anos, casada com o sr. Francisco Sobral, reformado da C.P., de cerca de 70 anos.

Efectivamente, o casal veio habitar uma dependência anexa á do viuvo de mau carácter.

António Afonso, que alimentava propósitos malévolos, começou a perseguir a meia-irmã, dizendo-lhe que eram «quase como primos».

Maria do Carmo, todavia, oferecia resistência a tais propósitos, pelo que as relações entre os dois se foram azedando cada vez mais.

Esta manhã, pelas 7 horas, quando Maria do Carmo atravessava o quintalito fronteiro á humilde residência para dar pasto a uma cabrita, apareceu-lhe o meio-irmão com a mesma insistência inconfessável.

— Malandro! Malandro! — foram as ultimas palavras da pobre mulher.

Exasperado, António Afonso, munido de um «arranca-pregos», vibrou-lhe uma pancada na cabeça.

Maria do Carmo caiu por terra e o criminoso esmagou, então, a cabeça da sua vítima com repetidas pancadas dadas com o ferro.

Depois, escapuliu-se dali e foi para a estação do Cacém, onde adquiriu dois bilhetes para Lisboa. Sucedeu, contudo, encontrar-se na estação uma patrulha da G.N.R. local — e António Afonso, atormentado pelo remorso, resolveu, então, entregar-se ás autoridades.

O cadáver de Maria do Carmo foi transportado para o cemitério de S. Marçal, sito em Sintra — e o criminoso encerrado na cela do posto da G.N.R. do Cacém.

A mãe de ambos vivera com dois homens, sendo o pai do criminoso um indivíduo de nome José Afonso.

O marido da assassinada

Um cunhado da vítima, Alexandrino Jorge, aponta o local onde a pobre mulher ficou estendida

MINISTRO DO ULTRAMAR

O ministro do Ultramar recebeu, esta manhã, em audiência de trabalho, os srs. comandante Sacramento Monteiro, governador de Cabo Verde, e dr. Costa e Oliveira, secretário provincial de Economia de Angola.

Schramme pretende um salvo-conduto — segundo Kinshasa

BRAZZAVILLE, 22 — (R.) — O major Jean Schramme, chefe dos mercenários brancos que ocupam Bukavu, estaria disposto a chegar a um acordo com o Governo congolês, para poder sair livremente do Congo, segundo a emissora e a Imprensa de Kinshasa.

Os jornais congoleses dizem que o major Schramme teria enviado uma mensagem ao ministro congolês dos Negócios Estrangeiros, Bomboko, por intermédio do nuncio-apostólico em Kigali, capital do Ruanda.

Bomboko regressa esta noite a Kinshasa, depois de visitar o Ruanda e o Burundi, apresentando então ao presidente Mobutu a mensagem do major Schramme.

Segundo as mesmas fontes, Schramme espera que o presidente Mobutu lhe dê um salvo-conduto, garantindo-lhe liberdade de passagem para qualquer país que esteja disposto a recebê-lo, bem como aos seus homens.

Rádio de Kinshasa afirma que os mercenários se declararam dispostos a um acordo de tréguas, em consequência dos ataques aéreos efectuados pela aviação congolesa a Bukavu e acrescenta que o Governo exige a rendição imediata e incondicional de todas as forças sob o comando do major Schramme.

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A CAMISOLA AMARELA CONTINUA NA POSSE DO BELGA MONTEYNE

(Continuação da 1.ª página)

ta», como sejam as que porventura venham a prender-se com os horários escolhidos para a efectivação das caminhadas sob a ameaça de calor tórrido.

O tiro da partida foi dado pelo dedicado correspondente do nosso jornal em Beja, Melo Garrido.

No primeiro quilómetro, ensaiaram uma «fuga» quatro corredores: Américo Silva e Francisco Valada, ambos do Benfica. Vítor Tenazinha, do Sporting, e Mário Sá, do F. C. Porto. Chegaram a conquistar um minuto de avanço sobre o pelotão mas este, 17 quilómetros volvidos fez prevalecer a sua vontade.

À passagem por Vidigueira: 10 e 42. E, á saída daquela terra, sairam, bruscamente, do pelotão Vítor Tenazinha, do Sporting, e Pedro Moreira, do Benfica, que rápidamente conquistaram a vantagem de 1 m. e 32 s.

A meta volante, á entrada de Portel, distava uns 14 quilómetros da Vidigueira. Cortou-a, em primeiro lugar, Pedro Moreira, com 57 m e 38 s. de marcha, batendo, por conseguinte, o horário previsto pela organização. Nessa meta volante, o pelotão perseguidor passou com 5 m. 40 s. dos dois «fugitivos». Sensacional...

Em plena estrada, inquirimos de Pedro Moreira as razões que determinaram tão temerária e audaciosa «fuga» no começo desta longa caminhada. Com a maior sinceridade, o ciclista do Benfica confidenciou-nos:

— Foi por engano! Eu e o Tenazinha, uma vez chegados á Vidigueira, pensávamos que estava próxima a meta volante, na qual havia prémio a disputar Mas ainda faltava um bom bocado...

E lá prosseguiu, ele e Tenazinha, no seu esforço extemporâneo...

A verdade é que em São Manços, a 59 quilómetros da partida e a... 159 da chegada, os dois «fugitivos» já haviam aumentado o seu avanço para... 6 m e 20 s. Verdadeiramente sensacional... Com 11 m e 36 s. de prova, os dois surgiram, em bom andamento, parecendo insensíveis ao calor, em São Manços.

No pelotão perseguidor, naquela localidade, viam-se os homens da Flandria no comando das operações.

O mais curioso é que nesta altura, conquistada tal vantagem, a camisola amarela já estava plenamente ao alcance do sportinguista Vítor Tenazinha...

A tirada prometia. Mas faltava ainda muito para o seu termo...

Avanço aumentado em Évora

À saída de Évora, depois de terem recebido o abastecimento, Vítor Tenazinha e Pedro Moreira surgiram ás 12 e 12 e haviam conseguido aumentar o seu avanço para 6 m. e 50 s.

O pelotão rodava muito unido ainda.

Mais uma desistência

Em corrida sob calor escaldante, com 90 quilómetros de marcha, registou-se a desistência do belga Furnière. Queixava-se de dores no estômago e o médico da «Volta» aconselhou-o a abandonar a prova.

No pelotão, os homens da Flandria «martelavam» na frente. Comandavam, pois, a perseguição.

Na vanguarda, verificava-se que apenas Vítor Tenazinha «puxava». Pedro Moreira parecia agora alheado do seu cometimento.

Em Redondo, ambos surgiram ás 13 e 9, com avanço, portanto, sobre o horário previsto.

Tenazinha, primeiro no prémio da montanha

Na Aldeia da Serra (serra de Ossa), mais uma contagem (esta de 3.ª categoria), para o prémio da montanha.

Vítor Tenazinha cortou-a em 1.º lugar, com 3 h. 25 m. 02 s. de prova — e também com avanço sobre o horário previsto.

Pedro Moreira, que ostensivamente renunciou ao «sprint», nessa altura, ficou em 2.º lugar.

Apareceu depois o pelotão, ás 3 h. 30 m. 20 s. Na referida meta para o prémio da montanha, as outras classificações foram as seguintes:

3.º, Leonel Miranda (Sporting); 4.º, Manuel Correia (Sporting); 5.º, Herculano de Oliveira (Sangalhos) e 6.º, Sérgio Páscoa (Sporting).

Mais um posto de abastecimento em Estremoz, a 77 quilómetros da chegada.

Naquela cidade, o avanço dos dois «fugitivos» continuava a diminuir, pois cifrava-se agora, em 5 minutos.

V. Tenazinha teve um «furo» a 10 quilómetros da meta

A caminho de Monforte, o calor continuava a ser um flagelo para os corredores. Faltavam 49 quilómetros para o fim da tirada e a perseguição aos dois fugitivos continua a fazer-se entusiásticamente. Dois minutos e cinquenta segundos separavam enão P. Moreira e V. Tenazinha do grosso do pelotão.

Os dois «fugitivos», esforçando-se por conservarem a sua posição, deixaram para trás Portalegre eram 15 e 30. A 10 quilómetros da meta, Vítor Tenazinha sofreu um «furo», tendo Pedro Moreira prosseguido a «fuga» que lhe permitiu chegar isolado a Castelo de Vide

Foi-lhe creditado o tempo de 5 h. 58 m. 50 s.

2.º	Leonel Miranda (Sp.)	6 00 32
3.º	Fern. Mendes (Bf.)...	m. t.
4.º	Manuel Correia (Sp.)	6 00 39
5.º	Monteyne (Fl.)	m. t.
6.º	J. Andrade (Sang.)...	m. t.
7.º	Alb. Carvalho (FCP)	m. t.
8.º	Joaq. Leão (FCP) ...	m. t.
9.º	Sérgio Páscoa (Sp.)...	m. t.
10.º	Houbrechts (Fl.)	m. t.

seguidos de um numeroso pelotão.

V. Tenazinha chegou com o atraso de 4 m 28 s.

A média do vencedor foi de 36,451.

CURSO COMERCIAL

NOCTURNO

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS NO

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 40297

ENTREVISTA COM CASIMIRO DE BRITO

Um nome: Casimiro de Brito. Uma obra constituída por seis livros de poesia até agora publicados, quase todos desconhecidos do leitor comum, á excepção talvez de «Canto Adolescente» — que apareceu em «Poesia 61». O último, «Jardins de Guerra», é o primeiro a entrar para um largo circuito editorial — uma oportunidade para, através da sua leitura, se conhecer a voz de um autêntico poeta.

Casimiro de Brito vive em Faro e a sua obra era já um dos pontos de referência da jovem poesia portuguesa. «Jardins de Guerra» é poesia bela, ardente, entusiasta, poesia que se exige fundamentalmente objecto de comunicação depois de aturado e exaustivo exercício de linguagem. Um trabalho oficinal que demorou nada menos que três anos... Casimiro de Brito é um poeta ainda muito jovem, pois nasceu no Algarve, em 1938. Tem anunciados entre outros, um livro de contos, uma antologia de «Poemas Públicos» além de outro livro de poesia — «Negação da Morte».

Esta entrevista foi-nos proposta (ou, mais que proposta — imposta) pela necessidade premente que todos nós sentimos de diálogo, e parece-nos que seria de todo o interesse trazer, de vez, em quando, um poeta, um escritor, um artista, a este suplemento... Para já, desnecessário acrescentar mais o quer que seja acerca de Casimiro de Brito. Melhor do que nós, as suas palavras saberão chamar a atenção dos leitores do «Juvenil» para «Jardins de Guerra».

— *O que significa, para ti, escrever poesia?*

— Adolescente, a poesia foi, para mim, uma maneira de me sentir acompanhado, um lugar onde fixei (por necessidade) as minhas aspirações, as minhas dúvidas, a minha confiança incipiente nos homens e no seu mundo. Nesse tempo a linguaem eclodia de uma vontade ingénua de «cantar». Depois, com o convívio dos poetas e dos críticos, a poesia apresentou-se-me como intensão de criar objectos autonómos, cristalizados, cristalinos. Foi a zona oficinal de «Poesia 61» e dos «Telegramas». Claro que o germe da comunicação permanecia — mas o poeta enrolava-se com os seus instrumentos, aperfeiçoava-os e nem sempre olhava de frente o Sol. Depois, foram anos de exílio na serra do Algarve — a solidão mais crua, um certo terror, a irreverência agora mais consciencializada, tornaram o poeta humildade e mais atento ao mundo dos outros. A comunicação tornou-se uma exigência primordial e o escrever poesia mais difícil do que nunca (mais do que nunca dar tudo em troca de coisa nenhuma) porque além de fazer-se entender era agora também indispensável ao poeta afirmar uma voz diferente (não está em questão, claro, saber-se aqui se consegui ou não o que pretendi).

— *Em epígrafe do teu último livro citas Valéry: «A construção de uma linguagem dentro da linguagem»; mas acrescentas, de Eliot: «A linguagem de uma pessoa que se dirige a outra». Os quatro primeiros poemas são como que o enunciado de uma «auto-poética». Que valor atribuis aqui à linguagem?*

— O poeta deve ser, simultâneamente, um especialista da **comunicação** e da **antecipação**. Se é, mais do que nunca, fundamental, a sua missão na sociedade, não o é menos a sua missão como renovador da linguagem. O poeta foi dotado de uma voz original, de uma maneira diferente de estar no mundo, de uma sensibilidade susceptível de extroversão — e essas faculdades deverá utilizá-las em objectos públicos (os poemas), em palavras que levantem os pássaros do pântano, que denunciem a corrupção, que investiguem as possíveis liberdades, que mitiguem as angústias do tempo. O poeta deverá escrever poemas que sejam tão úteis como o pão — e se tiver conseguido impor essa utilidade terá escrito boa poesia, terá sido útil á sociedade, terá «comunicado». Por isso, tal como pretende Evtuchenko,

(Continua na 3.ª página)

Poema

inércia voluptuosa de à noite não querer dormir
e ficar levantado até de madrugada a escrever versos

ah como sabe bem deitarmo-nos depois de dever
[cumprido
meia-dúzia de poemas profundos e significativos
daqueles que resolvem todos os problemas
e revolvem o mundo

doce inconsciencializar lânguido morno adormecido
contorsão facial em bocejo risonho

humanidade
espera só mais um pouco
deixa o poeta acabar de se espreguiçar

ANTÓNIO AFONSO

Diário de Lisbôa

N. 534

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

SOBRE J. KRUEL BREVEMENTE

A. — Quando cheguei, o Zé estava acabando o treino e, entretanto, sentei-me na cantina e bebi um pouco de leite. Quando, por fim, ele veio, disse-lhe:

— Vamos jantar em Algés, por exemplo. Depois temos uma «história» mais adiante.

Ele respondeu-me e creio que foi: «Está bem. Que história tens hoje por aí?», mas também podia ter dito simplesmente: «Que história há hoje no saco?».

Fomos jantar e houve uma rapariga que disse ao Zé:

— Olá, que tal?

Ora bem. Esta jovem tinha um comportamento fascinante e estive reparando nisso até que ela se despediu:

— Prazer em ver-te — disse ela, e o tipo disse: «Igualmente», e ficou a olhar para mim.

— Quando escreves nesse caso o artigo?

Eu disse:

— Amanhã. Preciso de ti para isso, claro. Vais faltar ao treino.

O Zé ficou chateado:

—x—

B. Chegámos pela meia-noite, talvez, e chovia e trovejava como o diabo. Apercebi-me disso súbitamente e chegavam pessoas a todo o tempo. Havia um oficial de meia-idade e os seus olhos eram extraordinàriamente calmos, o que me provocou estranheza (¹).

Foi apenas ás três da manhã que encontrei de novo o Zé e brindámos uns momentos, muito sérios, antes de nos perdermos de vista. Depois surgiram uns tipos agradáveis mas começaram atirando almofadas e gabardinas por todos os lados e eu disse:

— Estejam quietos, caramba!

Claro que continuaram brincando e eu dissera: «Oh! Que chatice!» e depois fiquei em silêncio.

Saímos de lá ás cinco horas e perguntei a um polícia o caminho da estação.

—x—

C. Tomámos então o comboio das 5 48 para Lisboa. Entrámos no primeiro autocarro que vimos mas não nos pudemos sentar no piso superior pois as luzes estavam apagadas. Achámos isso estranho e desconfortável e ficámos em baixo.

Quando o motorista pôs o carro a funcionar, as luzes quase se apagaram e então o Zé disse-me:

— É isso. A bateria do carro está fraca.

«É isso, então», pensei. Calei-me e recordei de súbito: «É isso: o vento sopra de onde quer».

LUÍS FILIPE CASTANHEIRA

OS MESMOS DIAS CINZENTOS

Para lá la janela estende-se a imensidão nevoenta do rio e das margens indefinidas. A chuva miudinha acinzenta as ruas e as casas e faz mais igual e triste a cara das pessoas. Sadie pára de varrer e fica a olhar distante o largo fronteiro ainda mal iluminado pelo dia nscente. Segura distraidamente a vassoura, a chuva deposita-se nas extremidades do cabelo como lendeas brilhantes. Daqui a pouco, como sempre, soará a voz rouca do tio, ainda mal desperto («Sadie, Sadie! O meu colete, onde raio puseste o meu colete?»). Depois, Sadie tem ainda que ir ao mercado. Já há muito que todos se habituaram a vê-la passar sempre á mesma hora, sempre a mesma figura cinzenta e silenciosa. Os cabelos negros escorridos, as meias escuras de lã, os sapatos grosseiros, quase masculinos, a saca de verga para as compras. Sadie é sempre igual, cinzenta e triste como iguais, cinzentos e tristes são os seus dias. A volta terá á espera, impaciente, o pequenito, abraçado ás suts pernas.

— «Mia, ó Mia».

Chamava-lhe Mia. Sadie gostava dele, muito dele, trazia-lhe sempre alguma coisa do mercado, alguma guloseima.

— «Mia, trouxeste para mim, ó trouxeste?»

— «Trouxe, nino, trouxe. Anda, deixa-me mexer».

Antes que recomece o varrer, Sadie fecha a janela devagar, com os seios encostados aos vidros frios, duros, de caixilhos enormes e grosseiros. Sadie recorda tudo o que aconteceu na noite anterior. Sabe as palavras exactas que foram pronunciadas. Nunca as poderá modificar. As palavras são como pedras, com asperezas inesperadas que moldeam o conjunto como querem. Contudo, dentro do seu coração Sadie guarda as palavras que não foram pronunciadas. Talvez nunca saiba porquê.

Como sempre, Rik parara a carroça junto á janela onde ela estava.

— «Aí-i-í!»

Ficaram, como habitualmente, a olhar um para o outro. Do rio subia uma aragem húmida que inquietava os cavalos. Sadie podia perceber a silhueta do maior a agitar-se suavemente. Em toda a rua ressoava o som pesado, quase ritmado, das ferraduras batendo no empedrado irregular da rua. Sadie podia ainda ouvir o ressonar calmo e profundo do tio no quarto contíguo. Sabia que Rik estava impaciente. Gostaria de o ver claramente nessa altura.

— «Sadie».

— «Vieste tarde, Rik».

— «Sadie».

— «Diz...».

— «Vou-me embora».

— «Vais embora, já?! Então...».

— «Não, Sadie, tu também podes vir. Já te disse que tenho casa certa... trabalho não falta. Se quiseres podes vir».

— Quando vais?».

— «Amanhã de manhã... também podes vir, Sadie. O teu tio não precisa de ti para nada. Ele pode bem casar-se com a mulher.

— «Porque não me avisaste, Rik».

— «Tens que resolver, Sadie. Se tu não vieres comigo... mas tu é que resolves».

Diante de Sadie ficara a mesma noite imensa acinzentada de sempre. Era já bastante tarde. Sadie lembrara-se que teria que se levantar bem cedo para varrer a casa antes do tio acordar. Depois teria ainda que vestir o pequenito e ir ao mercado.

— «Sadie, ainda estás a pé, Sadie».

— «Já vou».

— «Sadie, acende a luz! Onde está o meu licor, onde raio puseste o meu licor?».

A noite continuava triste, imensa e cinzenta quando Sadie voltara para a janela. Na rua, o vulto escuro de Rik oscilava levemente, devido ao nervosismo dos cavalos. A aragem era cortante.

— «Sadie».

— ...

— «Sadie, estás aí?».

— «Diz, Rik».

— «E então que resolves?».

— Rik, eu não sei... eu queria ir».

(Continua na 4.ª página)

PANORAMA

REGISTADOR

Entramos no cafe. Vamos cheios de sede, doem-nos as pernas por causa deste «passo de museu», o unico das horas de ponta. O empregado tem um ar cansado, um ar antipático. Não nos ouve por inteiro. Há todo um protesto de «estar-se nas tintas» quando atira com o copo de água para cima da mesa. Embora nem sempre seja a atitude a tomar, encolhemos os ombros e calamos um reparo. Que talvez nem sequer fosse fora de propósito. Que talvez fosse justo. Mas há qualquer coisa que nos escapa e isso é o que está por detrás de uma cara aborrecida de empregado de café. Uma crónica do «Comércio do Porto», 1/VIII/67, vem dar-nos alguns esclarecimentos a propósito da situação destes homens:

Com ordenados mensais que vão desde 120$00 a 200$00, muitos empregados de café nesta cidade têm a sua principal fonte de subsistência na gorgeta, que não passa de uma forma vexatória remnuerar a laboriosa função que desempenham á custa de trabalho incansável e esgotante. Esses empregados, que embora auferindo tão irrisórios vencimentos, efectuam os descontos legais sobre o valor de um ordenado ficticio de 450$00, estão agora em face de um novo problema, cuja solução se afigura muito difícil e complexa. Irónicamente, um direito que lhes foi conferido — o das férias pagas — está em vias de transformar-se num verdadeiro castigo. Sendo o seu vencimento mensal de 200$00, como será possivel a estes empregados governarem-se durante os dezoito ou vinte e um dias de férias com cerca de 6$00 diários, se não podem trabalhar e, consequentemente, receber gorgetas, que formam a parte substancial do seu ordenado?

Este é um dos problemas que preocupam o empregado que quase nos maltrata. Saibamos, contudo, antes de reclamar, que não lhe pagam para nos atender.

DISTINÇÃO IMPORTANTE

As estatísticas são bem claras. A sociologia não as desmente, aceita os seus dados e procura trabalhá-los, nessa possibilidade tão dos nossos dias, de prever o futuro e de jogar de acordo com os seus condicionantes, dando a ilusão de o dominar. Neste sentido fazem-se constantemente sondagens, sondagens de opinião, sondagens de hábitos de consumicos, políticos e demográficos Neste ultimo campo, as tão preciosas estatísticas mostram um crescente aumento da população juvenil, que concentra, em certos países, desde muito cedo, uma notável força económica e um disputável poder político, a par das potencialidades naturais que sempre foram muito invejáveis.

Oro sendo esta influente massa uma grande parcela das sociedades, mais a mais facilmente dirigível, não é de espantar que certos grupos se mostrem interessados em captar o seu apoio. O disco e a imagem são óptimos meios de lançamento de nomes, que depois de fixados pelo público, são novamente ouvidos e vistos como atracções de empresas comerciais É o caso de vedetas que depois de lançadas abrem a sua «boutique» e esperam por detrás do balcão que a sua condição de «ídolos» se torne ainda mais rentável.

E enquanto a sua influência se fizer sentir no sector privado, daí não virá grande mal ao mundo. Mas ao que parece, novos métodos têm sido postos em prática para fazer render a publicidade e a idolatria junto das camadas mais jovens. Ilustra-os a seguinte notícia publicada no «Diário de Lisboa» de 18-7-967: **Uma vez conquistado o público do «Music-hall», o cançonetista Johnny Halliday prepara-se para conquistar os sufrágios dos eleitores corsos: aceitou a proposta de Antoine Pagni, presidente do município de Pietroso, para se candidatar às eleições municipais parciais naquela localidade.**

Do disco para a política, apenas um salto. Curiosa seria a análise criteriosa das condições que o possibilitaram e dos meios utilizados para tal fim

E, já agora, quem fala do disco e da imagem, fala de muitas outras coisas. A divinização da pessoa atingiu tal foro de respeitabilidade que quase seria lícito pensar nas histórias de Supermen como relatos de antecipação sociológico-científico. Para onde vamos? É que importa distinguir entre **«aproveitar a juventude»** e **«aproveitar-se da juventude»**.

Diario de Lisboa

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

LIÇÕES DE GRAFOLOGIA

«O Castanheirense» publicava no dia 31/VII/67 um artigo chamando a atenção dos seus leitores para as possibilidades da Grafologia Dele salientamos:

...Assim, as pessoas que cortam o «t» com traço igual em todos, direito e de comprimento regular indica vontade forte, equilibrada; se corta o «t», com haste para cima é pessoa optimista, positiva, se o corta com a inclinação para baixo, é pessimista; deverá, portanto, cultivar o optimismo, a confiança, a certeza de que tudo irá correr bem e crer que Deus está ao leme de tudo e que, embora muitos aspectos estejam mal, a vitória das Forças do Bem e da Justiça vencerão; deverá atrair para si, por isso, as Forças Criadoras do Universo; se corta o «t», com um traço fraco indica pessoa de débil vontade, deverá cultivar esta qualidade, dizendo todos os dias por exemplo: «Hei-de vencer», ou «Querer é poder» ou para a frente é que é o caminho e para cima, exercitando-se com pequenos exercícios como pôr um chocolate na secretária de trabalho e não lhe tocar ou um copo de vinho á refeição e não beber, etc.

Também a forma como se coloca os pontos nos «i» e no «j» nos indica se a pessoa é ordenada ou não.

Assim se põe o ponto no seu lugar, i. indica que a pessoa tem ordem, nas suas coisas; se coloca mal, indica que é um desordenado, deverá aprender que cada coisa tem o seu lugar certo ou melhor «cada coisa do seu lugar», «cada coisa de sua vez» doutra forma perderá tempo á procura dos objectos, consumirá os nervos, etc.

RECORTES

Era seguida por mais de uma centena de pessoas nas ruas de Luanda e foi por isso detida por um polícia a professora de línguas Sara Gonçalves Faustino. O motivo do cortejo e da prisão constituiu, apenas, a mini-saia que a senhora envergava.

Diário de Coimbra, 5/VIII/67

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Porque o incremento do desporto em Portugal nos parece assunto importante e urgente, dada a sua reconhecida qualidade de índice de progresso social é com grande prazer que PANORAMA regista alguns pontos do programa que a Comissão Organizadora dos IV Jogos Juvenis do Barreiro nos enviou:

— Os Jogos Juvenis do Barreiro decorrem este de 1-VIII a 30-IX;

— Neles participam 33 clubes, em quinze modalidades;

— Os concorrentes, divididos em vários escalões, têm idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos (raparigas) e 8 e 18 anos (rapazes).

DEFININDO LIMITES

Usualmente há quem apelide de yé-yé a música moderna, termo este, que pela flexibilidade ao seu emprego se torna de certo modo inextensivo a qualquer composição musical. E assim o yé-yé surge-nos como uma deturpação da musica moderna, em que a mediocridade da composição é abafada por gritos histéricos e excitantes que incutem no ouvinte, em regra adolescente e influenciável, um estado de espírito que o impede de fazer qualquer apreciação ao que lhe incutem como musica moderna.

A musica moderna tem o sabor da época electrónica, tem o dinamismo característico do mundo moderno, tem também a arte e não em menor escala do que aquela que tiveram as composições de Bach e Beethoven, mas simplesmente diferente. Se é certo que há cantores em que a pseudo-arte é coberta pela palhaçada, há também conjuntos em que a licenciatura dos seus elementos pelos conservatórios não deixa duvidas quanto á sua competência.

De um artigo assinado por «Um grupo de jovens», no jornal «Notícias do Cartaxo» de 22-7-67.

TRÂNSITO

Cada cidade espanhola de mais de 50 000 habitantes terá pelo menos um parque especial para o ensino das regras de trânsito às crianças. Presentemente já existem equipas móveis de instrutores que se deslocam através do país, ensinando às crianças as regras de circulação e o comportamento nas vias públicas.

(Revista do A. C. P., Maio 67)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

De uma entrevista do «Notícias de Setubal» no seu numero de 5/VIII/67, reproduzimos a resposta do cavaleiro João Branco Núncio á pergunta *«Para ser toureiro a cavalo, pode ser qualquer um, desde que pratique, ou já se nasce toureiro?»*

— Não, para ser toureiro é preciso ter garra e sobretudo «aficcion». Não é só pela preparação que se toureia. No verdadeiro aspecto da palavra, tem que se ser também moralmente toureiro. É necessário associar o saber com o espírito.

EDITORIAL PUBLICADO

Torna-se indispensável que as gerações imaturas comecem, desde a escola primária, até ás escolas superiores, a «viver» e a «sentir», em profundidade, os grandes e os pequenos problemas nacionais, passados e presentes. Não basta exaltar as glórias e as grandezas, autênticas ou lendárias, da Nação.

(...) Constitui erro, de consequências lamentáveis, levar as gerações novas a contemplação estática e estéril dos problemas, e nada mais. Assim, criar-se-ão atitudes psíquicas messiânicas, levando as consciências a esperar, para esses problemas, soluções mirificas.

Não é este o caminho. Os problemas portugueses são, como todos, bivalentes: têm valores positivos e valores negativos. (...) O que importa é fazer desabrochar, entre os portugueses, o desejo activo de conhecer os problemas lusíadas, quer positivos, quer negativos, a fim de, sobre eles, erguer um Portugal estrutural e essencialmente português.

(...) É preciso ter coragem de focalizar bem (com lucidez, serenidade e decisão) a realidade nacional, considerando, depois, as respectivas possibilidades.

Dentro desse conjunto é que será indispensável procurar e encontrar soluções portuguesas, embora enquadradas na respectiva época, e tendo em linha de conta a lição útil do estrangeiro.

(De um artigo do dr. Mário Gonçalves Viana, publicado no jornal «Beira-Baixa», de 16-7-67)

APONTAMENTOS DOS DIAS QUE ACABAM

Por Palminha e Silva

Tem prazeres também a des-
[ventura:
A própria carrancuda adver-
[sidade
Sorri co'a esp'rança que lhe
[luz futura.

ALMEIDA GARRETT

1

Hoje, como todos os dias, a cidade é um enorme bolo seco, caiado com claras de ovos. Só os homens a rastejam incoerentes de não se sentirem alados. Cada pedra é uma carpideira muda que nos conduz á miragem secular. E tornamos a passar exteriormente, sem nos maternizarmos, sem nos comungarmos na aridez morna dos ventos que nos sopram nas faces congestionadas com o medo de estarmos vivos. Quem somos afinal? Ah! Em cada um de nós existe um preconceito de maltez, emigrante, romeiro da própria terra. Cada diálogo que bocejamos é um apelo repetido a outros ecos de iguais apelos. Nem nos dias em que o astro se esconde num festival em turbilhão, feito com nuvens por agarrar, nos sentimos miradores da plenitude. Rasguemo-nos, se bem quisermos, mas o rasgo provoca a ferida, a ferida o sangue, que se esvai para o solo a pulsar de avidez. Era preciso um sacrifício bíblico, de multidões, para o saciarmos...

2

Habita em mim outro individuo. Cavo dentro da minha caverna, mas só lhe consigo apanhar os utensilios da minha destruição. (Ou construção) De noite, embuçado pela sombra dos bronzes dos sinos que tocam, visita-me, mas não se dirige ao interior da minha existência. Há dias em que consigo percebê-lo. Agita-se nos lugares por onde passo ou passei; convida-me. Sei que me desafia para fora, para a rua. Talvez me pretenda bater com a multidão, com o resto que não vegeta. Outros dias, agoniado, vomito-o ás golfadas, cresce no chão, toma forma alada e gira á minha volta rindo de me ver fugir.

Ontem falei com ele pela primeira vez; era eu nos papéis rabiscados. Li o que me comunicava através das horas passadas:

«A estrada estende-se poeirenta e infindável. No sol disperso pela terra da ilusão, vivem calores asfixiantes as plantas, os homens e todas as coisas em geral. Entretanto a estrada estende-se infernal. Seca. Sem pontos de referência, como os enormes sonhos em que se corre sempre sem passar do mesmo sitio. Tu estendes os teus passos viris, de uma rijeza irregular, própria a todos os jovens-homens que procuram uma verdade isoladamente, com calor; espírito aberto ao sabor da razão de determinada solidão. Pensas se a tua peregrinação poderá ser conhecida dos outros e, misto de aventura e autodestruição, não obstante permaneces intolerante de outros incomunicáveis...»

3

Trago nas mãos, engadanhadas de ternura, o hálito verde

(Continua na 3.ª página)

A CARTA DA SEMANA

Lisboa, uma hora da manhã de um dia de exame, que mais tarde se verificou ter sido desastroso.

Meu caro sr. Mário Castrim:

Não devia ter começado por lhe endereçar esta carta a si, visto que primeiro que tudo quero agradecer ao «Juvenil» o convite que me fez para ir à Casa da Comédia. Sabe, tive pena de não ter ido, mas que havia eu de fazer?, estava de cama doente e com uma disposição bárbara.

Depois, vieram os exames e só agora lhe posso agradecer, em especial a si, porque, segundo me parece, o senhor é qualquer coisa como, mais ou menos, o chefe da banda.

Olhe, não sei que lhe dizer. Tenho amanhã exame, não tenho sono nenhum e é uma gaita completíssima.

Sabe que ando contentíssimo? É. Que me lembre, é a primeira vez que isto acontece (não o meu contentamento, mas o que se vai seguir e é daí que vem a minha satisfação). O senhor naturalmente já foi jovem como eu sou. Pelo menos, uma grande percentagem dos «velhos» já foi gente nova. Espero que o tenha sido, porque só assim me posso fazer entender.

Há duas espécies de «velhos» Os que foram novos há, pouco tempo e os que já são velhos há um ror de anos. Praticamente desde que nasceram Quer o senhor esteja incluído num campo, quer no outro, talvez não lhe seja difícil lembrar-se daquela espécie irritante de pessoas (as que são velhas quando nós somos novos) a que eu vulgarmente chamam-me louco por estas e por outras, classifico de profetas. São aquelas pessoas que por serem velhas, se dizem possuidoras de uma grande experiência da vida, de um grande conhecimento da natureza humana e que têm, dizem elas, o dom de uma clarividência a todos os títulos notável.

Mas, o que elas ignoram, é que as pessoas que vivem na realidade todos estes atributos, são aqueles velhos que, apesar de velhos, se mantêm, encantadora e inexplicàvelmente, jovens.

Vou fazer uma pausa para lhe perguntar se, com esta mistura de velhos e novos, novos e velhos, o senhor não está completamente baralhado. Está?

Sabem de tudo, essas gentes. É um espanto. Prevêem as coisas mais variadas com um avanço extraordinário e o que eles dizem é que é. E ai dos familiares e amigos que os têm de ouvir, se as coisas não se passaram como eles predisseram. É um caos.

Lembro-me perfeitamente da altura em que apareceram os «Beatles» (não me diga que não gosta dos «Beatles» senhor Mário Castrim!!!). Eles gritavam, os espectadores gritavam (é o que dizem, que eu nunca ouvi), tudo gritava e os velhos, os profetas, começaram também a gritar, que esta juventude está perdida, que no tempo deles não era assim e todas aquelas coisas que eles têm por hábito dizer em circunstancias idênticas.

É verdade que os «Beatles» gritavam. Mas o que não é menos verdade é que, mais tarde, os «Beatles» deixaram de gritar. Não que lhes faltasse a voz. Não senhor, nada disso. Aconteceu que decidiram remodelar a sua musica (a sua não, senhor Mário Castrim, a deles, «Beatles») e quando o fizeram, remodelaram todas as estruturas da musica moderna. E apareceram então musicas lindas e quando digo lindas, é lindas mesmo que eu quero dizer.

Os profetas riram-se. Riram-se mesmo muito. Cofiaram os bigodes (os que os tinham, é claro) e naquela voz cujo tom é peculiar aos sabedores aos experientes, que falam aos ignorantes (aos novos, em suma), disseram entre dois sorrisos condescendentes (o senhor sabe qual é o tom pausado, leve, falando devagarinho, para que nós, os jovens, não percamos uma só, sim uma só, das pérolas que brotam daquelas bocas que tudo sabem): meu jovem (gostam muito de estabelecer a diferença, de maneira que começam invariàvelmente desta forma), daqui a dois anos já ninguém se lembra desses cabeludos indecentes. No meu tempo... etc. e tal... aquilo que eles dizem sempre a terminar estas conversas.

Eles chamaram-lhes cabeludos (e indecentes, ainda por cima, veja lá uma coisa destas senhor Mário Castrim!), mas hoje em dia devem ser as quatro cabeleiras mais curtas de todo o Reino Unido.

No entanto e é aí que reside a minha satisfação, os «Beatles» andam nisto há uns oito anos o que apenas nos demonstra que os profetas falharam (como de costume, aliás) Os «Beatles» continuam a produzir. Ainda bem, senhor Mário Castrim. Boa-noite

ANTÓNIO BERNARDO

CASIMIRO DE BRITO

(Continuação da 1.ª página)

o poeta deverá lutar pelos seus poemas. Mas também lutará pela liberdade **inovando** criando objectos malditos, esgotando a sua capacidade de loucura. Porque o poeta é também um vidente, um desregrado — e, por vezes, soterrada a inteligência das suas visões, o poeta atinge a clareira da sabedoria. Também essa poesia — chamemos-lhe mágica tem o seu valor social, embora seja acessível a uma minoria. Mas a poesia é feita por todos e não só pelos poetas. No meu caso especial estou profundamente interessado em lutar pelo equilíbrio comunicação-antecipação: sei que estou metido num labirinto, mas um labirinto onde a luz fosse excessiva.

— Como situas «Jardins de Guerra» no conjunto da tua obra publicada?

— Procurei, neste livro, soletrar a lição que me foram os outros. Procurei fazer-me entender, ou melhor: procurei, através de uma linguagem esforçadamente pessoal, levantar a voz de meus irmãos. E quando digo irmãos não me refiro pròpriamente aos homens do meu país, mas aos homens do meu tempo. Este livro não poderia existir sem os outros, do mesmo modo que não poderia existir sem este cada vez mais difícil respirar de ar fresco, sem esta cada vez mais urgente vontade de afirmar que estamos vivos e amamos.

— Últimamente, todos os poetas de «Poesia 61» publicaram livros. Sem querer fazer de ti um crítico — como vês a evolução do grupo a que pertences?

— Tínhamos, então, pouco mais de vinte anos. A poesia era-nos familiar — como nos é familiar o sol, as pedras, o silêncio. Uma coisa maior do que nós: um movimento impreciso e oculto. Começámos então a trocar impressões, a conviver, e nivelar pedras de toque. Verdadeiramente comum era-nos a linguagem. E nela incidimos violenta, virulentamente. Agora sabemos que eram os nossos instrumentos que fabricávamos — mas então empenhámos nesses movimentos criadores tudo quanto tínhamos e sabíamos e éramos. E quando nos sentimos mais ou menos firmes (mais roídos pelos anos, menos presos ás areias dos espelhos) não hesitámos em verter outro sangue nas palavras. Porque não afirmar que a poesia se nos transformou numa arma? Assim aconteceu comigo. Assim terá acontecido com os outros? «A Doença», de Gastão Cruz; as «Barcas Novas», de Fiama Hasse Pais Brandão; a «Terra Imóvel», de Luísa Neto Jorge; a aventura poética de Teresa Horta, parecem comprová-lo. Penso que muito temos ainda de comum, tal como há seis anos; o que não quer dizer que não haja outros poetas tão próximos de nós como nós estamos uns dos outros.

— Sabemos que tens em preparação uma antologia de «Poemas Públicos». Acreditas na função social da poesia?

— Sem dúvida. A poesia é um grito de amor que nos ajuda a viver. E é sempre coisa social — completa-se, é, no momento em que a utilizam e pela maneira como a utilizam. Um homem é menos pobre depois de ter lido um poema; e um poeta menos inútil depois de ter feito ouvir um seu poema. Creio firmemente na função social da poesia, nas suas possibilidades de libertação, na vertiginosa disciplina do seu universo em movimento, na sua capacidade de nos fazer reaprender a vida, na eficácia dos seus processos de desmistificação, ainda quando a poesia, como pretendia Max Jacob, rompe com todas as explicações. «Poemas Públicos» será apenas uma antologia — o mais clara, o mais funcional, o mais pública possível.

— Que nos diz sobre estas palavras de João Cabral de Melo Neto: «Em lugar de pormos como símbolo da poesia o cavalo de Pégaso, que voa, porque não pomos antes o peru ou a galinha, que não voam?»

— Tenho-me esforçado por aplicar as palavras de Melo Neto na elaboração da minha própria poesia. Mas o poema surge-me, normalmente, no dorso do cavalo de Pégaso; o poema resulta, em primeira mão, de um desregramento, de uma visão, de uma situação instável. De uma certa emoção. Depois é trabalho persistente de cortar-lhe as asas, de arrastá-lo por terra, de arrancar-lhe os excessos, de torná-lo humilde e acessível. É um trabalho de meses, por vezes de anos, a correcção das emoções pelas regras (como queria Bracque)

— O que será «Negação da Morte», o teu próximo livro de poesia?

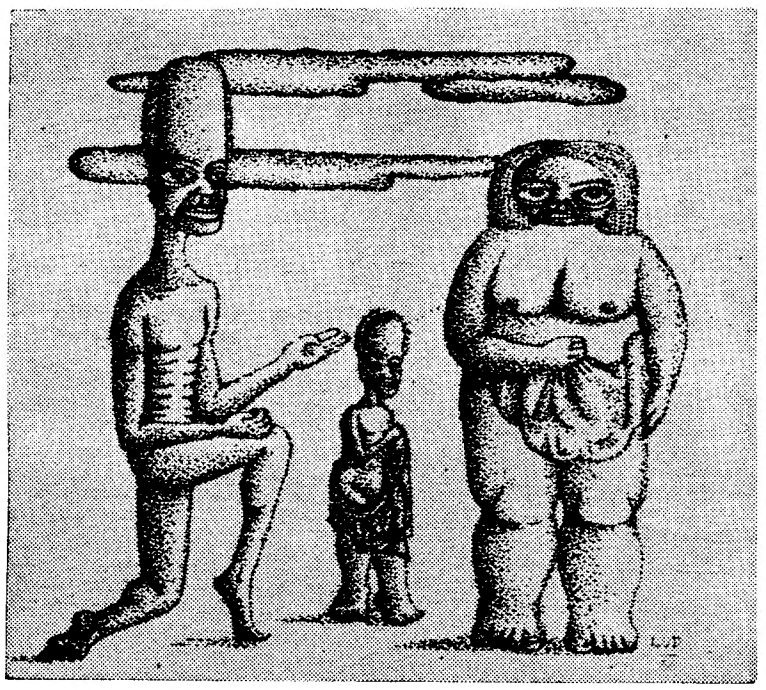
— «Negação da Morte» retomará o caminho iniciado por «Telegramas» e «Novos Telegramas» integrará, depurados até á exaustão, esses poemas. Será um livro de poemas breves, concisos, limitados á expressão mais simples. Mas, sempre que possível, rentes ao solo. E por eles perpassa, insistentemente, uma das ideias-chave da minha poesia: a negação da morte; a pérola que preserva a lágrima; sementes grávidas; o tempo por ela recriado; a face desconhecida; a invenção da infância; o silêncio, a liberdade, a vertigem.

— Tem alguma mensagem ou uma simples palavra para os jovens do «Juvenil»?

— Não tenho palavras particulares para os jovens porque toda a minha poesia pretende ser uma palavra aos jovens. A quem poderá um poeta «abrir-se» senão aos jovens do seu tempo? Em quem poderá confiar senão neles? E não esqueçamos que juventude nada tem que ver com a idade biológica. Sempre a poesia será matéria de juventude — ou então não será poesia. Que se reproduza essa rebeldia, essa tão saudável irreverência...

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

«UMA FAMÍLIA INTELIGENTE» DE LUDGERO VIEGAS PINTO



APONTAMENTOS

DOS DIAS QUE ACABAM

(Continuação da 2.ª página)

dos teus cabelos. Sempre rasgo o peito para os pássaros fazerem os ninhos, e os olhos tirá-los-ei, como me pediste, para que existam faróis em todos os cabos da condição humana. Mas não me peças outras coisas. Não pertenço a mim próprio; o fantasma (simpatizo com ele!) que me habita arrasta-me para o meio das cabeças ululantes e sequiosas... Partamos paralelamente sem nos pedirmos. Sei-te. Isso basta-me. O resto, ora, o resto são as cubículos miudos da interioridade. Se lá cabias inteira, á superfície arranhavas-te. Arranha-te no momento que passa, não no meu pensamento solitário e insatisfeito. Parte paralelamente sem mim...

PALMINHA E SILVA

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Sou filha unica e, devido a uma doença que tive em pequena, vejo bastante mal. No entanto os médicos dizem que o meu grau de visão se manterá, e que posso fazer uma vida normal, inclusivamente estudar, como é corrente entre as raparigas da minha idade e do meu meio.

Ora eu sou uma rapariga alegre, gosto de me divertir, e também tenho uma grande ânsia de saber. O pior é que os meus pais continuam a tratar-me como a uma criancinha doente. Divertimentos, poucos, porque me podem fatigar; estudar, idem, idem, aspas, aspas. Assim, vejo-me obrigada a uma vida insípida, contra a qual me revolto, mas só intimamente, porque não tenho coragem de contradizer os pais. O que me aconselha que faça?

RESPOSTA

Se tudo se passa tal como dizes, penso que tens de ter a coragem de, delicadamente pôres o teu problema aos pais. E, para mais segurança, podes apoiar-te na opinião do teu médico assistente que, mais uma vez, poderás ouvir.

Os teus pais acabarão por compreender que serás mais feliz tendo uma vida normalmente activa do que conservando-te quase imobilizada pela superprotecção que o seu muito amor lhes dita. Se eles ainda não compreenderam isto, é preciso, repito, que tu lhes faças compreender que és uma rapariga como qualquer outra, com as mesmas aspirações e possibilidades.

Tenho a certeza que saberás encontrar as palavras e os argumentos adequados, e que os três acabarão por se compreende.

TIÃO

OS MESMOS DIAS CINZENTOS

(Continuação da 1.ª página)

Rik não respondera, esperando que Sadie acabasse a frase. A humidade balançava no vento agreste. De dentro da casa ouviu-se um gemido.

— Mia! Mia!».

O vulto magro de cabelos escorridos de Sadie deixara o rectangulo de luz da janela. Sózinho, na noite imensa e escura, Rik havia de ter-se sentido oprimido diante do caixilho vazio da janela.

— «Boa noite, Rik».

— Era Nel, o cabreiro. Devia ir ver se o criado tinha mungido as cabras.

— Rik».

— .O que era, Sadie?».

— «O pequenito. Está com medo tenho que ir para a beira dele»

— «O que é que resolves? Eu não te quero forçar, Sadie, mas acho que devias ir. Aqui ninguém gosta de ti. Vives como uma velha e tu és nova, Sadie... tu és nova».

Do fundo da rua, chegara, álacre, o ladrar inesperado de um cão. Rik voltara-se para o lado donde vinha o barulho. Sadie estremecera. Ficara suspensa na distensão da espera.

Tudo acalmara de novo. A quebrar o silêncio profundo da noite ouvia-se apenas o ressonar continuo no quarto ao lado e o bater compassado das patas dos cavalos. O assobio modulado do cabreiro coleia na viração

—«Mia... Mia».

Sadie sabe que tudo seria melhor se resolvesse partir. O tio ficaria com o pequenito.

— «Mia... Mia».

— Já vou, nino. Sossega».

Na rua a carroça guinchara quase imperceptivelmente sob um puxão mais brusco dos cavalos. O cão recomeçara a ladrar alegremente. De longe, respondera-lhe um ganido uivante.

— «Sadie, tenho que me ir embora. Queres que te venha buscar amanhã de manhã?»

— «Não vale a pena, Rik...».

— «Sadie, bem sabes que eu não quero outra mulher».

— Eu não vou, Rik. A outra não vem para junto do meu tio... zangaram-se ontem»

— «O teu tio bebe demais, Sadie. Ele bem sabe que tu existes e que és nova. Anda comigo!».

— Ele sózinho não faz nada, Rik. Não posso deixar o pequenito com ele».

O assobio de Nel, mais agudo feria-lhe os ouvidos. Sentia-o aproximar-se e quase que podia distinguir o rangido da areia sob as suas pesadas botas ferradas.

— «Olá. Rik».

— .Boa noite, Nel».

Depois de fechar suavemente a janela, Sadie recomeçou a varrer. Pouco depois ouviu o rangido já conhecido da carroça de Rik. Percebe claramente o resfolegar dos cavalos nervosos.

— Ai-i-i!

Rik vem-na buscar. Ninguém reprovará Sadie se for com ele. Pára, suspensa.

— «Mia... Mia».

A carroça recomeça a andar depois de ter esperado durante algum tempo. Pelo rosto de Sadie as lágrimas correm vagarosas.

— «Já vou, nino. Sossega!».

O dia começa mais que nunca frio e triste, sob o bafo humido desta chuva miudinha e continua. Nos vidros embaciados da janela distinguem-se apenas duas ilhotas no sítio onde Sadie tinha encostado os seios quentes e rijos. Daqui a pouco nada restará desse calor e as duas ilhotas serão a pouco e pouco resconquistadas pela humidade até tudo ficar cinzento e igual como sempre.

— «Sadie, o meu colete? Onde raio puseste o meu colete».

JOSÉ LIMA

«Pitirrikinho»

Na quietude morna do café, cortada aqui e além pelo tinir de um copo ou de uma chávena, leio com esforço algumas páginas de um massudo e incipiente livro de química.

Pela porta lá ao fundo entram três vultos, que entrevejo através da minha hipotética concentração no estudo.

As três sombras avançam deselegantes pela sala. Sem querer, os olhos afastam-se das complicadas formas e simbolos com que o mestre nos procura convencer da grande utilidade da matéria.

Volto ao trabalho, ainda que por pouco tempo. As três mulheres, porque são três mulheres, atraem-me de novo a atenção.

Assisto interessado, ao cerimonial da ocupação dos lugares. D. Adelaide, a mais velha das três, senta-se, ficando oculta pela montra dos chocolates, que tantas lágrimas tem feito correr a crianças que os papás não querem satisfazer.

D. Herminia, irmã da primeira, dá-me as costas, mais nova e mais forte que D Adelaide, veste-se toda de negro. Do meu lugar vejo-lhe os ombros algo alquebrados pelos anos. É uma mulher calma e fria, de cabelo cinzento a encimar-lhe uma fronte estreita. Olhos azuis pálidos, onde se vislumbra ainda um resto de uma antiga sedução.

Na minha frente, a mais nova. Por mais que me esforce não lhe consigo ouvir o nome. Veste também de preto, mas não trás véu como D. Herminia, usa antes um cachecol aos quadrados azuis e cinzentos, um cachecol de homem, do marido, suponho.

Finalmente, o sacrificado do grupo, o mártir por amor dos filhos que nunca teve, de toda essa ternura maternal, armazenada ao longo dos anos, para esses filhos que o céu não lhe deu — julgo, por instantes, ouvir a sua voz confessar isto. — O «Pitirrikinho», um cão, um pobre cão rafeiro indefinido, de pêlo café com leite desbotado, pertença da mais nova.

Pobre «Pitirrikinho», como deves sofrer com esse amor doentio, como deves sentir a falta da tua vida de cão, como deves invejar esses teus irmãos vadios, sem eira nem beira, que vivem à chuva, furtando um osso de um caixote ou roubando-o num talho, desses teus irmãos perseguidos pelas crianças à saída das escolas, maltratados por adultos violentos ou mal dispostos, mas livres, senhores dos seus actos, das suas acções, dos seus pensamentos, sem terem a ninguém que obedecer, podendo ladrar, correr, amar quando querem e com quem querem. Pobre «Pitirrikinho. A dona puxa uma cadeira e fá-lo sentar-se, o cão não quere, prefere o chão, salta; a dona puxa-lhe a trela, beija-lhe a cabeça mal feita, dá-lhe umas carinhosas palmadas, e o pobre «Pitirrikinho» obedece com um piscar de olhos infeliz.

O criado ouve as encomendas. Duas sandes de fiambre, um chá e duas chávenas, e um copo de leite, morno.

Até certo ponto, estas mulheres têm um ar piedoso que me enternece.

Aproveitando a conversa que elas encetam, o «Pitirrikinho» salta para o chão. Deita-se de baixo da cadeira que lhe destinaram, contente na sua inferioridade canina, mas logo a dona o puxa — «Pitirrikinho», vem cá, não fujas, vem para junto da dona».

Como se o «Pitirrikinho» pudesse fugir, preso pela trela bonita de cabedal verde.

Mas o Pitirrikinho insiste, volta a deitar-se, a dona, levada pela conversa e pela chegada dos alimentos, esquece o bicho.

Causa-me uma sensação de nojo ver a boca desdentada de D. Adelaide morder, gulosa, o pão. Morde com prazer animal, com demasiada gula para a sua idade.

É estranho vê-las falar de um morto, ouvir a mais nova contar que lhe fechou os olhos, que lhe calçou os sapatos — um deles não queria entrar —, diz ela, enquanto morde com irreverência o pão com fiambre. Pareceu-me vê-la morder na carne do morto com a mesma gula, com o mesmo sadico prazer.

— Ajeitei-lhe a gravata, e, calculem, a viúva já ria — zás, outra dentada

D. Adelaide casquinou um sorriso pela boca atafolhada de pão e fiambre.

Alheio a tudo, o «Pitirrikinho» dorme, feliz, no chão de azulejo frio.

Naquela altura a dona desperta-o: — «Ó, *Pitirrikinho*?» — exclama.

A mão puxa forte a correia, o cachorro salta, sobressaltado, do sono em que se achava.

— Ah! Meu pequenino, vem para aqui, vá anda.

E o pobre «Pitirrikinho» lá salta de novo para a cadeira, aceitando, tristemente, a sua servidão canina

Julgo entrever, por momentos, uma lágrima nos olhos do animal.

Pobre «Pitirrikinho»!

PEDRO MARTINS

RETALHOS HOJE: ALBERT EINSTEIN

É certo que os resultados da investigação não enobrecem nem enriquecem o homem; o que o enobrece são os esforços que ele faz pela compreensão, o trabalho intelectual produtivo e receptivo.

— * —

A alegria de ver e compreender é a mais bela dádiva da natureza.

— * —

É uma ironia do destino, que outros homens me tenham testemunhado tanta admiração e estima, sem culpa minha ou merecimento pessoal. Tal facto deve provir do desejo, para muitos irrealizável, de compreenderem as poucas ideias que encontrei com fracas forças, numa luta incessante.

— * —

O ano passado perguntei a um conhecido diplomata americano por que motivo não se impedia o Japão, por meio de boicotagem, de continuar a sua politica de violência. «Os nossos interesses comerciais são demasiado fortes», foi a resposta que me deu. Como se há-de ajudar homens que se conformam com tais verificações? Pensa que uma palavra minha bastaria para conseguir qualquer coisa neste campo? Que ilusão! Os homens só me lisonjeiam enquanto não me torno incómodo para eles. Se tento, no entanto, servir algum fim que julguem prejudicá-los, passam imediatamente ao ultraje e á calunia só para defenderem os seus interesses.

— * —

Determina-se o verdadeiro valor dum homem, observando, em primeiro lugar-, até que ponto e em que sentido conseguiu libertar-se do seu Eu.

— * —

Feliz aquele que atravessou a vida ajudando o seu semelhante, que não conheceu o medo e se manteve alheio á agressividade e ao ressentimento! É dessa madeira que são esculpidas as figuras ideais, que consolam a Humanidade nas situações de sofrimento que ela própria criou.

— * —

Só quando se suprimir a guerra, se conseguirá também realizar a educação da juventude no espírito da conciliação, de alegre afirmação da vida, e de amor para com todos os seres vivos.

— * —

O homem evita geralmente atribuir a outro inteligência — a não ser que se trate de um inimigo.

— * —

É dever do homem de boa vontade tentar incansávelmente e o melhor possivel esta doutrina de pureza humanitária. Se tentar fazê-lo com seriedade, sem se deixar fazer recuar nem aniquilar pelos seus contemporaneos, poderá considerar-se feliz, não só a si como á sua Comunidade.

Selecção PANORAMA

Albert Einstein «Como Vejo o Mundo» — Empresa Nacional de Publicidade; Colecção Excelsior

Fósforo orgânico completamente assimilável

EXTRAIDO DA NATUREZA

* Esgotamento nervoso
* Fadiga intelectual e fisica
* Neurastenia
* Debilidade orgânica

Fósforo Ferrero

Tónico do sistema nervoso • Estimula o apetite • Activa o metabolismo do fósforo e restabelece o estado geral do organismo • Reconstituinte geral de primeira ordem